



# OS NIGHT CLUBS DE LISBOA NOS ANOS 20

JÚLIA LEITÃO DE BARROS

OS NIGHT CLUBS  
DE LISBOA NOS ANOS 20

Ficha Técnica:

Título:

**Os «Night Clubs» de Lisboa nos anos 20**

Autor:

Júlia Leitão de Barros

Copyright © by Júlia de Barros e João Pedro Ferro — Edições, E.I.R.L.

Capa:

Desenho de Almada Negreiros para a capa da música para piano,  
*Old Fool, Fox-trot*, de Camilo Rebocho, Lisboa, Salão Neuparth, s.d. [1923].

Composição e Montagem:

G7 - Artes Gráficas, Lda.  
Telef: 80 80 59 - 80 82 16

Impressão e acabamento:  
Tip. Costa, Lda.

Tiragem: 2000 exemplares  
1.ª Edição, Lisboa, 1990  
Depósito Legal n.º 34 208/90

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa a  
Lucifer Edições, de João Pedro Ferro — Edições E.I.R.L.,  
Av. Óscar Monteiro Torres, 20, 2.º Letra E, 1000 LISBOA

JÚLIA LEITÃO DE BARROS

OS NIGHT CLUBS  
DE LISBOA NOS ANOS 20

LISBOA

LUCIFER EDIÇÕES

1990

## ÍNDICE

Índice .....	7
Prefácio .....	9
Introdução .....	11
1. Os Loucos Anos Vinte .....	13
1.1 Anos de Prosperidade .....	13
1.2. Consumo e Divertimentos .....	14
1.3. Os Anos do Jazz .....	15
2. A Lisboa Cosmopolita do Pós-Guerra .....	23
3. Os Modernos Clubes Nocturnos Lisboetas .....	29
3.1. Os Clubes Vistos pelos seus Contemporâneos .....	29
3.1.1. A Imprensa .....	29
3.1.2. Literatura, Novelas, Memórias .....	34
3.2. O Clube Nocturno: tentativa de definição .....	36
4. Os Clubes e a Cidade de Lisboa .....	43
4.1. Localização .....	43
4.2. O Espaço do Clube Nocturno .....	44
5. Como os Clubes «vivem» o seu Tempo .....	49
5.1. A «Vida» Irregular dos Clubes Nocturnos .....	49
5.1.1 Hora a Hora no Clube .....	52
5.2. O Jogo e os Clubes Nocturnos .....	54
5.2.1. Clubes de Jogo ou Jogo nos Clubes .....	54
5.2.2. À volta da Mesa de Jogo .....	59
5.3. O Restaurante: Púlpito do Cosmopolitismo .....	60
5.4. O Dancing: Palco de Animação .....	64

5.4.1. A «mania» da Dança .....	64
5.4.2. Variando de Espectáculo: as Variedades .....	68
5.4.3. Ocasões Especiais: as Festas .....	69
5.5 O Prazer, a Luxúria e a Invasão nos Clubes Nocturnos .....	71
5.5.1. A Mulher dos Clubes .....	71
5.5.2. A «Maldita Cocaína» .....	76
5.6. A «Fauna» dos Clubes Nocturnos .....	79
6. Os Imprevistos da «vida» dos Clubes .....	85
Conclusão .....	88
Fontes e Bibliografia .....	91
Anexo I — Quadros e Mapas .....	95
Anexo II — Ilustrações .....	103
Anexo III — Aspectos dos interiores dos clubes .....	125
Anexo IV — Comemorações, fotos, etc. ....	137
Índice de Ilustrações .....	147

## PREFÁCIO

A história da vida quotidiana acha-se, em Portugal, ainda nos seus começos. Para além de muito poucos livros e artigos, desequilibrados em relação às épocas, existem somente obras impressionistas, memórias, artigos de jornais, não satisfazendo o rigor e o método da historiografia moderna.

Foi com sensibilidade a esta carência que se instituiu, no Mestrado de História Contemporânea — secção do século XX — da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, um seminário sobre história da vida quotidiana no período de 1900 a 1930. Os resultados de um primeiro ano de actividade foram promissores, com a elaboração de uma dezena de monografias, quase todas publicáveis, sobre aspectos diversos de vida quotidiana, e o começo da preparação de três teses de mestrado, a concluir nos próximos anos.

Uma dessas monografias foi a de Júlia Leitão de Barros, sobre os *Night-Clubs de Lisboa nos anos Vinte*. Escorada em documentação abundante e obedecendo ao que o público espera de um historiador — conquanto jovem — e de um investigador cientificamente preparado, alia à segurança da informação um interesse vivo pelo tema, que vai crescendo de página para página.

É livro para ser lido e apreciado por qualquer público, conhecedor ou não da História.

Por isso o acolhemos com simpatia, felicitando a autora e desejando-lhe um futuro brilhante na historiografia portuguesa.

Lisboa, Outubro de 1989

**A.H. de Oliveira Marques**

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objectivo enquadrar no quotidiano da cidade de Lisboa do pós-I Guerra e, em especial, na década de Vinte, o novo divertimento nocturno: o *Night Club* (clube nocturno).

Procuraremos entender de que forma estes modernos locais de lazer nocturno podem ser considerados produtos dos mitificados «anos loucos» e, simultaneamente, indagar em que medida a sua aparição reflecte as rupturas — sociais, económicas, culturais — operadas na sociedade lisboeta de então.

Começaremos por descrever, de forma sucinta, as transformações sofridas no plano dos divertimentos, a nível internacional.

Só então focaremos a conjuntura social e económica do pós-guerra em Portugal, e o seu impacto no quotidiano da capital, para aí inserirmos o novo espaço de lazer que pretendemos estudar.

Contudo, o grande desenvolvimento de locais de diversão em geral, e de clubes *dancings* em particular, é de tal forma significativo, que optámos por, partindo das contraditórias imagens dadas pelos contemporâneos de clubes nocturnos, ensaiar uma amostragem destes locais, que fosse tão significativa quanto possível destes anos de mudança. Procuramos desta forma restringir o leque de clubes nocturnos, para se não cair na caracterização de espaços que traduziam, no final de contas, realidades distintas.

No estudo do clube nocturno, tentámos ver os limites da sua modernidade. Atendemos à sua localização no tecido urbano da cidade, à forma como utiliza os espaços de que disfruta, qual o tipo de diversões e ocupações que põe ao dispôr dos seus clientes, para, por último, focar quem os frequenta.

Na impossibilidade de consultar os documentos da Câmara Municipal de Lisboa, que nos proporcionariam quer um «cadastro» mais fiel da realidade dos clubes que pretendemos estudar, quer outros elementos como o dos preços praticados ou o das lotações que teriam, etc, centrámos a nossa atenção noutra tipo de fontes alternativas. A saber: a imprensa da época, literatura (romances e novelas), memórias, monografias e bibliografia especializada no tema. Não obstante, foi-nos ainda de alguma utilidade a consulta às licenças camarárias relativas a estes estabelecimentos.

## 1. OS LOUCOS ANOS 20

### 1.1. Anos de Prosperidade

Os «loucos» anos 20, «os felizes» anos 20, constituem um dos mais bem sucedidos mitos contemporâneos. Eles simbolizam o advento da modernidade, seja ela entendida a nível económico, social ou cultural.

Para muitos, os «Crazy years» foram uma outra Renascença, ou mesmo o Iluminismo moderno.

Considerados anos de prosperidade por excelência, os «twenties», após a recessão do pós-guerra em 1920-21, pareciam marcar uma nova etapa dos países mais industrializados, sobretudo nos «Estados Unidos da América (EUA), na Inglaterra e na Alemanha. Novas indústrias desenvolviam-se rapidamente — automóveis, rádios, filmes, aparelhos domésticos e outros — e o público consumia mais do que nunca»<sup>1</sup>.

As tendências nesses países pareciam ser, quer a generalização dos bens de consumo, quer a mudança qualitativa das condições de vida, sobretudo nas cidades, acompanhadas por inovadoras regalias concedidas a grupos sociais até aí esquecidos: aparecem já com frequência as oito horas de trabalho; as férias pagas; as viagens de turismo; uma segurança social mais organizada, etc.

Surgia pela primeira vez o objectivo de alcançar uma sociedade de «abundância», de «bem-estar», sobretudo nos E.U.A., onde a ideia oitocentista, de que o capitalismo tenderia a estagnar ou a afundar-se, era abandonada.

Este fenómeno desembocou necessariamente no carácter cada vez mais urbano da lógica do sistema capitalista. Em 1925-26, pela primeira vez, a

---

1. *Os Grandes Acontecimentos do Século XX*, Lisboa, Reader's Digest, 1979, p. 146.

população urbana\*ultrapassa nos E.U.A. a população rural, o mesmo sucedendo, dois a três anos depois, na Alemanha, Inglaterra e França.

Nos E.U.A., as próprias tensões entre patrões e trabalhadores eram aliviadas, uma vez que a nova estratégia económica parecia ser a de privilegiar o mercado interno, mais controlável e auto-sustentado, aumentando os rendimentos e o consumo em simultâneo. Mas este é um fenómeno tipicamente americano, que só depois da II Guerra Mundial é adoptado pelos países europeus. Daí, que se possa falar de um crescimento desequilibrado dos anos 20, que não é homogêneo, nem no tempo nem no espaço.

«As duas guerras mundiais arruinaram a Europa e colocaram os Estados Unidos na sua posição dominante»<sup>2</sup>.

No entanto, mesmo nos E.U.A. o equilíbrio entre a oferta e a procura não foi conseguido. «A realidade [...] não era tão rósea quanto parecia. Enquanto as novas indústrias floresciam, algumas das actividades mais antigas e mais essenciais — agricultura, extracção de minério, indústrias têxteis, aproveitamento de madeiras — sofriam constantes declínios nos preços [...]. Não obstante, a sensação de prosperidade era real e tinha um efeito intoxicador na moral e nos hábitos americanos»<sup>3</sup>.

Os anos Vinte decorreram, assim, cobertos por uma áurea de prosperidade que ocultava muita miséria e contradições que só no final da década se revelariam.

## 1.2. Consumo e Divertimentos

O surto económico nos países mais industrializados, embora menos rápido do que em alguns momentos anteriores à I Guerra Mundial, transformava, no entanto, de forma mais nítida, a vida quotidiana de todos os sectores sociais destas nações. Uma das razões mais profundas encontra-se no aumento de poder de compra e no conseqüente crescimento das indústrias de bens e serviços de consumo.

O «bem-estar» torna-se, não só mais material, como se redefine, mais claramente, como um direito que deve assistir a todos.

O capitalismo liberal, que então parece explorar tudo o que é rentável, apercebe-se da importância do divertimento enquanto consumo, e surge o

---

2. Antoine Prost, Gérard Vicent, *Histoire de la Vie Privée, de la Première Guerre Mondiale à nos Jours*, vol. 5, dir. Philippe Ariés, Georges Duby, «Univers Historique», Paris, Seuil, 1987, p. 115.

3. *Os Grandes Acontecimentos...*, ob. cit., p. 146.

inevitável: «uma verdadeira mutação cultural se desenha: o que todo o mundo, ricos e pobres, patrões e operários, depois de um século e meio tomaram por essencial, o trabalho, tornou-se o acessório e o acessório, o lazer, tornou-se essencial»<sup>4</sup>.

O sistema capitalista começa então a organizar-se com base no tempo de trabalho (produção) a que se soma o tempo de consumo (divertimento).

«Como é normal numa cultura que deve o seu progresso ao desenvolvimento do lazer, a ênfase é posta nos valores do lazer. Vende-se ainda o trabalho, mas organiza-se a vida em função do lazer»<sup>5</sup>.

Ao fenómeno que surgiu após a I Guerra Mundial, de multiplicação e diversificação de locais destinados a ocupar os tempos livres, não foi alheia a influência americana, que se fez sentir, desde então, em toda a Europa.

### 1.3. Os anos do «Jazz».

O incremento do consumo e o desenvolvimento de uma ideologia de bem estar eram acompanhados por uma verdadeira revolução nos hábitos e nos costumes.

Não só os rendimentos subiam, como a mobilidade social tornava cada vez mais caótica a formalização de novos estatutos sociais. «Um pós-guerra [...] onde se acentuaram, ao mesmo tempo, as características de uma intolerância puritana e de uma liberdade de costumes que parecia roçar a desintegração dos valores tradicionais [...]»<sup>6</sup>.

A democratização de certas regalias e a expansão inovadora de outras, que atrás citamos, contribuía para dinamizar e encorajar o conceito de «progresso» e de «modernização».

Conceptualizações de «mudança» e «ruptura», de «passado» e «futuro», eram então vividas intensamente por largos sectores sociais. Para os intelectuais e artistas, o debate girava à volta da incapacidade de o homem encontrar na razão o seu bem estar. O cepticismo, a crítica e a subversão do

---

4. Maurice Crubellier, *Histoire Culturelle de la France — XIX e XX e siècles* «Collection U», Paris, Armand Colin, 1974, p. 290.

5. *Ibidem*, p. 293.

6. Pierre Leon, *História Económica e Social do Mundo, Guerras e Crises 1914-1917*, vol. V, Tomo I, Lisboa, Sá da Costa, 1982, p. 173.

adquirido passam a marcar as suas obras e formas de vida. Enquanto outros se limitam a constatar a mudança, a combatê-la ou a usufruí-la.

Os E.U.A. que, após a I Guerra Mundial, alcançaram uma posição relevante, conseguiram, pela primeira vez, exportar fórmulas culturais que alcançaram um êxito surpreendente.

Foi talvez através da música *jazz*, até aí ignorada, que a sua influência se tornou mais clara. O *jazz* conseguiu marcar não só o ritmo de uma Nação, como deu o seu nome a toda uma época. Ele era o próprio símbolo do modernismo: subversão, velocidade, alegria, juventude, irracionalidade e impulsividade.

«A moda do *jazz* foi, para alguns, mais um exemplo da decadência de costumes: uma dança como o fox-trot, ritmada pelo «bárbaro» saxofone, não era mais do que uma união sexual “sincopada”. Para outros, o *jazz* foi a música popular da cidade industrial, para outros ainda a manifestação nova de um mundo muito activo, enérgico, trepidante ou então a manifestação da espontaneidade contra o maquinismo, ou ainda uma revolta alegre contra as convenções, ou até a revolta das emoções contra a depressão»<sup>7</sup>.

O grande impacto do *jazz* só é compreensível numa sociedade que se preispõe e incita ao desenvolvimento do consumo de serviços de diversões.

A revolução da música e da dança, que o *jazz* provocou, e que deu o tom «louco» aos anos Vinte, mais não fez do que acompanhar a modernidade que despontava e que exprimia a mudança radical do conjunto de normas sociais, económicas, lógicas, formais, científicas. «Estes anos são chamados de “Idade do Jazz”. O barulho exuberante e a emoção inspirada na nova música pareceu exprimir a confusão inquieta da nova década»<sup>8</sup>.

Cidades como Nova York, Chicago, Londres, Paris, Berlim e Roma, acolhem o novo ritmo entusiasticamente. O *jazz* sistematizaria esta sociedade efervescente, que sofre o choque de dez anos de bonança e inovações múltiplas, exprimindo de forma completa a nova civilização portadora da «democratização» do bem estar, da liberalização de costumes que reclama, mais do que a morte do «passado», a precipitação do futuro.

«Esta liberdade é simbolizada pela *flapper* “garota sem peias” que ostentava um estilo “viver a vida à sua maneira” absolutamente alheio ao da geração anterior»<sup>9</sup>. É a *garçonne* — à francesa — a jovem de cabelo à homem,

---

7. *Ibidem*, p. 180.

8. Leonard Kunstadt, Samuel B. Charters, *Jazz. A History of New York Scene*, New York, Doubleday Company, Inc., 1962, p. 119.

9. Pierre Leon, *ob. cit.*, p. 178.

que fuma, bebe, e se define pelo seu comportamento excêntrico, provocador e desrespeitador de tabús, que eleva o prazer e a diversão a objectivos de vida.

Se procurarmos nestes símbolos de mudança — *jazz*, *fox-trot*, *garçonne* — que tão bem caracterizam os *twenties*, qual foi o espaço social que lhes deu corpo, verificamos que foi o novo local de diversão, o *dancing*, o *cabaret* moderno, o *night-club*, sinónimos de uma vida nocturna revitalizada.

Para uns, o *jazz* é imediatamente associado a «salas cheias de fumo com gente desenfreada»<sup>10</sup>, para outros à «histeria e pistas de dança»<sup>11</sup>, mas todos são unânimes em considerá-lo a música do novo espaço de lazer nocturno por excelência, amado pela sua marginalidade e/ou originalidade.

O *jazz* nasce em *Nova Orleans*, ainda antes da I Guerra Mundial, mas só a partir de 1917, quando o bairro de *Storyville* é fechado, ganha popularidade. Numerosos músicos migram para outras cidades americanas, e Chicago e Nova York acabam por servir de trampolim para a internacionalização do género.

O *jazz* «recebeu o seu maior suporte nos anos 20 a partir do crescimento do rádio»<sup>12</sup>. Este começa a emitir directamente, de *dancings*, hotéis e casinos, as bandas mais prestigiadas. Por outro lado, «a popularidade do *fox-trot*<sup>13</sup> como dança pública foi talvez o maior factor no desenvolvimento de bandas de dança»<sup>14</sup>.

O certo é que os anos Vinte se tornam um período em que todos os sectores sociais dançam, mais ou menos desenfreadamente, ao som do *jazz-bands*. «As danças de Irene and Vernon Castle [...] não eram [...] uma moda de sociedade, eram dançadas em todo o sítio. O *foxtrot* Castle quase substitui qualquer outra dança em popularidade. À volta do *Times Square* havia largos salões de baile, restaurantes, mesmo cafetarias, apresentando música de dança»<sup>15</sup>.

---

10. Bernard Heuvelmans, Jean Tarse e Carlos de Raditzky, *Do New Orleans ao Jazz Moderno*, *O Jazz*, «Marabu — Notícias, n.º 6», s.l., Marabu Notícias, 1967, p. 7.

11. *Ibidem*, p. 8.

12. Albert MacCarthy, *The Dance Band Era. The Dancing Decades from Ragtime to Swing, 1910-1950*, London, Studio Vista, 1971, p. 18.

13. Esta dança surge em 1914 no *Club 400*.

14. Albert MacCarthy, *ob. cit.*, p. 38.

15. Leonard Kunstadt, Samuel B. Charters, *ob. cit.*, p. 119.

Nos E.U.A., «os anos 20 apresentaram o crescimento de bailes de dança, em qualquer (cidade, vila, largo) com uma população razoável»<sup>16</sup>.

No entanto, o mito desta Era do jazz, como é sabido, está neste país manchado pelo «gansterismo», que percorreu toda a década de Vinte, após a proclamação em 1 de Junho de 1919 do *War Time Prohibition Act* (proibição e interdição da fabricação e comércio do álcool), a conhecida Lei Seca.

«Sem nos determos excessivamente na decomposição moral dos meios até aí bem pensantes (médicos desonestos que passavam receitas falsas, farmacêuticos sem escrúpulos que vendiam clandestinamente o álcool medicinal), basta evocar o desenvolvimento assustador da fraude, do tráfico, a constituição de quadrilhas de *bootleggers*, que não tardavam a juntar à sua actividade básica a da extorsão sistemática de fundos por chantagem (*Racket*) e, finalmente, a generalização da corrupção das autoridades (policias, políticos, funcionários e até magistrados). Um bom exemplo do mecanismo da degradação é fornecido pelos *night-clubs*: fruto dos anos loucos, nascidos do jazz e da diversão nocturna, enveredam rapidamente pelo tráfico do álcool e, para evitar perseguição e sanções, obtiveram a “protecção” da polícia e de certos gangs»<sup>17</sup>.

Estes locais de prazer nocturnos estiveram, assim, nos E.U.A. irremediavelmente ligados a uma rede espiral de tráfico, protecção e corrupção, à qual não faltou o comércio de mulheres.

Numerosos *cabarets-dancings* ilegais pulularam toda a América, «o número de *speakeasies* em Nova York foi estimado em [...] 30 000 a 100 000»<sup>18</sup>. A par destes estabelecimentos clandestinos existiam ainda numerosos locais de dança para a elite. «Em Nova Orleans os músicos levavam uma vida dupla. Os pequenos agrupamentos tocavam em locais onde ilegalmente se tomavam bebidas alcoólicas, enquanto os grandes entretinham os salões de dança com a sua música suave»<sup>19</sup>.

A própria música de jazz parecia tomar rumo incerto, que o sucesso de Paul Whiteman tão bem demonstra: «o sucesso da música composta para dança sob o nome de jazz, reflecte a confusão que então começou a aparecer

---

16. Albert MacCarthy, *ob. cit.*, p. 18.

17. Pierre León, *ob. cit.*, p. 178.

18. Leonard Kunstadt, Samuel B. Charters, *ob. cit.*, p. 121.

19. *Os Grandes Acontecimentos...* *ob. cit.*, p. 179.

[...] uma pequena parte da música que eles achavam tão excitante pode ser considerada jazz hoje»<sup>20</sup>.

Mas nos E.U.A., mais do que em qualquer outro país, o jazz era o rei, e atingia níveis de audiência tão vastos como diversificados, permitindo a homens, como Louis Armstrong, dar largas à sua criatividade. Ele, que começara por tocar no *Cabaret 25* em *Nova Orleans*, e que em 1922 se estreara em Chicago, na abertura do *Lincoln Gardens Dancing*, acaba em *Nova York* que por manter uma intensa actividade que lhe permite tocar de tarde e de noite no *Vendôme* «e correr para o *Sunset* e aí tocar até de madrugada»<sup>21</sup>.

O mito americano desta «hora» do Jazz era tudo isto, «ceias bem vestidas e alinhadas do *Lido* e do *Club Montmart*»<sup>22</sup>, o *Cotton Club* onde «com certeza [...] uma das *girls* do programa lhe parecerá tão branca, [...] dum branco apetitosa [...]»<sup>23</sup>, até ao «*Small's Paradise*, um *dancing* negro, bem negro, sem manchas de brancos [...]. Formas vagas e moles que se arrastam, que roçam umas pelas outras, ao ritmo suado e estrídulo dum batuque de azeviche [...]. Criados apocalípticos [...]. Vozes roucas [...] negros de todas as estaturas, de todas as bolsas. Comprimem-se, cantam, choram e riem»<sup>24</sup>.

O jazz chega a Inglaterra em 1917, e também aí encontra um ambiente favorável à sua aceitação: «estes anos entre as duas guerras mundiais na Grã-Bretanha foram notáveis pela popularidade dos *dancings* enquanto entretenimentos de todos os níveis da sociedade. À medida que os *dancings* se multiplicavam loucamente, [...] salas de dança aparecem em muitas cidades com população suficiente para os suportar»<sup>25</sup>.

As principais bandas neste país serviam-se de músicos americanos, enquanto as outras tentavam imitá-los ou aligeiravam a música aos passos de dança que iam surgindo então. «Cada mês, novas e mais excitantes danças [...] eram criadas [...]»<sup>26</sup>.

Os anos loucos do jazz eram aqui representados, antes de mais, por estas danças modernas. Não era só o jazz que se importara dos E.U.A., mas, sobretudo, a sua fleuma e extravagância que se sociabilizava.

---

20. Leonard Kunstadt, Samuel B. Charters, *ob. cit.*, p. 21.

21. *Os Grandes Acontecimentos...*, *ob. cit.*, p. 180.

22. António Ferro, *Mundo Novo*, *Mundo Novo*, Lisboa, Portugal Brasil, 1927, p. 51.

23. *Ibidem*, p. 54.

24. *Ibidem*, pp. 59-60.

25. Albert MacCarthy, *ob. cit.*, p. 30.

26. *Ibidem*, p. 44.

No resto da Europa, o triunfo dos *dancings* surge também indissociável do *jazz* mas é frequentemente conjugado com as novas tendências artísticas. «O *cabaret* necessitava de uma música *canaille*, bárbara, que gritasse alegria e desvairamento, que enchesse a noite de tumulto folgasão»<sup>27</sup>. O *jazz* surgia como o complemento deste espaço, que se quer tão marginal e subversivo, como berrante, ostensivo e vanguardista.

Marinetti, chefe futurista, é o primeiro a defender o *cabaret*, como expressão da arte moderna, no preciso momento em que eram ainda desdenhados pela intelectualidade e pelos frequentadores dos velhos e austeros clubes de elite.

Os jovens artistas, ávidos de espaços onde pudessem expôr o seu exotismo rebelde e bizarro, encontraram nestes locais o que procuravam nos salões acadêmicos. As suas obras foram expostas estridentemente nos *cabarets*, e foi nas paredes destes locais que o cubismo fez as suas exposições.

«Os *cabarets* perderam [...] uma faustosidade que era já monótona e ganharam em alegria, tornando-se mirabolantes, fantásticos, inconcebíveis»<sup>28</sup>.

O que os E.U.A. atingia, sobretudo, com o *jazz*, a Europa conseguia em grande parte pelas artes plásticas: um local moderno e inquietante.

Paris continuava a ser o microcosmos da vanguarda da cultura europeia. Aí, o mito da modernidade era levado às últimas consequências, o *jazz* fora bem recebido, mas combinava-se com muitos outros elementos que a intelectualidade da cidade lhe associava. A miscelânea ecuménica era a base de toda a vivência da cidade: o romance policial americano, a escultura americana, a música russa, a técnica germânica, o desespero italiano, a estridência do *jazz*...

Um dos *cabarets* mais conhecidos era o *Boeuf sur le toit*, nome criado por Jean Cocteau. De início, era um bar de escritores e pintores, depois transformou-se num local de gente *chic* e elegante. A influência americana era sensível, no *Garron*, no *Florida*, no *L'Hermitage*, «o número de sensação é um preto mais ou menos engraxado dançando, que a seguir os brancos imitam»<sup>29</sup>. Em Paris, Josephine Baker fez sucesso com o seu *Charleston*, e a raça negra pareceu, por momentos, dominar a cidade. Mulheres pintavam o rosto e o corpo com ingredientes escuros. E, no *Palermo*, a banda de *jazz* atinge os dez músicos, acompanhados por três bailarinos negros.

---

27. «O Triunfo das Danças Modernas» in *ABC*, 7-10-26, pp. 19-20.

28. *Ibidem*.

29. «O Charleston a Dança em Voga» in *ABC*, 6-5-26, p. 1.

Mas também em Berlim as danças modernas e o *jazz* são bem acolhidas, o *Scala*, «uma piscina de luz»<sup>30</sup> ou o «*Faun*», que reproduz bailarinas em cera, são alguns dos mais concorridos.

Estávamos nos anos loucos, nos anos de expansão dos *dancings*, nos anos acentuados pela euforia de uma mudança de ritmo apressado, na Era do *jazz*.

«Pois não é o *jazz* uma formidável gargalhada?!

Inconsciência?

Desatino?

Loucura? [. . .]»<sup>31</sup>.

---

30. Repórter X, *A Virgem do «Bristol Club»*, Porto, Primeiro de Janeiro, 1927, p. 136.

31. Miriam, «Na Idade do Jazz», in *ABC*, 13-5-26, p. 2.

## 2. A LISBOA COSMOPOLITA DO PÓS-GUERRA

Após a I Guerra Mundial, a pacata cidade de Lisboa vê surgir aqui e ali verdadeiros atentados à sua tranquilidade secular, pautada por brandos costumes. Uma desconhecida e afã disponibilidade para o novo desponta de certos grupos sociais que a guerra engendrara. Na encruzilhada do moderno e do antiquado, entre a tradição e a novidade, o lisboeta debate-se.

Nunca como nesta época a comunicação de fórmulas culturais foi tão rápida, incisiva e alcançou tão grande impacto. O cinema, o automóvel, a publicidade multiplicaram os canais do monopólio ideológico dos países desenvolvidos. A moda, padrão da nova «civilização» moderna que despontava, alterou os costumes, e Lisboa combinou a assimilação do que importava de «fora» com as resistências estruturais — mentais, formais, técnicas, sociais — que herdara.

«Lisboa aristocrática, beata e solene, cheia de latifundiários absentistas, estava a morrer nos anos 20, substituída pela Lisboa burguesa, dos comerciantes e financeiros metidos na política e ligados ao poder»<sup>1</sup>.

O período da guerra e o que se lhe seguiu originaram uma inflação galopante acompanhada por um défice desenfreado, que permitiu o florescimento de um vasto mercado negro, açambarcamentos e especulações múltiplas, nunca antes vistos. Faziam-se e desfaziam-se fortunas, numa rapidez alucinante. O «novo rico» distinguia-se então numa sociedade pouco habituada a uma mobilidade social espectacular.

São «comerciantes, que enriquecem com negócios pouco limpos durante a guerra [. . .] são os industriais que prosperam nas condições favoráveis do pós-guerra, financeiros, especuladores com divisas, jogadores na bolsa e

---

1. António José Telo, *Decadência e Queda da I República Portuguesa*, 1.º vol., Lisboa, A Regra do Jogo, 1980, p. 112

toda uma imensa multidão de indivíduos que subiu à custa dos partidos ou de actividades políticas pouco claras [. . .]. São, em resumo, uma importante parte da burguesia portuguesa, o seu sector mais dinâmico e aguerrido [. . .]»<sup>2</sup>.

O «novo rico» vem, necessariamente, modificar o tecido urbano da cidade, traz consigo a mudança e um dinamismo que abrange múltiplos aspectos do quotidiano lisboeta. O que, aos olhos de muitos, se torna a encarnação dos horrores da modernidade de uma civilização decadente.

Embora, como é sabido, não se possa falar de um aumento de consumo generalizado, como nos países atrás citados, o certo é que o gosto da ostentação e o aumento dos ociosos fazem multiplicar a oferta de muitos bens e serviços. Aumenta o número de joalharias, lojas de luxo, locais de diversão — onde o jogo e a prostituição têm lugar de destaque —, automóveis, e mesmo para alguns excêntricos, surge o capricho do avião privado.

A moral urbana pervertia-se, com o consumo desenfreado. Carvalho Araújo exprimia já em 1918 a sua apreensão: «Nunca foi tão grande o movimento das praias e das termas, nunca as batotas, os teatros, os casinos, as praças de touros, todos os sítios de prazer, estúrdia e regabofe tiveram tão larga concorrência. Nunca as lojas de moda e os estabelecimentos chics fizeram tanto negócio, e nunca a podridão dos snobs e dos dandys das classes altas conseguiu contaminar tão profundamente as classes populares. O vício, a corrupção de costumes, a lepra moral invadem todas as classes e alastram por todo o País como nauseantes nódoas de gordura. Os que enriquecem rapidamente à sombra da guerra, recorrendo a torpes especulações e sujas negociatas, e condenáveis expedientes, à exploração da fome e da miséria de muitos e à imbecilidade dos governos, esbanjam às mãos cheias o dinheiro que tão pouco lhes custou a ganhar e procuram afogar em indigestões de prazer as dificuldades e privações dos largos anos de mediania»<sup>3</sup>.

A literatura pornográfica florescia, e, «em toda a zona da Baixa, alternavam as sucursais de bancos e os escritórios comerciais de empresas recentemente enriquecidas, com as casas de jogos, os bordeis, os bares e as festas particulares»<sup>4</sup>.

Dá-se então o aumento de assaltos e da criminalidade, e Lisboa «nova rica» banaliza a compra de armas por civis. Estava à vista o reverso desta medalha reluzente: ao lado do luxo e da ostentação de uns, crescia a miséria e a pobreza de outros.

---

2. *Ibidem*, pp. 108-109.

3. «A Única Salvação» in *A Fronteira*, 25-8-1918.

4. António José Telo, *ob. cit.*, p. 111.

Não só a capital alargava — a população de Lisboa aumentava 23% entre 1920 e 1930, atingindo quase os 600 000 habitantes —, como surgiram os inevitáveis bairros de lata, já que a migração da província para a cidade atingia por ano as 10 000 pessoas.

O luxo e a privação concorriam lado a lado nesta cidade, que se queria civilizada e europeia.

Apesar de, em 1925, surgirem as primeiras emissões radiofónicas regulares, pela *Estação Rádio Lisboa*, e no mesmo ano se proibir cuspir nos transportes públicos, ou mesmo de já, em 1927, se construir a primeira agência de publicidade moderna, a verdade é que Lisboa sustentava ainda o peso estrutural do seu provincianismo. Como afirmava a revista *Contemporânea*, era ainda necessário «civilizar gente».

O lado «aldeão» da capital transparecia por vezes de forma conflituosa. Prova disso são os distúrbios causados, em Janeiro de 1927, pela apresentação da *Garçonne*, no teatro *Trindade*: «A cada uma das scenas mais imprevistas da peça ouvia-se na sala um sussuro de reprovação que logo era acalmado com o «chiu» dos que estavam agradados [. . .] Dos insultos passaram os partidários das duas correntes a vias de facto [. . .]»<sup>5</sup>.

A despeito do jornal *ABC* afirmar em, Junho de 1926, «há uns anos era quase um fenómeno ver-se uma mulher ao volante [. . .]. Mas hoje tudo se modificou e são comuns, vulgares, os automóveis por Lisboa, levando dentro apenas um vulto feminino»<sup>6</sup>, o facto é que o mesmo jornal também adiantava em Agosto, «actualmente devem existir entre nós dez senhoras. . . automobilísticas»<sup>7</sup>.

É necessário, por isso, contrabalançar os excessos e procurar um equilíbrio entre o que mudou e o que permaneceu inalterável.

Se atendermos ao plano das diversões, que é o que nos interessa, constataremos que a zona «civilizada», mais frenética e agitada, se reduzia ainda ao estrito espaço da Avenida da Liberdade, do Rossio e do Chiado.

Era a esta área que o mundanismo cosmopolita afluía. «O mundo parisiense, *survolté*, modelo longínquo, respondia caricaturalmente ao Chiado lisboeta, com suas casas de chá das cinco, onde se vinha de automóvel com *chauffeur* de libré, elas, e eles arvoravam monóculo e eram tenentes e

---

5. «No teatro Trindade» in *Diário de Notícias*, 13-1-27, p. 2.

6. «Lisboa na Idade dos Taxis» in *ABC*, 24-6-26, pp. 12-13.

7. «A Mulher ao Volante» in *ABC*, 26-8-26, p. 15.

advogados recém-formados, talhados para o *flirt* [...] Mas a *Trianon* e a *Garret* eram locais eleitos do Chiado»<sup>8</sup>.

Os chás do *Hotel de Inglaterra*, no Rossio, os bailes do *Clube Naval*, as corridas de cavalos no Campo Grande continuavam a responder a uma outra elite, mais aristocrática, que não estava no entanto livre de ser permeável à «intromissão» do «novo rico».

Mas vejamos mais de perto outras diversões. O teatro mantinha o seu papel fundamental na vida lisboeta. O *Trindade* reabria em 1924; o *Ginásio* era reconstruído em 1925; na sala do novo *Tivoli*, António Ferro criava o seu *Teatro Novo*; e o *Politeama*, o *Avenida*, o *Apolo*, o *Eden*, o *Maria Vitória*, o *Variiedades*, o *Nacional* mantinham a tradição oitocentista, — todos eles localizados na zona atrás citada.

O cinema, como então se passou a chamar ao animatógrafo, traduzia já as novas aspirações da cidade. Ao lado do *Salão Ideal*, do *Condes*, do *Olímpia*, do *Chiado Terrasse*, do *Central Cinema*, do *Odéon*, da inauguração do *Tivoli* em 1924, e da reconversão do *Teatro S. Luís* em cinema — todos na área compreendida entre a Avenida da Liberdade e o Chiado —, surgiam as primeiras tentativas de descentralização das diversões para novos espaços: nas Avenidas Novas, aparecia o *Trianon*; no Alto Pina, o *Max Cine*; na Almirante Reis, o *Lys*; na Graça, o *Royal*; e em Campo de Ourique, o *Europa*.

Mas continuavam a ser os cafés os locais por excelência do convívio lisboeta. E, inevitavelmente, os mais representativos localizavam-se na Baixa.

«Lisboa tinha as suas figuras populares, imediatamente reconhecidas onde quer que aparecessem. Todas frequentavam o café. Diziam os jornais que, de certo modo, a vida nacional gira à volta de uma chávena [...].

Em 1920, a *Ilustração Portuguesa* distribui assim as características de cada café:

«A *Brasileira* do Chiado e o *Martinho* são cenário de escritores e artistas; o *Chave d'Ouro* e a *Brasileira* do Rossio são os pontos de reunião dos políticos; o *Suisso* é dos toureiros; o *La Gare*, talvez pela excelência dos seus bancos almofadados, dos *flirteurs*; o *Royal* dos estrangeiros. Cada um tem a sua elite, as suas personalidades, os seus ídolos»<sup>9</sup>.

Os restaurantes, as cervejarias, as casas de chá são também monopólios da mesma zona de Lisboa. E mesmo os hotéis dignos desse nome, como afirma Raul Proença «estão situados na Baixa e imediações, não havendo nenhum nas Avenidas Novas e nos bairros excêntricos»<sup>10</sup>.

---

8. José Augusto França, «Sondagem nos Anos 20 — cultura, sociedade, cidade» in *Análise Social*, vol. XIX (77-78-79), 1983 — 3.º, 4.º, 5.º, p. 840.

9. Marina Tavares Dias, *Lisboa Desaparecida*, Lisboa, Quimera, 1987, pp. 95-96.

10. Raul Proença, *Guia de Portugal, Generalidades, Lisboa e Arredores*, Lisboa, B.N.L., 1924.

A mesma tendência era visível nos clubes nocturnos que abordaremos a seguir.

Poderíamos dizer que a cidade só lentamente crescia. Utópicas obras, como a do metropolitano em 1921 e 1925, ou a da ponte sobre o Tejo, não saíam da gaveta: «[...] as reportagens fotográficas mostravam ruas vazias ladeadas de prédios hirtos, quase fúnebres, desde que se saísse do centro para o Conde Redondo, para as próprias Avenidas Novas»<sup>11</sup>.

Lisboa era o espelho das contradições da própria sociedade portuguesa: de um lado, a cidade faustosa, cosmopolita e corrupta, do outro as «serras», a «provincia», os latifundiários, a aristocracia decadente que mantinham os seus arraiais nessa «cidade outra», pacata e perplexa perante a estridência de um novo mundo que se anunciava.

Não é, contudo, sem razão que António Telo afirma que «os loucos anos vinte tinham chegado em força a Portugal»<sup>12</sup>. Surgiam, na realidade, em muitos aspectos da sociedade portuguesa, autênticas novidades e rupturas com o passado.

Talvez um dos fenómenos reveladores desta mudança seja o despontar de uma vida nocturna na cidade, em temos «europeus» e modernos, e aqui a chegada dos clubes nocturnos que iremos estudar tem alguma coisa a dizer.

Em 1927, o *Diário de Notícias*, afirma: «Já lá vai longe o tempo em que Lisboa à noite se assemelhava a uma aldeia em ponto grande. A vida nocturna de então reduzia-se exceptuando os teatros, a dois ou três cafés, mal iluminados e onde se morria de aborrecimento. Presentemente tudo mudou. Hoje vive-se mais de noite do que de dia. Os atractivos dos clubs que, de dia para dia, mais fascinam os seus frequentadores, constituem a mais interessante distracção da capital»<sup>13</sup>.

Retirando a eventual carga hiperbólica desta afirmação, fica-nos, no entanto, a certeza de que algo tinha mudado. Lisboa via multiplicar estes locais de prazer que a guerra trouxera para a Europa e que os portugueses importavam.

«Mas eis que um dia, em 1915 ou 16, abre em Lisboa o primeiro *cabaret* a sério — misto de club, de *dancing* e de casino [...]. Até àquele dia — aos noctívagos que queriam balbúrdias folias, não se ofereciam outros centros de expansão do que uns pacatos restaurantes galegos, bafejando a gorduras de cozinha de aldeia, ou uns bailaricos, enxameados por criadas de servir e cortesãs de chinela, mais em conta na rua do que ali...»<sup>14</sup>.

---

11. José Augusto França, *ob. cit.*, p. 843.

12. António José Telo, *ob. cit.*, p. 113.

13. «Os clubs de Lisboa» in *Diário de Notícias*, 20-5-27, p. 2.

14. Reinaldo Ferreira, *Memórias de um ex-morfinómano*, Lisboa, Ed. dos Herdeiros, 1956, pp. 95-96.

### **3. OS MODERNOS CLUBES LISBOETAS**

#### **3.1. Os «clubes» vistos pelos seus contemporâneos**

Tendo o presente capítulo como principal objectivo definir quais os locais que devem ser por nós considerados «modernos» clubes nocturnos, considerámos importante começar por avaliar as imagens dadas pelos contemporâneos destes locais.

Esta abordagem terá dois objectivos. Por um lado, avaliar em que medida os clubes nocturnos eram associados às mudanças culturais, rupturas sociais e subversão de costumes então operados — só assim, poderemos partir para o estudo destes locais, com a certeza de que estamos a tratar de um espaço de diversão moderno —, e por outro, procurar entender qual o impacto destes nos espíritos da época.

Depois da breve abordagem da complexidade económica, social e cultural que caracterizou o período do pós-guerra, facilmente nos apercebemos da larga controvérsia que o despontar de um novo espaço de lazer obrigatoriamente geraria entre os diversos sectores da sociedade.

Foram muitas e contraditórias as referências encontradas. Sendo assim, podemos partir com a certeza de que os clubes tiveram um papel importante na animação do tempo de lazer dos lisboetas, e, pelo menos alguns, despertaram tanta indignação como aplauso.

##### **3.1.1. A Imprensa**

Em toda a imprensa que tivemos oportunidade de consultar, os clubes nocturnos são objecto de um particular atenção. E, no conjunto dos jornais

analisados, foi-nos possível tipificar três posições distintas face a esta nova diversão lisboeta:

- a) o clube como sinónimo da moderna civilização europeia;
- b) o clube visto como um antro de depravação moral e física que estende tenebrosamente as suas garras a todas as camadas sociais;
- c) o clube como um fenómeno civilizacional tipicamente europeu que, afinal de contas, não conseguiria ter verdadeira expressão na pacata sociedade lisboeta.

Para a imprensa que celebra elogiosamente o advento do clube nocturno, ele surge como a verdadeira expressão da mudança cultural em curso, subestimadora do antigo primado do trabalho e adepta da valorização do ócio e dos tempos livres.

Nesta categoria de símbolo da civilização, a imagem do clube é veículo do esteriótipo vivencial que a nova cultura do lazer procura construir. A transformação dos hábitos da vida em sociedade seria, não só, inevitável como uma estimulante e louvável empresa de adaptação. Dizia o *Notícias Ilustrado*, em 1929, que «em toda a parte do Mundo onde se vive com elegância e requinte, [...] o dancing é o espaço mais moderno e diferente deste século XX tão dinâmico e intenso»<sup>1</sup>.

A civilização surge plena de surpresas, de mudanças e esperanças renovadas, alucinante e em movimento imparável, mensageira de tempos melhores e conselheira de receitas de bem estar. «O dancing com os seus aspectos nocturnos, com a sua feérica expressão, plenamente garrida e toucada de luzes, com mulheres de bocas em brasa entre champagne e acordos de «jazz» — o «dancing», o «cabaret», é hoje uma necessidade da civilização contemporânea»<sup>2</sup>.

Esta imagem dignificadora do clube nocturno é ainda visível na forma como se exprime a moda feminina na imprensa. Ela valoriza, não o espaço de trabalho, mas o de divertimento. Para a moda, o tempo é festivo, e o espaço é, em grande parte, o do clube nocturno.

Por outro lado, o número de respeitáveis homenagens, jantares, bailes e festejos que se realizam nas salas dos clubes fornece-lhes uma imagem que facilita a integração destes no quadro da sociabilidade privilegiada da elite. «À maneira do que se faz nas grandes e animadas cidades da Europa

---

1. «Gente que se diverte» in *Notícias Ilustrado*, 17-2-29, p. 20.

2. *Ibidem*.

civilizada e culta, Lisboa também neste baile conseguiu reunir [...] a aristocracia portuguesa com os artistas de maior valor»<sup>3</sup>.

Mas a imagem do clube surge amplamente favorecida com as referências que alguns jornais fazem aos *dancings* mais importantes. O *Maxim's* surge descrito como o local onde «pode levar-se confiadamente o mais viajado turista, sem receio de confrontos humilhantes com o que de melhor existe, no género, lá fora. [...] o seu jazz band grita alegria [...] o ambiente é, de luxo, conforto e comunicativa alegria»<sup>4</sup>. E, quanto ao *Bristol* fala-se [...] duma auréola brilhante das salas da [...] elegantíssima casa de diversões que toda a Lisboa mundana conhece»<sup>5</sup>.

Em Janeiro e Fevereiro de 1925, o *Diário de Notícias* enceta mesmo uma campanha dignificadora do clube: «[...] esses clubes são de facto um ornamento digno da capital, uma nota indispensável para a vida nocturna da cidade»<sup>6</sup>.

Falavam em nome da Lisboa cosmopolita, mundana, moderna e civilizada, que seguia ao ritmo hilariante das outras cidades europeias, para quem os clubes não só tinham uma função louvável como a desempenhavam dignamente.

Noutra imprensa, todavia, o clube nocturno surge frequentemente como a expressão acabada da decadência civilizacional. Antro de vícios — prostituição, droga, jogo, etc. — lugar privilegiado de excessos, extravagâncias morais e físicas.

Na prosa tenebrosa da *Revista Europa*, descrevia-se assim o ambiente dos *dancings*: «na roda de gente de rostos contraídos, uns, mais perto, olhos cocaïnados de pasmo, faces cavadas pelo escopo dos paraísos vedados, outros, mais longe, atirados para os cantos, para as paredes, em atitude de cariátides dolorosas [...]. Depois, o homem das contorsões, que todos fitavam gulosamente com a curiosidade doentia dos especuladores das tragédias anónimas da vida, lançou no ar outro grito [...] como que hiperestasiados por algum afrodisíaco subtil, espécie de excitação masoquista, proveniente daquela bárbara violação de som, arrancharam-se aos pares, naquele falso passo de dança no grande lupanar doirado, casa, jaula, e ante-câmara da morte»<sup>7</sup>.

---

3. «O que foi o baile das artes» in *Notícias Ilustrado*, 21-4-30, p. 4.

4. «As agradáveis noites do Maxim's» in *Notícias Ilustrado*, 28-12-30, p. 20.

5. «Amparito Medina» in *Domingo Ilustrado*, 28-12-30, p. 20.

6. «A reabertura dos clubes», 21-2-25, p. 4.

7. João de Sousa Fonseca, «A loucura do jazz» in *Europa*, Junho de 1925, n.º 3, pp. 7-8.

O clube surge, assim, como o palco onde desfilam a miséria e a corrupção, local amaldiçoado e satânico por excelência, destruidor implacável de vidas honestas e trabalhadoras que se desgraçam quando a ele recorrem em momentos de inconsciente aflição ou tédio.

As novelas policiais e romanescas dedicam-se a descrever pormenorizadamente os percursos das inofensivas vítimas: mulheres humildes que se «perdem», maridos fiéis que se desviam pelos labirintos da volúpia e do luxo destes locais de prazeres vários: «Mas numa noite, após um jantar entre os colegas, foi atraído pela ideia do dancing [...] o seu destino quis que conhecesse Amélia [...] mas não sabia o desgraçado que naquela linda mulher albergava uma alma perversa de hiena esfomeada»<sup>8</sup>.

O clube, dentro desta perspectiva condenatória, é também frequentemente explorado como local de encontro da «multidão inebriada», atordoada e ruidosa, símbolo do decair de uma «civilização [...] em que a sensibilidade se aguça doentamente»<sup>9</sup>, perversamente e subversivamente. Não faltam os exemplos de crítica ao novo mundanismo cosmopolita que o clube representa. Embora com o intuito de alertar as classes mais desfavorecidas para os [...] onde se apalpa a vida superficialmente, analisando-a através da máscara das atitudes postizas, é lugar preferido do mundanismo civilizado do século XX que procura na convivência anónima a razão maior da distração»<sup>10</sup>.

Nesta categoria de crítica poderíamos, ainda, colocar a série de artigos de carácter pedagógico que o jornal *A Batalha* dedicou à vida nocturna lisboeta. Embora com o intuito de alertar as classes mais desfavorecidas para os excessos dos mais privilegiados, o certo é que nesta visão se enquadram vários sectores de esquerda da sociedade portuguesa.

Desmascaram a futilidade e imoralidade da vivência mundana: «para complemento da sua ilustração pseudo-linguista frequentam os «Monumental», os «Maxim's», os «Palaces», [...] ao mesmo tempo que lhes poupam o trabalho de despejar os bolsos em coisas proveitosas porque perante a eloquência duma dúzia da roleta [...] não há que hesitar»<sup>11</sup>.

---

8. «A roleta da morte» in *Notícias Ilustrado*, 4-5-30, p. 3.

9. «O renascimento do bailado» in *ABC*, 6-1-27, p. 14.

10. «Scenários» in *ABC*, 25-8-27, p. 16.

11. «Aspectos de Lisboa. Gente de Bom Tom» in *A Batalha*, 25-8-24, p. 3.

Nos mesmos jornais, no entanto, era frequente surgirem vozes discordantes acerca deste assunto. Afirmava esta terceira posição a necessidade dos clubes nocturnos, mas considerava desalentadamente não existirem em Lisboa estabelecimentos dignos desse nome.

Para o jornal *ABC*, «cada época, cada civilização, tem o seu divertimento próprio [...] a nossa época complexa e trepidante tem uma diversão [...] característica, inédita, que não tem antecedentes [...] Queremos falar do cabaret [...] local que só pode ser frequentado por gente bem disposta, o cabaret é a mais democrática das instituições, nele todos são iguais. [...] Portugal é um país de gente triste, irritada e mal disposta, os portugueses bocejam todos depois do jantar [...] é pois preciso modernizar as nossas cidades dando aos clubes a feição nítida de cabarets, criando quanto antes essas lanternas mágicas de alegria»<sup>12</sup>.

São inúmeras as críticas à falta de animação dos nossos clubes: «Não há alegria nem movimento, os grupos moíam um «fox-trot», e vinte e três homens discutiam à volta de uma única mulher com toda a aparência de homem»<sup>13</sup>. Para Henrique Roldão, os clubes estavam vazios: «lá estão apenas duas raparigas que dormem, um «jazz band» que toca e um inglês que bebe»<sup>14</sup>. Era o tédio: «o Pândega-Club é uma casa onde Lisboa despeja todos os que precisam de se aborrecer [...]. Em volta das mesas estão os pândegas, os estroinas, os boémios, que se vêem muito atrapalhados para não dormir a sono solto»<sup>15</sup>.

Estas vozes críticas e cépticas acusam a noite lisboeta de um desconcertante provincianismo: «o que são os nossos restaurantes, os nossos clubes? [...]. Onde estão esses instrumentos ensurdecadores, barulhentos, com gritos selvagens, e esses assobios e gargalhadas [...]. Falta a alegria em Portugal. [...] E alguém que seja alegre, que necessite de uma gargalhada sadia, tem de ir ao estrangeiro procurá-la»<sup>16</sup>.

Para este ponto de vista, Lisboa estaria, afinal, longe de ser o centro cosmopolita e de animação nocturna que a demais imprensa louvava ou censurava.

---

12. Cabarets» in *ABC*, 8-9-27, p. 20.

13. Henrique Roldão, «Crónica Alegre» in *Domingo Ilustrado*, 15-2-25, p. 3.

14. *Ibidem*, 16-8-25, p. 3.

15. *Ibidem*, 18-1-25, p. 3.

16. «As férias elegantes» in *ABC*, 9-9-26, p. 6.

### 3.1.2. Literatura, novelas, memórias . . .

Os grandes escritores contemporâneos parecem não ter prestado muita atenção à vida nocturna lisboeta dos anos 20. Se exceptuarmos Almada Negreiros, Raul Brandão e José Rodrigues Miguéis, todos os outros autores por nós consultados fazem parte de uma sublitteratura, com grande sucesso em Portugal, que através de novelas romanceadas demonstra ter um claro intuito moralizador e «pedagógico».

O *Nome de Guerra* de Almada Negreiros é o único que elege a urbanidade e mitifica o quotidiano boémio da cidade. Para ele, o *cabaret* moderno, é um local de reconciliação do «Eu» com todas as suas aspirações mais secretas e impulsos renovadores — «Mas o Antunes ainda ia no aperto de mão à rapariga. Não tinha reparado em nada que fosse dela, mas havia-lhe ficado um começar não sabe de quê. Ele ainda não sabia acompanhar aquelas velocidades [ . . . ]»<sup>17</sup>.

Todos os outros escritores se preocupam em dar uma imagem decadente e podre dos clubes nocturnos. O próprio Raul Brandão é peremptório «Essa sociedade anticristã, que aí está, não merece ser poupada: não só não crê em Deus como só crê na matéria e no gozo»<sup>18</sup>.

Mas a sublitteratura de que falámos, que teria como primeiro destinatário a pequena e média burguesia de então — ávida de penetrar nos mistérios e misérias dos mais privilegiados, disponível para sensacionalismos vários — não se poupava a descrever o ambiente de *déboche* e miséria humana, que, como diziam, eram a verdadeira «alma» dos clubes.

Augusto Navarro, no seu livro *A bailarina loura*, descreve o clube como «cenário esplêndido das mulheres e dos artistas. Licores que embriagam e levam, sorrindo e cantando à loucura [ . . . ]. Joias que fosforejam e atraem, que relampejam em clarões de beleza, atrás dos quais corremos esquecidos de nós próprios»<sup>19</sup>.

Alertam para a falsidade de uma alegria fácil e para o implacável naufrágio de quem ousa seguir a tentação de um ingénuo impulso da curiosidade. Assim, de início, é normal a admiração — «o rapaz ficou maravilhado com o aspecto de tudo aquilo que só conhecia dos romances»<sup>20</sup> —, segue-se

---

17. Almada Negreiros, *Nome de Guerra*, «Romances Portugueses — Obras Primas do Sec. XX», Lisboa, Círculo dos Leitores, 1987, p. 20.

18. Raul Brandão, *Vale de Josafat, Memórias*, Vol. III, Lisboa, Perspectivas & Realidades, s.d., p. 83.

19. Porto, Ed. Livraria Civilização, 1925, p. 16.

20. Mário Domingues, *O preto do Charleston*, Lisboa, Ed. Guimarães, 1929, p. 13.

um período de integração e sub ao meio — «havia quatro ou cinco noites que não ia ao clube e notou com espanto que principiara a habituar-se àquela noite boémia. O dancing fazia-lhe falta. Queria esquecê-lo, resistir à sua perversa sedução mas, vencendo os seus propósitos pacatos, o ruído do jazz, a volúpia do álcool, enviavam-lhe apelos irresistíveis»<sup>21</sup> —, e, por fim, vem o arrependimento, a resignação e consciencialização da decadência física e moral em que se encontram — «estive na Norte América [. . .]. Sei, meu amigo, o que é a civilização. Foi ela que me transformou no trapo inútil, sujo de taras, que sou hoje. Foi a civilização que criou os cabarets, o jogo, as Odetes, a morfina, a cocaína e a cadeira eléctrica»<sup>22</sup>.

Todas estas novelas seguem o mesmo modelo de vivência no clube: tentação — pecado — perdição.

A crítica aos novos costumes que despontavam e à nova civilização que se anunciava é exemplarmente descrita por João Ameal no seu romance *Os Noctívagos*. Opondo-se ao *Nome de Guerra* de Almada Negreiros, contrapõe a vida irremediavelmente corrupta da capital à vivência rural, essa sim, regeneradora e redentora: «com o Maxim's viera o whisky habitual, viera o sonambulismo das noitadas — horas de vício e paralisia mental, escoadas como gotas de narcótico perigoso naquele meio falso de cabaret»<sup>23</sup>.

A partir dos vários posicionamentos — de jornalistas, políticos, escritores, etc. — por nós encontrados, tornam-se claras as características contraditórias de uma sociedade que assistia, quer ao ressurgimento de uma intolerância conservadora, quer à explosão de uma liberdade de costumes desintegradora dos velhos valores tradicionais.

Símbolo da decadência e da degeneração civilizacional para uns, o clube surge também como sinónimo do vigor, vitalidade, prosperidade e dinamismo da sociedade ocidental do primeiro pós-guerra.

Se podemos partir já com a certeza de que existiram modernos clubes nocturnos em Lisboa, surge-nos no entanto a dúvida se o conceito de clube não seria, por vezes, associado a espaços de lazer que correspondem a realidades culturais e sociais distintas.

---

21. *Ibidem* p. 157.

22. *Ibidem*, p. 176.

23. Lisboa, Ed. Lvmen, 1924, p. 210.

24. Lisboa, Ed. João Romano Torres, 1925, pp. 7-8.

### 3.2. O Clube Nocturno Lisboaeta: Tentativa de Definição

As imagens dadas pelos contemporâneos da vida nocturna nos clubes lisboetas permitem-nos retirar uma primeira conclusão: este novo espaço de lazer era, voluntariamente ou não, associado a outros locais de divertimento. As contradições e ambivalências das descrições encontradas denotam, é certo, propósitos de caricaturar estes novos espaços, mas partem também de dificuldades múltiplas de conceptualização «clube nocturno».

Também nós deparamos com diferentes contrariedades na busca de uma definição selectiva, que nos permitisse estudar quais os clubes nocturnos lisboetas que, na década de 20, trouxeram a Portugal um rasgo do que, lá por fora, se chamou os *crazy years*, em suma, onde se encontra o ambiente tão característico de toda uma época.

As fontes dispersas e incompletas obrigaram-nos a prescindir de uma descrição cabal dos clubes e a optar por uma amostragem, tão significativa quanto possível, a partir do material disponível.

A informação encontrada <sup>1</sup> limitou-nos a recolha a um leque de estabelecimentos que apostavam na divulgação publicitária — *Anuário Comercial*, *Imprensa*, ou que usufruíam da utilização de telefone — *Listas telefónicas*. A ausência quase completa de referências em memórias e monografias, de elementos precisos sobre a vida nocturna lisboeta, conduziu-nos à quase impossibilidade de recolher exaustivamente dados sobre estes estabelecimentos <sup>2</sup>.

Como Félix Correia alertava em 1927, «há duas espécies de «clubes»: os dos bairros, pequenas reuniões, em que as famílias se aumentam, se relacionam, se entrelaçam; e os da Baixa, os «clubes» cosmopolitas, em que a gente não sabe que língua fala nem de que terra é, . . . Nestes últimos, ao contrário

---

1. As fontes utilizadas foram as seguintes: *Anuário Comercial* (1920 — 1930); *Lista Telefónica de Lisboa* (1913 — 20); João Paulo Freire, *Lisboa do meu tempo e do Passado*, Norberto de Araújo *Peregrinações*, Raul Proença, *Guia de Portugal*; Pacheco *Roteiro de cidade de Lisboa*, *Lisboa Guia Ilustrado de Carteira*; *Album de Portugal*; Paulo Pina; *Cronologia do Turismo Português 1900 — 1929*; Manuel Antunes; *As memórias do chefe de polícia Pereira Santos*; *Imprensa: O Século*, *Diário de Notícias*, *Diário de Lisboa*; *Reporter X*, *o ABC*, *o ABC a Rir*; *Ilustração Portuguesa*, *Europa*, *Belém Club Contemporânea*.

2. A agravar esta situação, surgiu-nos ainda a impossibilidade de recolher, nos Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, os documentos entregues à Repartição da Fazenda da Câmara, que declaravam por escrito a lotação e preços normais praticados. O Edital de 31 de Agosto de 1918 obrigava os empresários das casas de espectáculos e diversões à sua apresentação no acto de licenciamento.

do que sucede com os primeiros, as famílias, longe de se fazerem, desfazem-se. E surgem, então, os lares «à côté», lares que duram um momento e que morrem num ciúme de um tango, como nasceram na alegria de um «paso doble».

O «clube» de bairro dá o namorico — e às vezes vai até ao casamento [...].

O «clube» do bairro é o divertimento pacato, familiar, o da Baixa é a estúrdia, a orgia, a loucura — o «jazz-band» [...].

O essencial num «club» [da Baixa] é esta trindade atraente: a mulher, a dança e o «champagne» [...].

Isto é o exterior do «club». Porque a sua alma está por detrás desses encantos: está na «roda» a que os donos chamam a sorte e os parceiros chamam azar»<sup>3</sup>.

São estes locais — «da Baixa» — onde se dança o *fox-trot*, se ouve o *jazz-band*, se flirta, se joga e se bebe «champagne», que pretendemos estudar.

Somos, por isso, obrigados a tentar compreender qual o conteúdo da palavra Clube em Lisboa nos anos 20. Este albergava realidades distintas:

a) Clube com fins comerciais, lucrativos, que funciona como ponto de reunião, onde a dança, o jogo, o serviço de restaurante e os espectáculos se entrecruzavam.

Local onde o direito de admissão não seria restritivo a um grupo de sócios quotizados, mas a uma relação meramente circunscrita à possibilidade de pagamento, quer à entrada do clube de uma quantia determinada, quer das despesas efectuadas no usufruto das várias diversões que o clube apresentava. E o seu fim não ultrapassa o da recreação com fins lucrativos, não implicando a definição de estatutos que restringissem as admissões ou alargassem os seus objectivos. Chamemos-lhes Clubes de tipo A (ver anexo — I).

b) Clubes recreativo, bairrista ou não, que funcionava com um fim determinado, fosse ele cultural, desportivo, político, artístico, etc.

Implicava a elaboração de estatutos bem definidos, que lhe conferiam um fim, que estabeleciam as formas de admissão e o modo como regeriam as suas finanças, normalmente por quotas, jórias, doações, etc., mas sem qualquer objectivo lucrativo que ultrapassasse a mera melhoria das condições da associação. Chamemos-lhes clubes de tipo B.

---

3. «Crónicas de Verão. As noites de Lisboa depois da meia-noite nos «clubs» bairristas e nos «clubs» cosmopolitas» in *Diário de Lisboa*, 13-7-27, p. 14.

No entanto, entre as duas categorias acima referidas existiam numerosas casos de estabelecimentos de tipo intermédio, que surgiram neste período, devido, não só ao aumento do consumo destes serviços de diversão, como às cada vez mais alargadas perspectivas de lucro.

Foi inevitável o «abastardamento» dos clubes de tipo B. Para tal, muito terá contribuído a clara cumplicidade da sala de jogo e do *dancing*.

Na imprensa, o clube é sempre considerado um local de jogo. O *ABC a RIR*, de 7 de Maio de 1921, afirma sobre os assaltos da polícia, «[...] não servem para nada [...]. Entram nos clubes e a cousa é certa. Pares bailando, fulano com bebidas e a respeito de jogo nem migalha»<sup>4</sup>.

A componente do jogo aliado ao *dancing* leva-nos a reflectir na definição que acima demos de clube nocturno português. Se atendermos à lista fornecida de casinos pelo *Anuário Comercial* de 1920 (Ver anexo, Quadro II), vemo-nos forçados a dar uma maior atenção aos clubes de tipo B. Estes, por vezes, podem camuflar-se com um rótulo de «Clube Recreativo», «Grémio», «Clube Desportivo», escondendo uma outra realidade, mais próxima da dos clubes de tipo A.

A utilidade de tornar um local de jogo num *dancing* era óbvia e sabemos, também, que as receitas do jogo são normalmente avultadas. Não subsistia o Grémio Literário, desde 1890, do jogo? Não nos parece, por isso, impossível a aproximação acima tentada.

Poderíamos mesmo arriscar e afirmar que alguns clubes recreativos, desportivos, etc., podem ter gozado de um funcionamento menos rígido do que à partida se poderia pensar, quer através de um sistema menos selectivo de utentes, quer obedecendo a fins menos claros e específicos do que os seus estatutos estabeleciam. Se o «Club Tauromachico», o «Grémio Literário», o «Sporting Club» não deveriam ter *dancing*, o mesmo não podemos afirmar sobre o «Club Recreativo Aliança» e sobre outros ainda: nada nos indica que não o tivessem adoptado.

O certo é que muitos deles sofriam transformações visíveis, não alheias à influência decisiva que os clubes de tipo A parecem ter então. A revista do «Belém Club», de Fevereiro de 1930, dá-nos conta da versatilidade destas associações: «O Belém-Club, nos anos mais chegados, tinha perdido a sua feição de uma grande casa de família onde todos os seus parentes se reviam em determinadas noites [...]. Agora, o usar-se numa sala, perante senhoras a quem devemos o maior respeito, de costumes impróprios de uma sã educação é que não é lógico admitir-se [...] eram infelizmente essas as

---

4. O «O Jogo» in *ABC a Rir*, 13-8-21, p. 3.

causas que traziam arredadas do nosso clube tantas e tantas famílias»<sup>5</sup>. Em Abril de 1933, o *Clube Odeon (Recreativo)* alertava na sua revista os sócios para a obrigatoriedade de apresentarem a sua cota actualizada e o Bilhete de Identidade. Era já a reacção aos abusos e transformações que estas associações haviam sofrido nos anos anteriores.

O próprio *Turf*, clube aristocrático e monárquico, dinamizador da prática equestre na zona de Lisboa, sofreu também a influência do desabrochar das diversões durante os anos Vinte. «Gente mais jovem [...] abriu o ciclo e festas principiaram a animar, quebrando os silêncios das salas do nobre andar do 74 da R. Garrett [...]. Nos bailes e nos chás dançantes do *Turf* desta época tudo se passaria como nos bailes e chás dançantes do mundo exterior: uma pequena orquestra [...], fox-trots e one-steps entremeados pelo muito apreciado tango»<sup>16</sup>.

Na impossibilidade de averiguar quais os clubes de tipo B que operaram uma radical transformação, optámos por mencionar as rupturas mais ou menos acentuadas que estes sofreram, sem, no entanto, os colocarmos na amostragem que procurámos definir.

A adopção da moda do *jazz-band* e *fox-trot* e de todo o outro rol de novos costumes por estes simbolizados, não se fazia sentir unicamente nos clubes de tipo B. Cinemas como o *Tivoli*, o *Eden*, o *Royal Cine*, inovaram na criação de *dancings* próprios, que alugavam para festas particulares, ou ofereciam para usufruto dos seus clientes nos intervalos dos filmes ou nas épocas festivas — Carnaval, Ano Novo etc.

Mas é a definição de restaurante aquela que mais dificuldades nos trouxe, uma vez que todos os estabelecimentos, por nós considerados verdadeiros *Night Clubs*, se encontravam licenciados na Câmara Municipal de Lisboa como restaurantes. É sabido que muitos deles, aliás como as cervejarias que então iam despontando, apresentavam, não só um horário nocturno — alguns mesmo abertos toda a noite<sup>7</sup> — como tinham a sua própria orquestra de *jazz-band*. A distinção entre estes locais e os clubes nocturnos que pretendemos estudar, parece, no entanto, residir no facto de os restaurantes

---

5. «Caminhando...» in *Rev. Belém — club*, n.º 7, de Julho de 1930, p. 1.

6. *Turf Club e a sua História 1883 1973*... Lisboa Oficina Gráfica Lda., 1973, pp. 347-48.

7. É o caso do Café-restaurant *Abadia*, que se anunciava como o «Restaurant-Moda» da *Chic*; do Hotel Restaurant *Bela Vista*; do *Solar Alegria*; da cervejaria *Portugália*; da *Jansen* que proporcionava toda a noite concertos e que publicitava a sua «entrada livre»; etc.

não cobrarem à entrada, não apresentarem um leque tão diversificado de serviços (manicure, sala de fumos, salas de jogo, salas de restaurante, dancing, etc.) e fundamentalmente não albergarem o jogo<sup>8</sup> e tudo o que o rodeia (discrição, reserva, semi-marginalidade, etc.).

Poderíamos, desde já, concluir que também esta categoria de estabelecimentos não nos interessa para a nossa amostragem. Então deveríamos ficar-nos pelos clubes de tipo A?

Uma primeira constatação a ter em conta é que, na verdadeira acepção da palavra estes locais não são autênticos clubes nocturnos, uma vez que também funcionam de dia.

Muitas confraternizações sócio-profissionais, almoços de homenagem, chás dançantes, matinés infantis se realizavam nos seus salões e restaurantes, durante o dia.

No entanto, sabemos também que existem locais de encontro e diversão meramente nocturnos, denominados *cabarets*, que não se restringiam a ser estabelecimentos de prazer nocturno, como apresentavam o mesmo tipo de serviços dos clubes de tipo A.

Oferecem aos seus clientes restaurante, venda de bebidas, espectáculos coreográficos e musicais e bailes permanentes para os seus frequentadores. Alguns contemporâneos distinguem-no do club: «O club tem tradição social elegante e literária — está ligado à ideia de uma casaca e às páginas de muitos romances [. . .] o «club» é o ponto onde se escrevem cartas a credores e a mulheres amadas e onde, muitas vezes, raparigas de alta posição social trocam essas palavras, esses gestos que os códigos do duelo exigem, por um encontro no campo de honra. . .

O cabaret já é mais volúvel, mais ruidoso, mais movimentado e a ele está ligado uma ideia de boémia e de cenas galantes»<sup>9</sup>.

Há mesmo os que alertam para a necessidade de multiplicar estes últimos. «A nossa época, complexa e trepidante, tem uma diversão própria, característica, inédita, que não tem antecedentes e que dificilmente terá consequentes. Queremos falar do *Cabaret*, esse teatro sem bastidores, essa amálgama de dancing e casa de chá [. . .] é pois preciso modernizar as nossas cidades, dando aos clubs a feição nítida de cabarets, criando quanto antes essas lanternas mágicas de alegria»<sup>10</sup>.

Poderíamos, no entanto, dizer que este tipo de cabaret mundano e cosmopolita não existiu em Portugal. Apenas detectamos um estabelecimento

---

8. «A roleta da morte» in *Notícias Ilustrado*, 4-5-30, p. 3.

9. «O renascimento do bailado» in *ABC*, 6-1-27, p. 14.

10. «Scenários» in *ABC*, 25-8-27, p. 16.

que assim se autodenominou nos anos 20 — o *Alster Pavillon*. Todos os outros, que apresentam características semelhantes ao *cabaret* moderno, são os *clubes-dancing* de tipo A.

Constatámos que, em Lisboa, a denominação de *cabaret*, era eivada de um provincianismo próprio da cidade, que o conotava com o velho prostíbulo: «cabaret reles da Mouraria — onde os porteiros, patrulhados pela polícia, se certificam antes da entrada, se a rufia vem munida de naifa [...]»<sup>11</sup>; «cabarets plebeus [...] orgia pobre [...] caricatura dos «palaces», nocturnos, com as cortezãs «vamps», envoltas em chitas, os «clubmen's» de ganga, o «champagne» traduzido em vinho reles»<sup>12</sup>. Era o caso do bordel da travessa da Picaria — «Uma mão negra muito suja, estende-nos um bilheteinho vermelho. Entramos no primeiro cabaret, na primeira penitenciária de desgraçados, boémios e criminosos»<sup>13</sup> — ou o da Rua do Estêvão. E o próprio *Alster Pavillon*, que se fazia anunciar como o «Único cabaret artístico de Lisboa»<sup>14</sup>, não gozava de boa fama como o demonstra a passagem do romance *A virgem do «Bristol Club»*:

«A «ex» está pilulas!

A «ex» deu no ordinário!

A «ex» está aqui está no *Alster Pavillon*»<sup>15</sup>.

O presente trabalho vai, desta forma, considerar como seu objecto de estudo o que mais se aproxima do «cabaret a sério — misto de club, dancing e casino»<sup>16</sup> — prescindindo dos outros «clubezinhos burgueses onde se flirta, dança com cerimónia e se assiste a insuportáveis récitas de amadores»<sup>17</sup>, ou mesmo dos espaços que não passam de «modernas transformações da velha taberna»<sup>18</sup>.

---

11. Reinaldo Ferreira, *Memórias de um ex-morfínmano*, Lisboa, Ed. dos Herdeiros, 1956, p. 89.

12. «Uma visita aos cabarets excêntricos», in *Reporter X*, n.º 2, 16-8-30, p. 8.

13. *Ibidem*.

14. *Domingo Ilustrado*, 19-7-25, p. 11.

15. *Reporter X*, *A virgem do «Bristol Club»*, Porto, Ed. «Primeiro de Janeiro», 1927, p. 243.

16. Reinaldo Ferreira, *ob. cit.*, p. 95.

17. Mário Domingues, *O Preto do Charleston*, 1929, Ed. Guimarães, Lisboa p. 125.

18. «A Verdadeira Alma do Cabaret», in *ABC* 15-3-28, p. 11.

Sendo assim, tendo em conta que apenas um desses locais se autodenomina *cabaret*, temos de procurar ainda dentro da nossa listagem de clubes de tipo A (ver Anexo I — Quadro I) os estabelecimentos que funcionam com fins lucrativos mas que se distinguem claramente dos clubes que pretendemos estudar, caracterizados pelo luxo ou exotismo da sua decoração, pela frequência, amante do mundanismo cosmopolita e, naturalmente, pelo desfile de comportamentos e costumes novos e pouco banais. Para tal basta-nos verificar o Anexo I — Quadro IV, para detectarmos que nos clubes de tipo A existem realidades diferentes. Propomo-nos desta forma a amostragem do Quadro III (Anexo I).

É, no entanto, fundamental ter em atenção que todos os outros estabelecimentos, de que temos vindo a falar, pela sua adaptação às novas modas e necessidades, não deixam de ter um papel importante no que deve ser considerado o surgimento de uma mais intensa vida nocturna lisboeta. É o conjunto de locais de diversão que dá um tom mais louco a estes anos. Contudo, os modelos de conduta, os paradigmas de lazer e ócio moderno estão mais genuinamente formalizados na amostragem ensaiada.

São estes os espaços mencionados nos romances por nós consultados, é sobre eles que a imprensa se debruça e são eles que cristalizam o ambiente de ruptura e subversão civilizada e mundana característica desta época.

## 4. OS CLUBES E A CIDADE DE LISBOA

### 4.1. Localização

A partir do Mapa 1 (Anexo I), facilmente nos apercebemos que, na sua maioria, os clubes se situaram na zona compreendida entre a Avenida da Liberdade, os Restauradores e o Chiado.

Como vimos, essa era a zona onde se concentravam os estabelecimentos comerciais e os mais variados serviços, entre os quais os de diversão. Era aí que a vida cosmopolita e mundana se processava, fornecendo a essa área da capital uma fisionomia própria e distinta de todos os seus outros espaços vivenciais. Bancos, casas de jogo, teatros, cinemas acotovelavam-se nesse local com outros tantos cafés, lojas e armazéns.

A cidade, que crescia com poucos planos de conjunto, satisfazia as suas necessidades urbanísticas com construções de moradias e prédios de rendimento para a média e pequena burguesia nas zonas limítrofes das grandes avenidas rasgadas no início do século (Almirante Reis e Avenida da República), e impávida assistia ao aparecimento de bairros de lata — «minhocas» — e das «gaioleiras» que despontavam aqui e ali.

Os clubes enquadravam-se na única zona da cidade que deixava paulatinamente o seu cariz residencial, e que procurava acompanhar as crescentes pressões e necessidades económicas, administrativas e sociais da época, que não foram, contudo, suficientes para que a descentralização das áreas comerciais e de serviços se verificasse.

No entanto, aparecem já alguns clubes nas áreas «esquecidas» da cidade: na Avenida Almirante Reis, na Avenida da República e no largo do Rato, o que não deixa de comprovar o impacto que o novo divertimento teve nestes «loucos» anos Vinte.

Em suma, o tecido da cidade prendeu os clubes a uma malha restrita, inflexível e pouco inovadora, compreendida na zona tradicional ocupada por outros serviços. A cidade ficava-se por essa fachada cosmopolita e mundana que escondia os bastidores da miséria.

## 4.2. O espaço do Clube Nocturno

Os clubes nocturnos lisboetas não só se localizaram na zona mais comercial e mundana da capital como ocuparam alguns dos mais sumptuosos edifícios aí situados<sup>1</sup>.

O *Maxim's* estava instalado no velho Palácio Foz (1755), em plena Praça dos Restauradores. O *Avenida Parque* «escolheu» o Palácio Mayer (1879), na Avenida da Liberdade. O *Regaleira Clube* ocupou o não menos grandioso Palácio da Regaleira, no Largo de S. Domingos (ao Rossio). E o *Monumental* renovou amplamente o Palácio Pais do Amaral

Outros clubes, no entanto, optaram por se estabelecer em modernos espaços: o *Montanha*, na rua da Glória, ocupou o edifício construído por Raul Tojal em 1915; o *Palace* transformou radicalmente um antigo prédio onde se viria a instalar a Associação Comercial de Lisboa; o *Clube das Avenidas* e o *Clube Moderno* adaptaram-se aos novos prédios das modernas avenidas — Avenida da República e Almirante Reis, respectivamente.

Os contemporâneos não ignoraram este «monopólio» dos «melhores» edifícios de Lisboa, que os novos espaços de lazer detinham: «A justiça não tem um palácio. A agricultura não tem um palácio. A orgia sim, é que tem palácios lindos. Palácios antigos e palácios feitos propositadamente. O próprio comércio, se quis um palácio — teve que aproveitar o que a orgia construiu»<sup>2</sup>.

Contudo, nem todos os clubes ocuparam os ditos «palácios». O *Bristol Club*, o *Clube Internacional*, o *Clube dos Patos*, o *Ritz-Club*, o *Palais Royal*, o *Rato Clube*, instalaram-se, ao que parece, em edifícios vulgares, onde se preocuparam sobretudo com a comodidade e conforto dos seus interiores.

Embora não nos tenha sido possível encontrar os projectos e plantas dos edifícios onde estavam instalados os clubes nocturnos, depreendemos que, pelo menos, o *Maxim's*, o *Avenida Parque*, o *Regaleira Clube*, o *Monumental* e o *Bristol*, ocupavam espaços imensos. Os jornais apenas referem as

---

1. Ver anexo III.

2. «Crónicas de Verão...», in *Diário de Lisboa*, 13-7-1927, p. 4.

salas «de fumo», «de estar», «de festas», «do restaurante dancing», «do bilhar», «dos variados jogos».

Mas sabemos que, após a I Guerra Mundial, se estendeu o hábito dos clubes terem o seu barbeiro ou *manicure*, o que pode ter levado à criação de salas especializadas nesses serviços.

Quanto aos outros clubes, as referências são ainda mais vagas: surgem alusões quase exclusivas às salas dos *dancings*, e apenas o *Alhambra* faz questão em publicitar os seus gabinetes privados, e em salientar que o seu *dancing* é o maior do País.

A decoração, no entanto, foi um aspecto que nenhum dos clubes tratados parece ter desprezado. Predominava a tendência para a ostentação de interiores requintados e *démodés*. Daí que os contemporâneos salientem: «o que é um clube? [. . .] ricas escadarias de mármore caros, com baixos relevos preciosos, colunas antigas, quadros célebres de pintores como Columbano, pátios à maneira mourisca, lindas talhas de artistas como Leonardo Braga, tectos de preço. Riquezas que criam o ambiente que dá aos que passam, mesmo quando perdem, a sensação de que ganham — em categoria»<sup>3</sup>.

O *Album de Portugal*, em 1926, alertava que «os clubs da capital rivalizam sem favor com os melhores do estrangeiro [. . .]. Ali há luxo, grandiosidade, beleza e muito especialmente bom gosto» — apontando mesmo o *Bristol*, o *Mayer*, o *Olímpia* como exemplos destes locais — e dando conta, no entanto, que «o *Maxim's* é único no género»<sup>4</sup>.

É este clube o «mais elegante, chic, cheio de conforto, onde nada falta»<sup>5</sup>. Sabemos da existência, aí, de numerosos salões<sup>6</sup>, «autêntica maravilha»<sup>7</sup>. A sala de fumo, «cujas paredes são forradas com belíssima talha de Leandro Braga»<sup>8</sup>, não ficava atrás do salão nobre, que ostentava telas de Columbano e Malhoa. Mais famosas são as suas escadarias, que «custaram ao Marquez oitenta contos»<sup>9</sup>. A sua decoração era caracterizada pela conservação da herança oitocentista, com muitos ornamentos barrocos, onde nem sequer falhava a preferência pela pintura académica de final do século XIX.

---

3. «Crónicas de Verão...», in *Diário de Lisboa*, 13-7-1927, p. 4.

4. *Álbum de Portugal*, Lisboa, Sintra, Cascais, Tomo I, Ed. e propriedade da revista Turismo, Lisboa, 1929, p. 54.

5. *Ibidem*

6. Ver Anexo III.

7. *Álbum de Portugal*. . . , p. 69.

8. «Um grande incêndio destruiu esta noite o teatro Salão Foz», in *Diário de Notícias*, 29-1-1929, p. 5.

9. J. P. Freire, *Lisboa do meu tempo e do passado — do Rocio à Rotunda*, II volume, Lisboa Soc. Ind. de Tipografia, Lda., 1939, p. 308.

Mas o *Maxim's* combinava a rigidez da sua decoração, genuinamente aristocrática, com um novo elemento que fornecia ao *dancing* laivos do frenez da década de Vinte: o jogo de luzes. A sua cabine de distribuição eléctrica, comandada diariamente por um mestre electricista, oferecia efeitos luminosos surpreendentes para a época.

O *Monumental (Magestic)*, no entanto, não lhe ficava atrás na imponência e no luxo que também percorria as suas salas<sup>10</sup>. «O mais interessante [...] é o Pátio, ao estilo árabe, do risco do arquitecto Silva Júnior (1918). Naturalmente em 'pastiches', transpira certa frescura mourisca, mesmo nas varandas, escadaria e galerias. A sala de baile é toda decorada no tecto e nas paredes por Bemvindo Ceia, outra sala contígua apresenta pinturas de Domingos Costa»<sup>11</sup>. Nas salas de «estar», de «fumo», de jogos, é de salientar os azulejos de Jorge Colaço, também de 1918. No pátio do primeiro andar mantiveram, no entanto, os azulejos da primeira metade do século XVIII, representando cenas palacianas e campestres. Neste clube as salas eram grandes e distantes umas das outras e «facilmente se podiam reunir umas poucas famílias, isoladamente UMA das outras»<sup>12</sup>.

Sobre os outros clubes não foi possível encontrar qualquer referência ou imagens sobre os espaços que ocupavam. Mas através dos romances e das notícias das festas neles realizadas, depreende-se que também eles procuraram, nos seus interiores, criar um ambiente de luxo e requinte oitocentista.

Apenas o *Bristol* se distinguia pelo tipo de decoração adoptada: moderna, exótica, exuberante, futurista, numa palavra, diferente<sup>13</sup>.

Embora tenha aberto as suas portas com uma decoração ao estilo Luís XVI, renova radicalmente, em 1925, os seus interiores. Este estabelecimento, juntamente com *A Brasileira do Chiado*, e por iniciativa de Pacheco, abre as portas a novos artistas como Almada Negreiros, Jorge Barradas, António Soares.

O *Notícias Ilustrado* em Fevereiro de 1929, afirma: «toda a decoração do, *Bristol Club* é francamente modernista. Desde a arquitectura de Carlos Ramos aos mais pequenos detalhes, tudo foi visto com espírito moderno»<sup>14</sup>.

---

10. Ver Anexo III.

11. Norberto Araújo, *Peregrinações em Lisboa*, volume, III Lisboa, ed. Parceria A. M. Pereira, 1939, p. 105.

12. «Os grandes Clubs em Lisboa como na América», in *ABC*. 23-12-1920, p. 20.

13. Ver Anexo III.

14. «Os Cursores do Modernismo em Portugal», in *Notícias Ilustrado*, 24-2-1924, p. 9.

À entrada via-se «A Pintura Decorativa de Nu» de Almada Negreiros. Na escadaria, encontrava-se o relevo de Ernesto Canto. Eduardo Viana expunha neste local o seu «Homem das Louças», e outros, como Leopoldo de Almeida, Guilherme Filipe, António Soares, contribuíram também com as suas obras.

A revista *Contemporânea* não hesitava em dizer que o *Bristol* era a «realização estética de um sonho arrojado [. . .] tudo isto se passa num ambiente da mais pura arte moderna, em salas que são verdadeiras exposições»<sup>15</sup>. Mário Ribeiro, proprietário do *Club*, era aí apelidado de «Mecenas como nós precisávamos de ter muitos»<sup>16</sup>.

Em suma, o *Bristol* era o único que obedecia a um tipo de decoração própria dos novos locais de diversão nocturna. Porque «o cabaret tem que ser, sobretudo, bizarro. Deve surpreender, ferindo mesmo a vista e a sensibilidade dos frequentadores»<sup>17</sup>.

A enorme diferença do *Bristol Club* reflecte-se em última análise, na própria publicidade feita, então, nas revistas e nos jornais. «As artes gráficas, consideradas menores e efémeras, gozavam de uma liberdade que permitiu a alguns artistas velarem o seu sentido de actualidade visual»<sup>18</sup>. Jorge Baradas, nas capas da revista *ABC* de 1927, utilizou para publicitar o *Bristol Club* um grafismo verdadeiramente modernizante, a que associou *slogans* de enorme eficácia: «o club sempre em festa» ou «o mais alegre». A facilidade de leitura era auxiliada pelo desenho atractivo e sugestivo. Em todos os outros clubes, pelo contrário, o desenho académico e o texto mais ou menos compacto, continuaram a ser as duas tónicas dominantes, à excepção do *Regaleira*, que ainda procurou promover-se como «a maneira de viver de hoje», ou do *Maxim's*, menos arrojado, mas que procurava com requinte dar ares de modernidade.

A novidade dos clubes nocturnos parece, desta maneira, não ter residido na forma como aproveitaram os seus espaços. Vejamos como consumiam o seu tempo.

---

15. «O Bristol Club, Manifestação de Arte Moderna», in *Contemporânea*, Maio de 1926, n.º 1, p. 52.

16. *Ibidem*.

17. «Figuras de clubs e cabaret», in *ABC* 20-4-24, p. 5.

18. Rui Mário Gonçalves, *História da Arte em Portugal*, vol. 12, fasc. 127, Lisboa Publ. Alfa, 1986, p. 104.

## 5. COMO OS CLUBES «VIVEM» O SEU TEMPO

### 5.1. A «Vida» Irregular dos Clubes Nocturnos

O primeiro e verdadeiro clube nocturno, surgido em 1917, era o *Palace Club*, de curta duração, pois encerrou logo em 1920. Mas, a partir da sua abertura, muitos outros locais nocturnos pré-existentes, se adaptaram ao novo divertimento. Foi o caso do *Bristol*, do *Maxim's*, do *Magestic* (antigo casino), etc.

Facilmente nos apercebemos da curta duração de muitos destes clubes (ver Anexo I — Quadro V). O *Palace*, o *Club Mayer*, o *Palais Royal*, O *Clube do Rato* têm rápida existência. Por outro lado, é ainda visível a concentração de maior número de clubes em funcionamento nos primeiros seis anos da década de 20. É certo que são poucos os elementos exactos de que dispomos sobre as suas datas de encerramento, mas *Listas Telefónicas*, o *Anuário Comercial*, e a imprensa deixam então de os referir, o que parece sintomático de que alguma coisa mudara. Sabemos, com certeza, que o *Ritz* (em 29), o *Monumental* (em 28), o *Regaleira* (em 28) o *Bristol* (em 28), fecham nos finais da década as suas portas. A esta avalanche de encerramentos não é, contudo, alheia a repressão do jogo que se seguiu ao Decreto n.º 14 643 de 3 de Dezembro de 1927.

Dois tipos de condicionantes parecem estar na origem do funcionamento irregular dos clubes nocturnos: por um lado, os encerramentos esporádicos (até 1927), o resultantes das investidas oficiais contra a prática do jogo; por outro, a inevitável quebra de clientela, no período de veraneio, que obrigava muitos clubes a fecharem as suas portas temporariamente.

É difícil um recenseamento dos encerramentos dos clubes pelas autoridades, a partir do material disponível. O certo é que, em parte, a curta duração de alguns terá resultado de medidas repressivas mais enérgicas, como

as que se operaram em 1920, que terão possivelmente ocasionado o encerramento do *Club Mayer* e do *Palace* e a reabertura do antigo casino *Magestic* como clube dancing Magestic. Os anos de 1925 e 1926 obrigaram também os clubes a períodos grandes de clausura. Mas, como dizia o jornal *A Batalha* em 1925, fechava-se para se voltar a abrir: «Os clubs de batota tiveram que apagar o seu decorativo esplendor e suas luzes, porque a polícia, num dos seus ataques de moral para inglês ver, os mandou encerrar. É bom, para que se conheça em toda a sua hediondês, os costumes policiais, que a «repressão» do jogo se costuma fazer depois dos «clubs» satisfazerem a continha calada que as autoridades exigem. [. . .] Encerrou-se hoje os «clubs» para amanhã se permitir a sua reabertura»<sup>1</sup>.

Este ano de 1925 é paradigmático da inconstância do funcionamento dos clubes. Por um lado, mostra-se que as reaberturas dos clubes não estavam unicamente dependentes da mera troca «de luvas» entre as autoridades e os empresários — «Ao aproximar-se o Carnaval, as autoridades, considerando que Lisboa, com os seus teatros, os seus cinemas, os seus bailes, não oferecia capacidade suficiente para acolher todos os que desejavam divertir-se nesses dias de excepção e tolerância, comunicaram aos clubes que lhes era permitido reabrir as suas portas»<sup>2</sup>. Já anteriormente, por ocasião dos festejos do IV Centenário de Vasco da Gama, quando a cidade estava coagulada de oficiais de navios estrangeiros, «foi concedida aos mesmos clubs a licença para funcionarem algumas noites»<sup>3</sup> — por outro, dá-nos conta da imprevisibilidade do seu encerramento. Se, durante o Carnaval, se assistiu à abertura do *Monumental* (10 Fevereiro), do *Alhambra* (22 Fevereiro), do *Avenida Parque Club* (21 Fevereiro) etc., logo em 18 de Abril os clubes são obrigados a fechar novamente, desta vez devido à morte de um membro da Legião Vermelha à porta do *Bristol*.

Nesse mesmo ano, o *Diário de Notícias* enceta uma violenta campanha contra esta situação, e defende a abertura definitiva dos clubes. «A repetição desta ordem de reabertura, a pretexto das festas de Carnaval, precisa de um ligeiro comentário. Possui carácter definitivo? Ou, pelo contrário, premedita-se já uma contra ordem que faz encerrar de novo os clubs, após o período carnavalesco, continuando a oferecer esse espectáculo pitoresco que torna lícito hoje o que era clandestino, escuro o que na véspera era legal (. . .).

---

1. «As Batotas» in *A Batalha*, 21-1-25, p. 1.

2. Em 19 de Fevereiro de 1925, uma delegação de empregados dos Clubes de Lisboa pediu ao Ministro do Interior que autorizasse a sua reabertura.

3. «A Reabertura dos Clubs» in *Diário de Notícias*, 21-2-25, p. 4.

Mas visto que reconhecido está, pelas autoridades, que os clubes podem funcionar, suavizando alegremente a vida dos lisboetas sem que estes arrisquem a sua moral e os seus costumes: que eles são dignos da visita de estrangeiros e indispensáveis para o bom andamento da cidade, que de uma vez para sempre se permita a sua reabertura, exercendo sobre eles uma vigilância severa, que não permita que se aninhem no seu seio os vícios ruidores e perigosos»<sup>4</sup>.

A «vida» irregular dos clubes nocturnos não obstou, no entanto, a que estes mantivessem as suas licenças em dia (ver Anexo I-Quadro IV) o que justifica a hipótese de que o encerramento tenha sido na maior parte dos casos curto, mesmo depois da saída do Decreto atrás citado.

No entanto, sabemos também que a época estival obrigava alguns clubes a fecharem as suas portas. Coincidia este período com o de menor animação desses locais: «o casino das termas acorda quando os salões da capital adormecem»<sup>5</sup>. «E as ruas e os teatros e os cinemas dir-se-ão tristes perante essa ausência e, nas casas de chá, a clientela diminui e em toda a vida cidadina há um lapso»<sup>6</sup>.

É então a vez dos «esplanadas da Avenida, a Alameda de Algés, os terraços dos bars e dos cafés»<sup>7</sup> estarem cheias de gente. «De quando em quando, nestas mesas e esplanadas, iluminadas a luz eléctrica, corre a notícia de que o Conde X foi veraneiar a Biarritz [...] que o industrial B foi visto com o seu automóvel nos arredores do Bussaco, que as Soisas estão na Figueira e que os Azevedos encontram-se em Espinho. E vêem nomes de outras praias: a Granja e a Rocha, a Nazaré e os Estoris [...]»<sup>9</sup>.

Os clubes nocturnos, esses, vêem-se nas maiores dificuldades. A título de exemplo, o proprietário do *Club Maxim's* envia ao Governador Civil de Lisboa, em 1919, um pedido de abatimento da taxa de licença para a época de verão, pois, «desde Junho a Outubro todos os clubes desta natureza têm frequência menor, e poucos são os que conseguem estar sempre abertos; os que o fazem é só para não lançar na miséria a imensidade de empregados que destas casas vivem exclusivamente»<sup>10</sup>.

---

4. *Ibidem*.

5. «Sempre o mesmo... o eterno Tema» in *ABC*, 5-8-26, p. 9.

6. «O Êxodo dos Lisboetas para Campos e Praias» in *ABC*, 26-8-26, pp. 12-13.

7. «Lisboa na época de calor» in *ABC*, 8-7-26, pp. 10-11.

9. *Ibidem*.

10. Lisboa, Arquivo do Governo Civil, Correspondência de 1919, Requerimento de José Nunes Erena, 25 de Maio de 1919.

Em conclusão, a vida dos clubes nocturnos percorreu, ao longo da década, períodos de instabilidade que têm de ser tidos em conta, uma vez que denotam certa incapacidade de as autoridades lidarem com esta nova realidade, ora vista como necessidade, ora apontada como calamidade, mas que permanecia pouco compreendida.

### 5.1.1. Hora a Hora no Clube Nocturno

Não foi possível obter documentos que nos dessem informações exactas sobre o horário de funcionamento dos clubes nocturnos. Sabemos, como atrás referimos, que funcionavam também de dia. Almoços de homenagens, comemorações, chás dançantes, *matinéés* infantis, etc., levam a pensar no seu normal funcionamento diurno. No entanto, não sabemos se este horário só se cumpriria em ocasiões especiais esporádicas. Apenas o *Bristol* parece ter funcionado regularmente de dia, enquanto o *Maxim's* e o *Monumental* teriam habitualmente, ao domingo, chás dançantes.

O horário nocturno surge frequentemente mencionado em romances. A noite nos clubes parece começar a partir das 21 horas e até às 5 ou 6 da madrugada. Optámos por tentar descrever o regular desenrolar das horas nestes locais.

Às nove horas — hora apontada, por muitos, como a do jantar no clube — chegavam os primeiros, escassos, frequentadores. «Era a hora de jantar no Bristol Club — a hora mínima de animação em todos os cabarets; a hora onde raros espectadores vêm assistir à refeição do pessoal e das papillons [...]»<sup>11</sup>, «encontram-se quase sempre as mesmas pessoas»<sup>12</sup>. «Mas a animação cresce com o crescer da hora»<sup>13</sup>.

A partir da meia-noite surgem as horas de maior animação — «Pela uma da madrugada, o Roma Club estava pleatório de uma multidão ávida de prazer, irrequieta e ruidosa, que esbracejava e gargalhava alto»<sup>14</sup> — a partir daí, «uma larga hora [...] voa como um efémero segundo»<sup>15</sup>.

---

11. Repórter X, *A Virgem do «Bristol Club»*, Porto, Ed. «Primeiro de Janeiro», 1927, p. 136.

13. Sousa Costa, *Uma Divorciada*, Lisboa, Ed. Guimarães, 1927, p. 18.

14. Mário Domingues, *O Preto do Charleston*, Lisboa, Ed. Guimarães, 1929, p. 25.

15. *Ibidem*.

Às 4 da manhã, uma ou duas horas antes de o clube fechar, «era a hora paradoxal de animação do club: viera desaguar na sua sala gente de todos os outros cabarets, de mistura com actrizes, com mundanas esfíngicas que surgiam de madrugada, estrangeiros de passagem no Tejo. . . .»<sup>16</sup>. Depois aproximava-se o fim de mais uma noite — «Viu as horas: cinco. De resto, saíam todos, a sala ia-se despovoando»<sup>17</sup> — o club tomava um outro aspecto: «A vibração dos caudais de luz multicolor e a agitação das danças haviam amolecido os corpos, quebrados langorosamente nos divans àquela hora da madrugada. [ . . . ] em todos os rostos o mesmo aspecto de fadiga [ . . . ]. E a manhã vinha próxima, anunciava-se já nos pálidos alvares que as persianas das janelas deixavam escoar»<sup>18</sup>. Havia quem se deixasse ficar por ali, — «logo que os clientes as abandonem é vêr as mulheres solitárias perdidas pelas mesas, prostradas, silenciosas [ . . . ]»<sup>19</sup>. Mas eram os jogadores os que saíam mais tarde: «são os donos dos «clubes» de jogo, os pagadores, os banqueiros que depois de atravessarem uma noite inteira [ . . . ] vão-se reunindo pouco a pouco numa última casa, que fecha mais tarde [ . . . ]. Ao meio dia ainda se joga [ . . . ]»<sup>20</sup>. Grande parte da clientela, que fora abandonando as salas dos clubes, acaba por se reunir nos cafés abertos àquela hora, sobretudo o *Abadia*, onde se ceia calmamente. «Das quatro para as cinco da manhã, o *Abadia* é positivamente a antecamera da alcova. Invade-a pouco a pouco, a população dos clubes [ . . . ]»<sup>21</sup>. Depois das seis horas «começa a debandada»<sup>22</sup>.

Esta descrição do horário de maior e menor animação do clube permite-nos, em última análise, constatar, não só que os frequentadores dos clubes nocturnos dispunham de uma enorme disponibilidade de tempo de ócio — não é raro surgirem nos romances personagens com o hábito de chegar ao clube às duas da madrugada<sup>4</sup> — como também que os novos costumes

---

16. Repórter X, *ob. cit.*, p. 150.

17. João Ameal, *Os Noctívagos*, Lisboa, Ed. Lumen, 1924, p. 248.

18. «O Mόcho dos Cabarets de Lisboa» in *Repórter X*, 24-1-31, p. 4.

19. «A Verdadeira Alma do Cabaret» in *ABC*, 15-3-28, p. 11.

20. Mário Domingues, «O Combate dos Leões» in *ABC*, 6-4-22, p. 3

21. *Idem*, *O Preto do Charleston*, *ob. cit.*, p. 139.

22. *Ibidem*, p. 142.

23. Veja-se a Odete do romance *Uma Divorciada*, ou o Gil de Uma Rapariga Moderna.

rompiam com a velha relação rotineira, de horários rígidos, permitindo uma maior liberdade de movimentos: «hoje vive-se de noite e de dia, a toda a hora»<sup>24</sup>.

A mudança levava um jornalista do *ABC* a afirmar: «o mundo divide-se em dois grupos, o dos avançados e o dos retrógrados [. . .]. Ninguém faz caso do giro dos ponteiros, a insubordinação alastra e progride, entra-se no teatro no intervalo do primeiro para o segundo acto, ignorando-se, de propósito, o princípio das coisas, para tornar mais confuso e imprevisto o fim! Janta-se à hora da ceia e ceia-se no dia seguinte. . . Como seria possível que aqueles que tudo faziam de véspera. . . compreendessem o prazer do modernismo, sintetizado em ignorar-se cinco minutos antes o que vai fazer-se cinco minutos depois?!»<sup>25</sup>.

Mas a mudança dos hábitos e a ruptura dos costumes são ainda mais visíveis no tipo de ocupações e distrações que o «club» fornece. Vejamos então como é preenchido a tempo que se passa nos clubes nocturnos.

## 5.2. O Jogo e os Clubes Nocturnos

### 5.2.1. Clubes de Jogo, ou Jogo nos Clubes?

Se existe diversão que defina de forma inequívoca os clubes nocturnos lisboetas, é o jogo. É ele quem atrai a mais variada clientela, quem permite os enormes lucros e exagerados consumos nos clubes. É ainda o jogo que fornece a estes locais o ambiente marginal, subversivo, fora de lei que, combinado com o jazz frenético, as danças modernas e as luzes estonteantes, alimentam a «loucura» que os anos Vinte experimentam.

---

24. Sousa Costa, *ob. cit.*, p. 27.

25. «Extremos Opostos» in *ABC*, 4-9-30, p. 9.

«O que é um «clube»? [...] a sua alma [...] está na «roda» [...] está no monte que torna «acidentada» a vida de tanta gente; está no «chemin de fer» — que é uma origem constante de descarrilamentos»<sup>1</sup>.

O jogo encontrava o lugar ideal para florescer nos clubes *dancings*, que se tornavam verdadeiras camuflagens desta prática, proibida há muito. «Em poucos segundos uma sala de roleta transforma-se num animado e inofensivo dancing, a que não faltava sequer uma orquestra, executando estrondosamente um tango»<sup>2</sup>. Jogava-se «em casas apropriadas, com alçapões e manivelas, em dois segundos as mesas desaparecem, os dados e as roletas somem-se e em seu lugar fica uma sala de jantar ou um jardim com repuxo!»<sup>3</sup>. É difícil saber se são os *dancings* que albergam o jogo ou o jogo que chama a si os *dancings*.

Em todos os clubes nocturnos que seleccionámos para amostragem temos conhecimento de que se jogava<sup>4</sup>.

De facto, a prática do jogo tinha-se desenvolvido em Portugal, de forma assustadora, durante e após a I Guerra Mundial. José de Ataíde, director da Repartição de Turismo, descrevia assim a situação: «montaram-se casinos sumptuosos, onde se perdiam fortunas ao jogo e, para que não fossem somente as classes mais ricas a contribuir para o vício, abriram-se casas menos aparatosas, onde gente mais modesta ia deixar as suas pequenas economias e os seus minguados salários [...] em modestas aldeias do norte, em confortáveis vilas do Alentejo e Algarve joga-se fortemente, com paixão, sem contra nem medida»<sup>5</sup>.

André Brun, na *Maluquinha de Arroios*, sintetizava as razões da proliferação do jogo: «O tal meu amigo explicou-me que, devido ao notável incremento que vem tomando a indústria batotífera, precisava fazer uma chamada de capitais. Eu aceitei. É capital garantido. Aquilo vem a ser o mesmo que uma pessoa ter inscrições de quatrocentos e meio por cento»<sup>6</sup>.

---

1. «Crónicas de Verão. As noites de Lisboa depois da meia noite nos «clubs» bairristas e nos «clubs» cosmopolitas» in *Diário de Lisboa*, 13-7-27, p. 4.

2. Manuel Nunes, *As memórias do chefe de polícia Pereira Santos*. Lisboa, Ed. Marítimo Colonial Lda, 1945, pp. 21-22.

3. «Revista da semana. O jogo». in *ABC a Rir*, 7-5-21, p. 3.

4. Ver *Anuário Comercial*.

5. Paulo Pina, *O Turismo no Século XX*, Lisboa, Publicações Lucidos, s.d., p. 47.

6. «O Êxodo dos Lisboaetas para Campos e Praias» in *ABC*, 26-8-26, pp. 12-13.

A *Capital* adiantava, em 1918, que só em Lisboa 4.000 pessoas estavam empregadas no jogo. «Não é exagerado computar que a clientela que sustenta a indústria, que mantém tão numeroso pessoal, atinge o número de vinte e trinta mil pessoas. Quer dizer, em Lisboa [...] cerca de 20% da população activa»<sup>7</sup>.

Os números dão bem conta do peso do jogo na cidade, e não é de estranhar que os clubes sustentem e vivam desta prática, para muitos quotidiana. Almada Negreiros resumia exemplarmente o valor do jogo nos clubes nocturnos: «Chamam-se clubes a umas casas abertas toda a noite e nas quais a razão mais forte é o jogo. Destas casas saem grossas quantias, extraordinariamente superiores às correspondentes licenças e impostos, o que justifica momentaneamente a tolerância dos poderes civis [...]. Isto é apenas para dizer que corre por estas casas tanto dinheiro que dá por vezes a ilusão de abundância e de bem-estar. Uma vez ganha a banca, e outras vezes os pontos, de modo que o azar e a fortuna estão sempre nestas casas.[...] Quem necessitar de distrair-se pode escolher entre o jogo, o bufete e a dança»<sup>8</sup>.

As tentativas de reprimir o jogo nos clubes foram inúmeras, mas os obstáculos, além dos atrás mencionados — simulações de *dancings* etc. — eram múltiplos: «[...] quando vai um pelotão de assalto do Governo Civil, os compadres que recebem boa maquia por esse serviço dão logo uma telefonada e os Clubs e as casas de batota ficam de prevenção, à espera que apareça o primeiro homem com cara de polícia, para se dar o sinal para dentro! [...]»<sup>9</sup>. «Os assaltos não servem de nada. O serviço é tão bem montado que, mal sai o piquete do Governo Civil, já em toda a parte se sabe quem são os agentes, como vêm vestidos e como usam o bigode. Entram nos clubs e a cousa é certa. Pares bailando, fulanos com bebidas e a respeito de jogo, nem migalha»<sup>10</sup>. Em último caso estavam lá os «leões de pedra que serviam de defesa em caso de assalto da autoridade»<sup>11</sup>.

---

7. *Ibidem*, p. 80

8. Almada Negreiros, *Nome de Guerra*, «Romances Portugueses — Obras Primas do Século XX», Círculo de Leitores, Lisboa, 1987, p. 13.

9. «Revista da semana. O jogo», in *ABC a Rir*, 7-5-21, p. 3.

10. «O jogo voltou de novo» in *ABC a Rir*, 13-8-21, p. 3.

11. Manuel Nunes, *ob. cit.*, p. 21.

O sistema de corrupção era vastíssimo. «A polícia deixava-se geralmente comprar, realizando só volta e meia alguma rusga de que previamente avisava a casa de jogo, para salvar as aparências»<sup>12</sup>. O insucesso dos assaltos era o mais habitual: «Foram ontem assaltadas de madrugada, pela polícia, os clubes dos *Patos* e *Bristol*. No 3.º andar do prédio, onde está instalado este último club, parece que se estava efectivamente jogando mas a polícia nada encontrou. Ontem de tarde repetiu-se o assalto ao club dos *Patos* mas a diligência também não deu resultado»<sup>13</sup>.

As insinuações ao insucesso destes assaltos são constantes nos jornais: «porque se dispararam uns tiros [...] a polícia tem reprimido estes dias, pela duodécima segunda vez, o jogo»<sup>14</sup>.

Acontece que, mesmo quando as medidas repressivas eram bem sucedidas e se optava pela prisão dos jogadores, as troças de influências procuravam interceptar e fazer parar os processos dos arguidos<sup>15</sup>: «Nos corredores do governo civil comentava-se ontem um incidente entre o Comissário Geral e o Sr. Governador Civil do Distrito. Durante a noite de ante-ontem moveram-se altos empenhos para que fosse dada liberdade aos indivíduos encontrados no *Club dos Patos*, e as influências foram até ao Chefe do Governo, que manteve a resolução do Comissário Geral»<sup>16</sup>.

Nas «vagas» de maior repressão — 1920, 1925, 1926, 1927 — surgiram numerosas polémicas entre os que defendiam e os que condenavam radicalmente o jogo. *O Século* enceta uma campanha sem precedentes no início de 1920 contra o jogo, opondo-se mesmo à exploração deste, como polo de atracção turística. Mas é o vereador da Câmara Municipal de Lisboa, Eduardo Moreira, quem apresenta a proposta mais surpreendente para este «mal»: «Considerando que [...] numerosas casas estão ocupadas por clubs equívocos, onde a tavolagem infremente se estadeia contra a lei vigente; [...] Proponho que todas as casas onde a esta data funcionem roletas sejam expropriadas por utilidade pública e aplicadas a moradia de família, a sede de sociedades de instrução ou a repartições públicas [...]»<sup>17</sup>.

---

12. António Telo, *Decadência e Queda da I República Portuguesa*, 1 vol., A Regra do Jogo, Lisboa, 1980, p. III.

13. «A Cidade. Repressão ao jogo» in *Diário de Notícias*, 18-4-25, p. 2.

14. «A propósito da Batota» in *Domingo Ilustrado*, 7-3-26, p. 3.

15. «O porteiro duma casa de jogo em Lisboa — As batotas estão fechadas por uns dias. Tanto que vai haver revoluções por causa disso...», André Brun cit. por Paulo Pina, *Cronologia do Turismo Português*, ob. cit., p. 88.

16. «A perseguição ao jogo» in *O Século*, 5-1-21, p. 2.

17. «Sessões de 10 de Novembro de 1919» in *Actas das Sessões da Câmara Municipal de Lisboa*, 1919, p. 419.

Contudo, outras vozes se levantavam defendendo o jogo, como o *ABC a Rir*, o *Domingo Ilustrado*, etc.: «Agora que há quem pretenda fechar ao jogo as salas dos grandes clubs de Lisboa — como se elas não fôsem a nossa única expressão da vida nocturna civilizada e de turismo elegante — é preciso pôr em foco que por outro lado se permite o jogo na taverna e na rua»<sup>18</sup>. «Quer V. Ex.<sup>a</sup> um alvitre? Deixe jogar à vontade! Consinta que abram publicamente (à mostra é claro) as portas da batota, deixe jogar a torto e a direito e quando aparecer um ponto a dizer que foi roubado ou que gastou o dinheiro da família na roleta ou na banca francesa, não esteja com contemplanções, mande-o fuzilar.»<sup>19</sup>.

Após o 28 de Maio de 1926, surgiu nova legislação sobre o jogo. O Decreto n.º 14 643, de 3 de Dezembro de 1927, regulamentava a prática de jogo, restringindo-o a duas zonas permanentes — Estoril e Ilha da Madeira —, e seis outras temporárias — Espinho, Figueira da Foz, Praia da Rocha, Curia, Sintra e Viana do Castelo<sup>20</sup>. Medida já anteriormente proposta na Câmara dos Deputados, por Carlos Olavo, em Janeiro de 1912.

Este novo decreto terá obrigado a um abrandamento progressivo do jogo na cidade de Lisboa. O certo é que os jogos proibidos eram a roleta, a banca francesa, trinta e quarenta, *bacará* bancado, *petits chevaux*, *bacará* chemin de fer e *écarté*, ficando de fora outras modalidades de jogo que também poderiam ser exploráveis. Sabemos que no Salão *Alhambra*, após a saída desta proibição «os proprietários montaram um outro jogo, disputado em grande escala, que se baseava no conhecido «loto», e que chamou muita frequência»<sup>21</sup>.

Não nos foi possível concluir se os clubes enveredaram por outro tipo de jogos. O certo é que, em 30 de Março de 1928, sai o Decreto n.º 15 283 que esclarece: «Art.º 2.º Sempre que qualquer forma de jogo tome tal incremento que seja necessário reprimi-lo, embora não seja considerado jogo de fortuna ou azar, o Conselho de Administração de jogos proporá ao Ministro do Interior as medidas necessárias para coartar abusos»<sup>22</sup>.

---

18. «A cartada do jogo» in *Domingo Ilustrado*, 24-4-27, p. 2.

19. «A Revista da Semana. O jogo. in *ABC a Rir*, 7-5-21, p. 3.

20. *Diário do Governo*, I Série, vol. 4, 1927.

21. Mário Costa, *Feiras e outros divertimentos populares de Lisboa*, Lisboa, Oficinas Gráficas C.M.L., 1950, p. 242.

22. *Diário do Governo*, I Série, vol. 1, 1928.

A falta de dados não permite saber qual a amplitude da repressão. Restam-nos apenas lembrar o que atrás foi dito: muitos clubes fecharam neste final de década as suas portas. A irregularidade do funcionamento destes estabelecimentos dependeu, em muito, do jogo que albergavam.

### 5.2.2. À Volta da Mesa de Jogo

São poucas as referências ao tipo de jogos praticados nos clubes nocturnos. A roleta, o bacarat e a banca francesa parecem ter sido os jogos mais disputados. O bilhar, o *mah-jong*, o *king*, o *bridge* eram também jogados mas não rivalizavam com os de azar, servindo contudo de polos de diversão mundana.

O ambiente das salas de jogos contrastava com o resto do club. «Em nenhum templo o silêncio é mais opaco do que numa sala de jogo [. . .]. Os conciliábulos, as combinações, os comentários, são feitos a meia-voz, cochichadas, num respeito imponente pelo silêncio dos parceiros. Só de tempos a tempos a voz dos croupiers fere esse silêncio:

— Façam jogo!

Ou então, anunciando a sorte:

— sete . . .

E logo saltitam pequenas exclamações; a pá de cabo elástico varre o tapete verde; tilintam as fichas — e de novo tudo cai em silêncio»<sup>23</sup>.

Não só o silêncio contrasta com a estridência da *jazz-band* da sala, como a discrição da luz eléctrica se opõe ao frenesi da iluminação do *dancing*. A sala de jogo é «ornamentada de graves e ostentosos candieiros, todos de luz cinzenta e baça»<sup>24</sup>.

Encontram-se lá os *habitués* das várias modalidades de apreciar o jogo: «existem indivíduos tão viciosos de ver jogar os outros — como viciosos são os que jogam. A mesma categoria de curiosidade, a mesma sede de emoções os iguala»<sup>25</sup>. Não são raras as mulheres, e há ainda aqueles que só esporadicamente jogam.

23. «Histórias e personagens das salas de jogo» in *ABC*, 8-8-26, pp. 6-7.

24. Sousa Costa, *Uma Divorciada*, Lisboa, Ed. Guimarães, 1927, p. 9.

25. «Histórias e personagens das salas de jogo», in *ABC*, 8-8-26, pp. 6-7.

Mas o jogo arrastava atrás de si um rol de situações marginais. A prostituição é uma delas. Dizia o jornal *O Zé*, «as vaquinhas costumam nascer à porta das roletas»<sup>26</sup> e, de facto, a prostituta era por vezes «assalariada da casa para conservar em casa os réditos que o jogo momentaneamente transfere do campo verde da banca para a volúvel carteira do jogador»<sup>27</sup>.

Outras vezes, o jogo proporcionava zaragatas que nem sempre acabavam bem. Em 21 de Março de 1927, o *Diário de Notícias* anunciava na primeira página: «UM PROFISSIONAL DO JOGO AGRIDE OUTRO A TIROS DEIXANDO-O EM ESTADO GRAVÍSSIMO».

Alguns jogadores acumulavam outros negócios menos limpos com esta ocupação — é o caso do «Ribeirinho da batota» preso em Maio de 1927 por contrabando de estupefacientes<sup>28</sup>. O certo é que o jogo contribuía, de forma decisiva, para tornar o clube nocturno num local ambivalente por definição: centro de luxo e de marginalidade civilizada.

### 5.3. O Restaurante: Púlpito do Cosmopolitismo

Nas licenças camarárias os clubes nocturnos vêm classificados como restaurantes. Este surge, claramente, como o serviço privilegiado pelos empresários para fazer as honras da casa. Ao contrário do jogo, elemento de diversão marginal e clandestino, o restaurante ergue-se como a fachada mais mundana e cosmopolita do clube, compondo o contraste de «decadência civilizada» que tão bem caracteriza estes locais.

«A simples palavra «restaurant» traz-nos ao espírito um mundo de sensações diversas, em que o cenário é o fundo da alta comédia da vida!

A rígida compostura da casaca dos criados, dizendo, com a sua pose de aparência, a excentricidade dos pratos cozinhados «à l'étranger» e baptizados de nomes pomposos que disfarçam a vulgaridade da essência primitiva, o «champagne», que tanto mais gelado mais perversamente inebria [...], o fumo das iguarias e o fumo dos cigarros contorsiando-se, em conjunto, na miscelânea da assistência, a «toilette» das mulheres, o seu pretenciosismo

---

26. «Enciclopédia Útil», 2-8-14, p. 1.

27. Sousa Costa, *ob. cit.*, p. 9.

e a pedantesca atitude dos homens, a fingirem intangíveis, a audácia da luz, cúmplice do «frisson» das jóias e do tumular dos cérebros entontecidos assecuram a ilusão, no seu disfarce da realidade [...]»<sup>1</sup>.

Não é, pois, de espantar, que as salas dos restaurantes sejam escolhidas para os jantares de confraternização associativa ou almoços comemorativos, como veremos.

O clube, pode dizer-se, definia a sua categoria pela qualidade das refeições que fornecia e pelo aprumo dos seus empregados. Era o restaurante que classificava o seu requinte.

O empresário do *Magestic* descreve-nos algumas das atribuições do seu *restaurant*: «No club se tratam de negócios [...] sem a monotonia costumada [...]. O comerciante tem ali o seu colega com quem detalha negócios bebendo o seu café, [...]. A Associação Comercial e Associação Industrial terão ali, nas salas amplas e luxuosas, as suas reuniões os seus banquetes [...]»<sup>2</sup>.

Ali se efectuavam as grandes transacções, se combinavam empenhamentos, se formavam e desfaziam empresas.

Mas o restaurante do clube estava longe de reduzido a esta definição. A refeição mais concorrida e mais característica era, inevitavelmente, a ceia. Depois da meia noite, se exceptuarmos alguns restaurantes e cervejarias, só no clube se podia, com certeza, comer<sup>3</sup>.

O prato preferido parece ser, a partir do material recolhido, o bife com ovo a cavalo, aliás hábito alimentar que se instala mesmo fora dos clubes: «[...] as próprias tascas de sardinha assada foram-se alindando e fazem bifés, costeletas [...]»<sup>4</sup>, queixava-se André Brun em 1918.

Apesar de não termos encontrado nenhuma ementa de restaurantes de clubes, sabemos que os *petits patés*, os *champignons*, a *mayonese* de lagosta, eram alguns dos aperitivos fornecidos e apreciados mesmo durante a ceia. Outros contentavam-se com galões e torradas, cacau e bolos, que devoravam pela madrugada.

---

1. «Scenários» in *ABC*, 25-8-27, p. 16.

2. «A propagação do Jazz-Band» in *Ilustração Portuguesa*, 19-1-25, p. 5.

3. *Ibidem*.

4. *Notícias Ilustrado*, 17-6-28, p. 18.

Quanto às bebidas, para além do sempre mencionado *champagne* — muitas vezes francês — a grande moda eram os *cocktails*: «o cocktail é uma bebida exótica, tão extravagante como o seu nome [. . .]. É exótica como o desenho moderno [. . .]. Há o cocktail de verão e de inverno»<sup>5</sup>.

Os nomes americanos denunciavam a sua actualidade: *whisker*, *duphy*, *grace's delight*, *jamaica cup*, *cannon punch*. De todos, de longe o *cup* era o mais apreciado.

A grande novidade que traziam foi «como o jazz-band; com os lutadores e como o *shimy*, «vencer» os velhos e inofensivos licores [. . .]»<sup>6</sup>.

O *vermouth*, o *cognac* e *absinto* destacam-se também pelo número de referências encontradas. O *Pernod*, o *Peppermint* o *Whisky*, os licores «caríssimos», os cálice de Porto, e mesmo o vinho de Colares surgem mencionados.

Apesar do primeiro anúncio de Coca-Cola surgir em Portugal em 1927, nenhuma referência a esta bebida é feita.

O certo é que as novas ementas combinavam a influência francesa dos menus com as inovações americanas, de forma exemplar.

Os nomes franceses e americanos davam a sensação da «culinária de requinte» ser, muitas vezes, um aglomerado de «hipóteses» . . .

Apenas o *Bristol* publicita o preço das suas ceias: 1\$00 em 1920 e 10\$00 em 1925. Denote-se o intuito claro de chamar o cliente através de preços mais acessíveis.

Mais nenhum outro clube anuncia os preços praticados e só temos «uma lista dum restaurant afamado de Lisboa [. . .]».

Atum	2\$400		
Foie gras	12\$000		
Linguado	2\$600	4\$000,	5\$000
Filets	4\$000		
Costeletas de Carneiro	3\$400		
Bife	3\$500		
1/2 Frango	8\$000	10\$000,	12\$000
Espargos	12\$00		
[. . .]			
Bucelas	2\$800		
Colares	4\$000		
[. . .]			
Porto	25\$000		
Champagne	45\$000		
Champagne Nacional	25\$000» <sup>7</sup>		

5. «Os aperitivos da Moda» in *ABC*, 17-3-27, p. 10.

6. *Ibidem*.

7. «. . . da vida cara e dos Restaurantes» in *ABC*, 21-9-22, p. 6.

Não sabemos de que restaurante se trata, mas estamos certos que o *Maxim's*, o *Monumental*, ou o *Avenida Parque* não levariam preços muito díspares destes.

Se atendermos a quanto ganhava um servente da função pública em 1925<sup>8</sup> — note-se que os dados atrás mencionados são referentes a 1921, e que se calcula em 52 e 54%, respectivamente, o aumento de custo de vida de 1923-24 — verificamos que necessitaria, para pagar uma garrafa de champagne estrangeiro, de três dias do seu ordenado. Mesmo para um chefe de repartição pública, esse precioso líquido valia mais de um dia do seu trabalho.

E sabemos, pelas descrições de que dispomos, que muitas das ceias e outras refeições no clube se transformavam, por vezes, em autênticos banquetes.

«Estavam quatro à mesa: o experimentado companheiro, o Antunes e duas raparigas avulsas. Havia tanta coisa de beber e de comer em cima da mesa que mal se via a toalha. Parecia um desastre»<sup>9</sup>.

Mas nem todos ceiam e usufruem de mesas «repletas de iguarias e comensais», porque as mesas «fazem cerco à pista dos dançarinos»<sup>10</sup>, e há quem prefira ficar em pé: «se é rapaz pobre não se senta. Saúda os conhecidos, finge que procura alguém dá volta às mesas, vai um pouco à sala de jogo ver o que não lhe interessa, baila um tango ou «fox-trot» com uma estrangeira — e vai-se embora»<sup>11</sup>.

8. Poder de Compra do Funcionalismo Público:

PROFISSÕES	1914	1923	1924	1925	ORDENADO EM 1925
Director Geral	100	49	38	44	2.001\$00
Chefe de Repartição	100	62	47	55	1.507\$50
1.º Oficial	100	51	39	45	922\$00
2.º Oficial	100	52	40	46	739\$50
3.º Oficial	100	65	47	55	628\$50
Contínuo	100	100	77	89	512\$00
Servente	100	119	94	109	501\$00

A. H. de Oliveira Marques (dir.), *História da 1.ª República Portuguesa. As Estruturas de Base*, Lisboa, s.d., pp. 402-406.

9. Almada Negreiros, *Nome de Guerra*, «Romances Portugueses — Obras Primas do Século XX», Lisboa, Círculo dos Leitores, 1987, p. 27.

10. Sousa Costa, *Uma Divorciada*, Lisboa, ed. Guimarães, 1927, p. 9.

11. «Crónicas de Verão. As noites de Lisboa depois da meia noite nos «clubs» bairristas e nos «clubs» cosmopolitas» in *Diário de Lisboa*, 13-7-27, p. 4.

É esta mescla de gente frequentadora do clube do que a originalidade local se manifesta. Os restaurantes dos clubes tinham essa característica, rodeavam um *ring* de dança — o *dancing* — e aí, os gestos desenvoltos dos «bailarinos» contrastavam com o rigor da casaca dos criados da mesa e com a correcção do *maître* do restaurante, como veremos de seguida.

## 5.4. O *Dancing*, Palco de Animação

### 5.4.1. A «mania» da dança.

O *dancing* do clube era o local onde desfilavam com maior espontaneidade os sinais exteriores da mudança de costumes que então se operava. O «ruído» do *Jazz* envolvia os pares frenéticos e a música obrigava a uma desenvoltura e expansão de movimentos nunca antes presenciados.

O conjunto de músicos de *jazz* (*jazz band*) — que em Portugal não deve ter excedido os quatro ou cinco elementos — fixava-se num canto da sala. As orquestras parecem não incluir elementos negros, mas os brancos fazem «o possível por parecer que são pretos»<sup>1</sup>. O novo som «fabricava» o ambiente, onde se «respirava» modernidade, se acompanhava o ritmo do «progresso», se intuía que o passado estava morto.

O *jazz* foi entendido pelos seus contemporâneos portugueses, como um marco da nova civilização, dizia Ferreira de Castro em 1925: «é o *Jazz-band* a música de momento, aquela que leva em si a tumultuosidade desta hora de transição que atravessamos»<sup>2</sup>.

O *jazz* atingia, entre nós, um sucesso avassalador: «hoje os sons burlescos e todavia gloriosos do *jazz-band* ouvem-se em toda a parte: nos clubes elegantes, [. . .], nos cinemas, nos parques públicos, nos restaurantes da moda e até em modestas leitarias que outrora viviam silenciosas, olvidadas de todas as descobertas da civilização»<sup>3</sup>.

---

1. «Crónicas de Verão As noites de Lisboa depois da meia noite nos «clubes» bairristas e nos «clubs» cosmopolitas in *Diário de Lisboa*», 13-7-27, p. 4.

2. «A propagação do *Jazz-Band*» in *Ilustração Portuguesa*, 19-1-25, p. 5.

3. *Ibidem*.

E assim era. Músicos como António Candido Ferreira ou J. Bento Monteiro lançavam as suas novidades musicais, *one steps* populares, diziam. Orquestras de *jazz* faziam-se publicitar nos jornais — «Black — Melody-Band. A orquestra *jazz*, preferida pelos principais clubs e salas particulares. O mais moderno e variado repertório»<sup>4</sup> — algumas pertencentes aos clubes eram «emprestadas» para festas várias — «[...] no salão «Ilustração Portuguesa» a festa [...] foi atrilhantada pela «Jazz-band» do Bristol»<sup>5</sup>.

As apreciações ao *Jazz* dos clubes nocturnos são inúmeras — «música de selvagens, donde se levitam gritos de desbravadores de selvas»<sup>6</sup> —, por vezes, contraditórias — «o que são os nossos restaurantes, os nossos clubs? [...] com um *jazz* muito melancólico [...]. Os *Jazz bandistas portugueses* são uns cultivadores do fado e tocam todas as músicas com o mesmo andamento. Onde estão esses instrumentos ensurdecadores, barulhentos, com gritos selvagens, esses assobios e gargalhadas que dão um espírito tão vivo e uma alegria tão contagiosa ao *jazz estrangeiro*»<sup>7</sup>.

É necessário encontrar um meio termo. As nossas bandas de *jazz* não realizavam improvisações, tão em voga nos Estados Unidos da América. Nada se assemelharia «àqueles gritos [...] [que] tiveram o efeito de chicotadas veementes, certeiras que [...] crispam os nervos»<sup>8</sup>.

No entanto, o ritmo sincopado surgia em força, a ferir os hábitos musicais de muitos.

Os nossos conjuntos musicais não tocavam o *jazz* no verdadeiro sentido do termo, como aliás acontecia no estrangeiro. «*Jazz* era música de dança tocada com um pouco de vigor»<sup>9</sup>.

Os músicos tocavam tanto os sucessos da música de dança moderna, como o lânguido tango ou mesmo a velha valsa: «O *Jazz-band* atacara com entusiasmo os primeiros compassos de uma valsa»<sup>10</sup>.

---

4. *Notícias Ilustrado*, 17-6-28, p. 18.

5. «A favor da Escola Israelita» in *ABC*, 8-12-27, p. 8.

6. «Propagação do *Jazz-Band*» in *Ilustração Portuguesa*, 19-1-25, p. 5.

7. «As Férias dos elegantes» in *ABC*, 9-9-26, p. 6.

8. João de Sousa Fonseca, «A loucura do *Jazz*» in *Europa*, Junho — 1927, p. 7.

9. Samuel B. Charters, Leonard Kunstadt, *Jazz, A History of New York Scene*, New York, Doubleday & Company, 1962, p. 121.

10. Augusto Navarro, *A Bailarina Loira*, Porto, Livraria Civilização, 1925, p. 15.

Estamos longe de ter um «Jazz-band com os seus berros [...] a sua sinfonia bárbara de garrafas partidas, apitos, uivos e guinchos»<sup>11</sup>.

O Jazz, no entanto, também em Portugal, tinha um conceito alargado ao moderno «louco» modo de viver: «Vive-se em jazz-band, pensa-se em jazz-band, faz-se arte com jazz-band, faz-se política jazz-band»<sup>12</sup>.

Mas, mais do que a música, eram as novas danças que atingiam maior popularidade. «Agora [...] é tão necessário frequentar as escolas de dança — como é preciso ir todos os dias ao emprego»<sup>13</sup>. «Estamos na época em que se dança continuamente [...] tão curtas são as madrugadas para dormir, depois dum baile a que se segue outro e outro»<sup>14</sup>.

Os anúncios que oferecem aulas de dança são múltiplos: «[...] P. Capelot acaba de ser contratado especialmente pela Academia de Danças de Salão dirigido pelo M.<sup>lle</sup> Carmelita e M. Paul [...] lecionam shimy, blue, fox-trot, tango, one-step, valsa, etc., etc., [...]»<sup>15</sup>.

Por volta de 1910 e até à 1.<sup>a</sup> Guerra, uma verdadeira moda do tango suplantou a valsa nos salões de baile. «Mas a guerra trouxe multidões de americanos à Europa e os americanos trouxeram o *jazz-band* e o seu vício de mudar de dança todas as semanas»<sup>16</sup>.

A primeira e muito popular dança moderna foi o *fox-trot*, seguido pelo *shimmy*, *black bottom*, e finalmente, com êxito retumbante, o *charleston*.

O *charleston* «invade» toda a imprensa a partir de 1926. Chega-se mesmo a anunciar que «[...] o professor de dança do Príncipe de Gales [veio] mostrar ao público de Lisboa como se deve dançar «correctamente» o «Charleston». Adaptou-se para esse fim o cinema que [mostrou] e [ensinou] essa interessantíssima dança. A primeira lição [foi] dada no écran do Salão Central [...]»<sup>17</sup>.

A grande originalidade das novas danças residia no facto «do carácter do verdadeiro público dos salões de baile ser ditado por dança de tipo individualista, no qual cada par dança os seus passos [...] sem relação com

---

11. «Teatro Negro» in *ABC*, 27-1-27, p. 22.

12. «Os Bailarinos de Cera» in *ABC*, 9-9-27, p. 10.

13. *Ibidem*.

14. Mme le Sourire, «Toilets de Baile» in *ABC*, 4-2-26, p. 11.

15. *ABC*, 4-7-26, p. 23.

16. «Os bailarinos de Cera» in *ABC*, 9-9-27, p. 10.

17. «A dança da Moda é o Charleston» in *Diário de Notícias*, 10-1-27, p. 3.

nenhum dos outros pares da sala»<sup>18</sup>. Os passos básicos seriam o *fox-trot*, o *one-step* e o *two step*. Os outros eram variações destes.

O facto de cada par ter total liberdade para escolher a forma como quer dançar dava às já exuberantes danças — para a época — um tom ainda mais «louco». Havia no entanto «preferências» certas: «O *one-step* é a dança preferida pelos homens que atingiram os quarenta anos»<sup>19</sup>. Quem quisesse dar «sensação» optaria pelo *charleston*.

Assim, «mal o *jazz-band* ataque os primeiros acordes dum *fox-trot* ou que a grafonola lhes resmungue as passagens da primeira frase, eis a multidão inebriada, batendo o compasso com o pé, enquanto os pares se enlaçam»<sup>20</sup>. «E, sob a ditadura do *jazz-band*, eles e elas, enlaçados, rodopiam sem cessar [...] principalmente o *charleston* — esse *charleston* epiléptico, ruidoso, extravagante que pretende ser, na dança, o embaixador do cubismo [...]. É o carnaval do movimento [...]. Os salões vintescos são novos templos, são templos pagãos, em que eternamente se joga o carnaval»<sup>21</sup>.

As críticas às arrojadas e movimentadas danças não se fazem esperar e há quem alerte: «o *charleston* é prejudicial às futuras mães [...]»<sup>22</sup>.

A antiga compostura dos salões de bailes perdia-se e, ao «ridículo dos modos acanhados, sucede o arrojo do desembaraço imprevisto»<sup>23</sup>.

É a música quem dita o ambiente. No início da noite há «música branda, sonhadora, [...] o *jazz* ruidoso, [é] reservado para mais tarde, quando a animação pede um ambiente de loucura ou de histeria»<sup>24</sup>. Só então o *jazz* é executado — «eram onze horas. Ouviram-se os primeiros ruídos do *jazz-band*. A luz da sala teve um brilho mais intenso»<sup>25</sup> — por vezes cortado por um tango que «obriga à sonolência dos sentidos»<sup>26</sup>.

---

18. Anatole Chujov, P.W. Manchester, «social dansin» in o *The Dance Encyclopedia*, New York, Simon and Shuster, 1967.

19. «O Triunfo das danças modernas» in *ABC*, 7-10-26, p.p. 19-20.

20. Miriam, «Dança e... *fox-trot*» in *ABC*, 13-6-29, p. 3.

21. Fernando Pamplona, «Salões vintescos» in *ABC*, 2-7-27, p. 16.

22. «Charleston» in *O Dançarino*, 13-11-26, p. 1.

23. «A compostura feminina segundo a época» in *ABC*, 14-3-29, p. 18.

24. Mário Domingues, *O preto do Charleston*, Lisboa, Ed. Guimarães, 1929, p. 17.

25. *Ibidem*, p. 22.

26. «Madrid, do prazer à noite» in *Notícias Ilustrado*, 10-3-29, p. 1.

Porém, ao longo da noite, a orquestra é obrigada a parar várias vezes, dando «dois minutos de folga aos ouvidos e á conversa»<sup>27</sup>.

Mas é também a banda quem anuncia as variedades.

#### 5.4.2. Variando de espectáculo: as variedades

«Houve uma súbita mutação de luz, a sala mergulhou numa vaga penumbra que envolveu as pessoas e as cousas numa branda dose de mistério. São as espanholas que vão trabalhar»<sup>28</sup>.

As bailarinas espanholas — sobretudo as sevilhanas — continuam a ter um papel fundamental nas variedades apresentadas nos clubes nocturnos. Amparito Medina faz sucesso, em Janeiro de 1925, no *Bristol* mas muitas outras são entusiasticamente anunciadas — Adelita Adriano, Clarita, Lola Branco, Maria de Jesus, etc. — às vezes de proveniência duvidosa. No entanto, surgiam já frequentemente nomes sonantemente estrangeirados: Eloisa Yorter, Elsa Nori, etc. O certo é que continuava o êxito da música espanhola. E o *Maxim's* anunciava a sua orquestra *tzigana*.

As variedades não se esgotam nos bailados. Há cançonetistas — Marino Sierra, Luizito Fiezzler —, ventríloquos — Moreno —, e mesmo «sensacionais números de patinagem artística»<sup>29</sup>. Não nos foi possível verificar se em Lisboa também existiram negros (ou não) que apresentassem números de música e dança moderna. Contudo, no romance de Mário Domingues, *O Preto do Charleston*, passado em Lisboa, o personagem principal é um angolano, contratado pelo clube para dançar o *charleston* e animar exoticamente as noites nesse local.

O romance de João Ameal, *Os Noctívagos*, descreve-nos, por outro lado, uma sessão de dança erótica, ocorrida no *Maxim's*: «O quarteto lançava os compassos banalíssimos do *Mon Homme* [. . .]. E, inesperada, uma mulher surgia, detrás do biombo, ao fundo, toda coberta duma capa negra, que só deixava assomar o cabelo doirado [. . .] principiou uma dança lânguida,

---

27. Sousa Costa, *Uma Divorciada*, Lisboa, Ed. Guimarães, 1927, p. 15.

28. Mário Domingues, *ob. cit.*, p. 26.

29. *Diário de Notícias*, 1-3-25, p. 2.

arrastada, sublinhando com quebraturas sensuais [...] desenhando uma sucessão de afagos, de arquitecturas lúbricas, de espasmos infinitos. Depois, parava momentos e atirava o *refrain*, numa voz ronronante e viciosa:

c'est mon homme . . .  
c'est mon homme . . . [...]»<sup>30</sup>.

As variedades apresentadas tinham um papel importante na classificação do clube. E, contrariamente ao atrás citado, no *Album de Portugal*, o *Maxim's*, é recomendado aos turistas: «O que de melhor há no estrangeiro o Maxim's contrata sem olhar a dificuldades. Acontece, portanto, que no programa das suas diversões há constantemente números de variedades colossais, cantadoras ou bailarinas»<sup>31</sup>.

#### 5.4.3. Ocasões especiais: as festas

Além destas diversões, o clube permitia que os seus clientes disfrutassem das suas salas em festividades múltiplas (ver anexo IV). Comemorações — como a do aniversário do *Diário de Notícias* em Janeiro de 1927, até à dedicada a Júlio Dantas no *Maxim's* em Janeiro de 1929 —, festas de caridade — como o chá dançante realizado no *Olímpia* em 30 de Outubro de 1924, pela colónia israelita, etc.

Políticos, oficiais de cavalaria, jornalistas, arqueólogos, etc., todos utilizavam as salas dos clubes para se reunirem festivamente.

Contudo, eram as festas organizadas pelos clubes que atraíam numerosa clientela. Os empresários publicitavam-nas nos jornais: «O Monumental Club [...] realiza hoje uma soireé de Cotillon gala»<sup>32</sup>.

O sucesso era demonstrado na forma como outras casas comerciais se lhes associavam. «Ainda há bem pouco tempo o «Monumental» deu, nos seus esplêndidos salões, uma festa a que chamou Argentina, que causou o deslumbramento de todos os assistentes pela sua *feerie* e, sobretudo, pelos

30. Lisboa, Ed. Lvmen, 1924, pp. 48-50.

31. *Album de Portugal*, Lisboa, Sintra, Estoril, Cascais, Tomo I. Ed. e propriedade da Revista Turismo, Lisboa, 1929, p. 70.

32. *Diário de Notícias*, 25-2-5, p. 2.

lindos costumes exibidos, que foram primorosamente confeccionados nos ateliers dos Grandes Armazéns do Chiado»<sup>33</sup>.

Algumas destas festas parecem ter sido anunciadas em cartazes afixados por Lisboa, a avaliar pelo romance, *O Preto do Charleston*, de Mário Domingues: «mandara afixar por toda a cidade um cartaz berrante e pomposo em grandes letras vermelhas e negras. Roma Club. Sempre em festa [...]»<sup>34</sup> (Note-se a analogia com o *Bristol* que perpassa todo este romance: este Clube também se fazia anunciar como «o único sempre em festa»).

Estas festas serviam, muitas vezes, para atrair clientela em períodos de frequência mais reduzida. No entanto, para a véspera do Natal, o *reveillon* e o carnaval, eram elaborados programas pormenorizados, diariamente anunciados. Mas era, sem dúvida, o carnaval, o período mais animado dos clubes. As festas podiam começar à tarde, com simples matinés infantis e prolongar-se pela noite dentro — *O Salão Alhambra* anuncia o concurso de máscaras infantis até às 22 horas e, às 24 horas, Baile para adultos<sup>35</sup> — ou distinguir-se pelo grau de sofisticação — *Monumental*, «Hoje, Concurso de mantones de Manila [...], Baile de Máscaras, Variedades. Amanhã, *une Nuit au Rat Mort*»<sup>36</sup>; «Avenida Parque concurso de cegadas e tunas»<sup>37</sup>.

As descrições dos carnavais dos clubes são efusivas. «Onde a animação do Carnaval alcançou máxima alegria foi nos clubes — muito superior à da véspera. Estavam completamente cheios, e, ao contrário do que se passava na rua, o Carnaval foi ali festejado com entusiasmo, sim, mas sem a menor nota discordante, sem o menor incidente»<sup>38</sup>. «Uma das notas mais elegantes deste carnaval foi, sem dúvida, a dos bailes dos clubes»<sup>39</sup>.

Procura-se dar do clube um aspecto de diversão distinta — os bailes do salão *Alhambra* «foram esplendidos»<sup>40</sup>; no *Bristol* as festas, são «muito animadas [...], neste club, um dos mais bem frequentados da capital [...]»<sup>41</sup>. e o *Maxim's* — «tem a dirigi-lo uma direcção inteligente, fina

---

33. «Os Clubs de Lisboa» in *Diário de Notícias* 34-5-27, p. 2.

34. Mário Domingues, *ob. cit.*, p. 255.

35. *Diário de Notícias*, 24-2-25, p. 2.

36. *Diário de Notícias*, 31-1-29, p. 2.

37. *Ibidem*, p. 4.

38. «Nos Clubs» in *Diário de Notícias*, 23-2-25, p. 3.

39. «Nos Clubs o Carnaval tem decorrido brilhantemente» in *Diário de Notícias*, 24-2-25, p. 3.

40. «Os bailes do Salão Alhambra» in *Diário de Notícias*, 24-2-25.

41. «Bristol Club» in *Diário de Notícias*, 24-2-25, p. 3.

e com conhecimentos profundos do género. Nem de outra forma se compreendia a realização das festas que ali têm lugar, muitas de completa novidade, e que despertam sempre o maior interesse»<sup>42</sup>.

Contudo, por detrás desta capa de requinte da frequência e de primor na animação, escondiam-se algumas maleitas do clube nocturno: a droga e a prostituição.

## 5.5. O Prazer, a Luxúria e a Invasão nos Clubes Nocturnos

### 5.5.1. A «Mulher» dos clubes

Além da dança, do jogo, e do restaurante, o clube era ainda um local apetecível para quem procurava a aventura de um «flirt» — tão em moda — ou o prazer pago a uma mulher.

Segundo António Telo, «as prostitutas eram calculadas em mais de 20.000 na capital»<sup>1</sup>. Só uma noite, na zona da Mouraria, foram presas trinta e oito, em Setembro de 1926<sup>2</sup>. «A polícia faz-lhes constantes rusgas, mas infelizmente, o número não diminui antes aumenta, numa progressão que impressiona [...] temos [...] protestado contra os longos cortejos em que elas figuram, de madrugada, quando a autoridade as conduz em «levas» para os calabouços do Governo Civil»<sup>3</sup>.

Os jornais fazem várias campanhas contra o flagelo. É o caso de *A Batalha* (que durou mais de 3 anos, 1923 a 1926) ou do *Diário de Notícias* (de Agosto a Outubro de 1926) e todos são unânimes em considerar o clube como local de prostituição.

No *Diário de Notícias* chega-se mesmo a propôr: «proibir rigorosamente às mesmas a entrada nos clubes onde se joga. Mais: conceder prémios

---

42. *Album de Portugal*. . . ob. cit, p. 61.

1. António Telo, *Decadência e Queda da I República Portuguesa*, 1.º vol., A Regra do Jogo, Lisboa, 1980, p. 110.

2. «Salvemos as Raparigas» in *Diário de Notícias*, 16-9-26, p. 1.

3. «Salvemos as Raparigas» in *Diário de Notícias*, 24-8-26, p. 1.

pecuniários a todas aquelas reconhecidas pela polícia como toleradas que se libertassem do pântano em que vegetam»<sup>4</sup>.

As autoridades estão atentas e, em 7 de Fevereiro de 1924, sai um Edital do Governo Civil de Lisboa que regulamenta a actividade das toleradas e meretrizes<sup>5</sup>.

Mas a repressão era difícil e é o próprio tenente coronel Ferreira do Amaral quem alerta: «há personalidades em destaque na Sociedade e na Política que têm largos interesses ligados a casas suspeitas [...]»<sup>6</sup>.

Os locais de prostituição não se reduziam, nestes anos 20, às ruas mal afamadas, nem às casas de toleradas de princípio do século. Existiam também os clubes, que lhes faziam séria concorrência: «[...] homem de certa idade e muito rico, que vive sozinho, e precisa duma pequena [...]. Não quer mulher de clubes nem que não sejam de confiança [...]. Olha que fregueses assim, hoje em dia, são aves-raras»<sup>7</sup>.

As *papillons* dos clubes, que teriam como objectivo definido chamar clientela «à casa», são as figuras destes locais com pior reputação. Apesar de se encontrarem outras definições de *papillons*: «A papillon [...] é o tipo mais aproximado ao da *geisha* japonesa. A sua missão é puramente decorativa. Deve ser bela, deve ser inteligente, saber palestrar, fazer rir, representar, abancada a uma mesa, como se representa no teatro. E se quer ser só papillon — o seu papel termina aí. . . Terminada a festa, retira-se para o seu lar»<sup>8</sup>.

Mas muitas não ficavam por «aí». «No terreno neutro entre mesas, aquém e além gradeamento, as papillons deslizam, sarocoteiam-se, esvoaçavam [...]. Atraídas pela luz artificial da riqueza, cegas pela sede mortal do luxo, moças sacerdotizas do vício, paramentadas de sêdas, estreladas de jóias e corrigidas a *batôn*»<sup>9</sup>, procuravam restituir «à casa» o que o jogador ganhava durante a noite.

4. «Salvemos as Raparigas» in *Diário de Notícias*, 11-9-26, p. 1.

5. O último Regulamento datava de 2 de Agosto de 1900.

6. «Luta Moralizadora» in *Diário de Notícias*, 14-9-26, p. 1.

7. José Rodrigues Miguéis, *O Milagre Segundo Salomé*, vol. I, «José Rodrigues Miguéis, Obras Completas», Lisboa, Estampa, 1984, p. 141.

8. Repórter X, *A viragem do «Bristol»*, Porto, Ed. «Primeiro de Janeiro», 1927, p. 123.

9. Sousa Costa, *Uma Divorciada*, Lisboa, Ed. Guimarães, 1927, pp. 9-10.

Contudo, não são só as *papillons* que praticam a prostituição. Há as mulheres a cargo de «proxenetas» — «na rua, já ela vinha dando explicações do azar daquela noite em que não ganhara um centavo, ele, numa teima, a assegurar que bem a vira na companhia de um sujeito endinheirado»<sup>10</sup>.

A prostituição ali praticada era, no entanto, de «élite», requintada e luxuosa. No clube vegetavam as prostitutas finas. «A Clarisse [...] agora chegava à maturidade, conseguia finalmente uma instalação nas avenidas novas, com aquele aquecimento central, largas poltronas de braços, garage, jardim aparatoso [...] e, como aperitivo, *un amant de coeur*, três dias na semana, que outro ia pagando sem saber. . . .»<sup>11</sup>.

Descritas como «eterno(s) vampiro(s) da carteira masculina»<sup>12</sup>, são elas que, se um homem «tem uns sessenta anos e se senta no «dancing», logo [...] o cercam, o rodeiam de mimos — e de encargos. É mesmo um dos mais interessantes fenómenos desta vida dos «clubes»: a preferência das mulheres pelos que já dobraram o cabo dos cinquenta. . . .»<sup>13</sup>.

Os nomes que muitas delas utilizavam eram rápidos, normalmente abreviaturas estrangeiradas: Ninon, Nini, Anette, Carmen, Gaby, Odette, etc.

Por outro lado, «principalmente depois da queda do franco, houve nos «clubs» uma verdadeira invasão francesa: a «papillon», a coupletista, a bailarina»<sup>14</sup>.

No entanto, temos de ter em conta que a ênfase dada às mulheres que «se vendem» procura obscurecer a emancipação que algumas ensaiavam na Lisboa de então. Eram apontadas como libertinas e caluniadas pelas suas atitudes provocatórias. Faziam, sim, antes de tudo, questão de afirmar a sua autonomia.

«Lembre-se do que lhe disse há pouco: sou uma mulher independente; não venho aqui para ganhar a minha vida. Seria capaz de receber uma prenda sua, uma amabilidade. Aceitar, porém, a paga de um sorriso, de um beijo, isso nunca!»<sup>15</sup>.

«Jamais a moda causou tão grandes abismos entre duas gerações [...]»<sup>16</sup>.

---

10. Mário Domingues, *O Preto do Charleston*, Lisboa, Ed. Guimarães, 1929, p. 140.

11. João Ameal, *Os Noctívagos*, Lisboa, ed. Lvmen, 1924, p. 25.

12. Beatriz Delgado, «A Mulher dos olhos lindos» in *ABC*, 5-11-25, p. 2.

13. «Crónicas de Verão. As noites de Lisboa depois da meia noite nos «clubs» bairristas e nos «clubs» cosmopolitas» in *Diário de Lisboa*, 13-7-27, p. 4.

14. *Ibidem*.

15. Mário Domingues, *ob.cit.*, p. 140.

16. «O perfil da mulher moderna» in *ABC*, 8-7-26, p. 3.

E assim era, as mulheres modernas «cortam os cabelos à *garçonne*, guiam automóveis, montam a cavalo, fumam os seus cigarros e, quando calha, o seu charuto, praticam todos os desportos, vão ao club, usam badine e monóculo, vestem pijamas femininos [ . . . ]»<sup>17</sup>.

Penteadas à *Ninon*, protegidas com a sua capa de *lamé*, decoradas com compridos colares de pérolas, estas mulheres, para além destes inúmeros sinais exteriores de diferenciação, comungavam de uma outra filosofia de vida.

Tratam por tu os seus amigos, o que, para muitos, era visto como «um sinal violento de domínio e de cumplicidade. É, em geral, o selo da posse recíproca, das carícias recíprocas, do prazer recíproco»<sup>18</sup>. São elas quem defende ser «mais interessante: um clube onde a gente é, com toda a nossa franqueza, com toda a arte, com toda a beleza, uma *cocotte* [do que] a alta sociedade formalista, circunspecta onde se é *cocotte* com muito menos arte, com menos elegância, sob a máscara odiosa e hipócrita da honestidade»<sup>19</sup>.

A liberdade e espontaneidade dos seus gestos, a entrega a aventureiros «flirts», são reduzidas, em muitos autores a apreciações moralistas como esta: «a sua religião é a das orgias [ . . . ] não acredita no amor [ . . . ]. Para ela o amor é a posse. É a carne. É a luxúria e o gozo»<sup>20</sup>.

Nos clubes, dançavam sem compostura, «voltejavam levadas nos braços dos homens, mordidas pela claridade das luzes, embriagadas pelos vapores do álcool»<sup>21</sup>. E acusam-nas de mulheres fatais, insensíveis, pouco escrupulosas e hipócritas.

As rupturas e cortes que as mulheres modernas provocavam em velhos hábitos mentais excediam o círculo social em que se movimentavam. Costureirinhas, prostitutas de «rua», «sopeiras» com fatos domingueiros seguiam as modas por elas lançadas.

O divórcio que, logo a seguir ao 5 de Outubro de 1910, tinha sido legislado (a 3 de Novembro), dera oportunidade a que muitos casais optassem por esta

---

17. «O presente e o futuro . . . » in *ABC*, 22-4-26, p. 10.

18. João Ameal, *ob.cit.*, p. 36.

19. Mário Rodrigues, *ob.cit.*, p. 14.

20. Augusto Navarro, *Uma Rapariga Moderna*, Porto, C.<sup>a</sup> Portuguesa Editora L<sup>da</sup>, 1925, pp. 13-14.

21. Idem, *A Bailarina Loira*, Livraria Civilização, Porto, 1925, p. 18.

inovadora situação<sup>22</sup>. Para muitos, este mal «recente» era incrementado por estas mulheres que lutavam pela sua emancipação. Dizia Sousa Costa, «o divórcio é hoje moda — como o cabelo à *Ninon* ou o bigode rapado [ . . . ]»<sup>23</sup>.

De facto, «estamos perante um fenómeno caracteristicamente urbano: em 1931, 51% das pessoas divorciadas viviam nas freguesias citadinas. Nesse mesmo ano, 40,7% dos divorciados residiam nas cidades de Lisboa e Porto»<sup>24</sup>. Era natural, que sendo a grande maioria dos jornais e novelas por nós consultadas provenientes de Lisboa, o intuito de moralização fosse tão visível. Para mais, «o grupo social que, com maior intensidade e frequência, recorria ao divórcio era o funcionalismo»<sup>25</sup> ao qual, como sabemos, era em grande medida a faixa mais significativa dos leitores dessas fontes.

Há, pois, que descontar o impacto, nas descrições da época, do papel da prostituição nos clubes nocturnos.

O mesmo se pode dizer das apreciações que fazem sobre o homem moderno, normalmente descrito como homossexual, de gestos efeminados, servis a todas as novidades da moda, escravos de prazeres doentios. De facto, «a camisa, o colarinho e os punhos deixavam de ir à engomadeira, quebrando a hirta solenidade do janota *d'avant guerre*, reservando-se os chapéus de coco e o alto para os grandes momentos da vida, contentando-se o homem em cobrir a cabeça com um chapéu mole, conservando ainda o de palha, de copa e aba rígida»<sup>26</sup>. As calças à golfe, o jaquetão, e a renúncia ao colete, eram a prova de que a moda masculina também ela evoluía no sentido de uma maior liberdade de movimentos. O certo é que o homem perdia a sua solenidade e formalidade.

---

22. «Os anos de 1911-1912 são anos de liquidação do passado [ . . . ]. A um período de provável quebra de ritmo de divórcios (1913-18), segue-se uma época de crescimento, subsequente à Primeira Guerra Mundial (1919-23). Uma nova descida entre 1924 e 1928 alterna com outra subida, a partir de 1929 [ . . . ]» in Rui Cascão, «Família e Divórcio na Primeira República», *Actas do Colóquio, Coimbra, 20 a 22 de Março de 1985. A Mulher na Sociedade Portuguesa, visão histórica e perspectivas actuais*, 1.º vol., Coimbra) I.H.E.S., Faculdade Letras, 1986, p. 155.

23. Sousa Costa, *ob.cit.*, p. 180.

24. Rui Cascão, «Família e Divórcio na I República», *Actas do Colóquio* . . . , *ob.cit.*, p. 157.

25. *Ibidem*, p. 161.

26. Franz-Paul de Almeida Langhans, José Mendes Aleixo, *O Turf e a sua história 1883-1973. Crónica da Vida Lisboaeta e das Origens do Desporto Hípico em Portugal*, Lisboa, Oficina Gráfica L<sup>da</sup>, 1973, p. 341.

Ambos, homens e mulheres, eram acusados ainda de seguir a mais vil das modas, a da cocaína. «Nati fuma cigarrilhas aromatizadas de ópio de mel. Envenena-se com cocaína. Perde-se por champagne gelado. Embriaga-se com licores e toma café com éter»<sup>27</sup>.

A droga sim, levava muitas à prostituição. «Existem várias prostituições classificadas pela moeda ou género pago — e todas dignas do nosso dó. Mas esta, a das que se prostituem sem amor, sem prazer, com repulsa, em troca do alcaloide déspota e cruel, é das mais aflitivas»<sup>28</sup>.

### 5.5.2. A «Maldita Cocaína».

Nos anos Vinte, «os lisboetas tinham perdido as crises de melancolia estúpida e de «alegrão» gritão e provocativo. . . Divertiam-se entre si, sem necessidade de excitantes plebeus: a obscenidade, o vinho carrascão [. . .]»<sup>29</sup>. O palco desta mudança era o clube nocturno. Se, até à guerra, «o máximo de desequilíbrio boémio de Portugal era o abuso de licores», depois «e com o falso e verdadeiro cosmopolitismo [. . .], importamos um carregamento completo de drogas»<sup>30</sup>.

Existiam já alguns morfinómanos em Portugal, muitos por padecerem de doenças graves. «Mas a entrada triunfal pertenceu à cocaína. . . »<sup>31</sup>.

Segundo Reinaldo Ferreira, foi no *Palace*, em 1915-16, que surgiu uma francesa que «foi a primeira retalhista de coca que houve entre nós»<sup>32</sup>.

«Coincidiu esse primeiro clube com uma multidão cosmopolita, misteriosa, estranha, confusa, que invadiu Lisboa — gente desflechada pela Guerra — uns vivendo da Guerra: outros fugindo à morte da Guerra. . . »<sup>33</sup>.

---

27. Augusto Navarro, *Uma Rapariga Moderna*, ob.cit., p. 15.

28. Reinaldo Ferreira, *Memórias de um Ex-Morfinómano*, Lisboa, Ed. dos Herdeiros, 1956, p. 8.

29. Repórter X, ob.cit., p. 176.

30. Idem, «Existem Fumeries de ópio em Lisboa?» in *ABC*, 25-8-77, p. 3.

31. *Ibidem*.

32. *Ibidem*.

33. Reinaldo Ferreira, ob.cit., p.36.

O vício alastrou rapidamente e «da cocaína passou-se ao cruzz, e do cruzz ao ópio»<sup>34</sup>.

No entanto, a droga mais divulgada foi a «neve», a «coca»: «era a mais fácil, a mais acessível e dissimulável — foi a coca que se propagandou entre frequentadores de bailes e gentes da sociedade, papillons, coristas, artistas, novos ricos e damas de bom tom . . .»<sup>35</sup>.

A cocaína era consumida «nas casas de jogo, nos cabarets [. . .] o ópio, porém, mais subtil, mais complicado, encontrou guarida entre os intelectuais, nas melhores classes»<sup>36</sup>.

Nos clubes, encontrava-se grande número de traficantes, normalmente identificados, nas fontes utilizadas, com os estrangeiros.

«— E como arranjas tu a cocaína?

— Por intermédio de uma francesa que ali anda, uma madame Lenoir . . .»<sup>37</sup>.

Mas há nitidamente, nos romances e na imprensa, o objectivo de considerar as mulheres as grandes disseminadoras deste vício nos clubes. «Ela [. . .], com o ar carinhoso de mulher que deseja o bem do homem que a estima, indica-lhe o remédio. Está numa caixinha de metal sobre o toilette. O senhor abre a caixa e examina o conteúdo. Não sabe o que é. Ela não lho diz, empunha uma pequena seringa de vidro e injecta-lhe um pouco de líquido na perna»<sup>38</sup>.

É comum este tipo de denúncias, e repetem-se as insinuações às «caixinhas» que as mulheres «modernas» sempre trazem consigo: «Odete abriu uma maleta de mão, sacou uma caixinha minúscula que continha um pó branco de perfume acre. Mergulhou no pó a ponta do «*abdulla* e acendeu-o»<sup>39</sup>.

Mas as drogas não eram um exclusivo das mulheres: «um cavalheiro [. . .] traz sempre uma pitadinha de coca para si e para os amigos»<sup>40</sup>. Temos de

---

34. Repórter X, «Existem Fumeries de ópio em Lisboa» in *ABC*, 25-8-77, p. 3.

35. Reinaldo Ferreira, *ob.cit.*, p. 94.

36. «O ópio perigo europeu» in *ABC*, 1-9-77, p. 9.

37. João Ameal, *As Criminosas do Chiado*, Lisboa, Ed. João Romano Torres, 1925, p. 142.

38. Mário Rodrigues, *ob.cit.*, p. 173.

39. *Ibidem*, p. 27.

40. *Ibidem*, p. 130.

de clubes ou escrocs cadastrados»<sup>41</sup>, ou mesmo ligado a frequentadores mais insuspeitos: a denúncia é feita pelo jornal *A Batalha*: «ainda há dias, numa casa bem frequentada por agentes da polícia e por oficiais do exército, nós vimos exercer-se esse comércio»<sup>42</sup>.

Como o negócio era rentável, a repressão não conseguiu atingir grande eficácia.

A lei n.º 1687 de 6 de Agosto de 1923 e o Decreto n.º 10375 de 9 de Dezembro de 1924<sup>43</sup> regulamentaram o controlo da importação dos estupefacientes. Mas o contrabando é frequentemente denunciado na imprensa. O Decreto n.º 14684, de 8 de Dezembro de 1927<sup>44</sup>, determinou as normas a que devia obedecer a venda destes produtos, nas farmácias. Contudo, os canais paralelos da sua comercialização continuavam. O Decreto n.º 12469 de 12 de Outubro de 1926, era mais contundente: «Considerando que a repressão destes crimes, para ser eficaz, exige ainda julgamento rápido [...]»

Artigo 1.º Aos directores e adjuntos de investigação criminal compete, dentro da área da respectiva cidade, o julgamento em processo sumário dos indivíduos [...]»<sup>45</sup>.

Procura-se, assim, combater mais eficazmente os próprios «dependentes», estivessem onde estivessem, sem lhes dar ocasião de utilizarem as mais variadas pressões no sentido de travar os processos judiciais.

As notícias das rusgas que se efectuavam pela polícia são reveladoras do tipo de «passador» e de consumidor. O *Diário de Notícias* noticiava, em 30 de Maio de 1927, que tinha sido preso por venda de estupefacientes, «um ex-ajudante de farmácia Coelho Jesus» e que este revelara que vendia «a diferentes pessoas, e, entre elas, a um hóspede do Avenida Palace...»<sup>46</sup>.

Mas a vigilância da polícia, como não podia deixar de ser, recaía sobre os clubes. Em Outubro de 1926, as autoridades elaboraram mesmo uma lista de nomes de indivíduos considerados viciados, que afixaram à porta dos *Nights Clubs*, proibindo ali a sua entrada. Mas o sucesso de tal medida foi

---

41. «Cocaína» in *ABC*, 4-11-27, p. 2.

42. «O Abuso dos Alcoólicos» in *A Batalha*, 5-10-26, p. 1.

43. *Colecção Oficial de Legislação Portuguesa*, 1924, II.

44. *Ibidem*, 2.º vol, 1927.

45. *Ibidem*, 1926.

46 «O último caso criminal de estupefacientes», p. 3.

duvidoso, queixa-se um leitor do jornal *A Batalha*: «vendo o meu nome incluído, num impresso que o comando da P.S.P. mandou afixar em todos os clubes de Lisboa [. . .], [achei] muito extraordinário que isto [sucedes-se]»<sup>47</sup>. Só «a algumas pessoas se proíbe a entrada nos clubes, os cocainómanos riem a bom rir das medidas de repressão da polícia»<sup>48</sup>.

Em suma, «a guerra, com todos os seus cortejos de excitações e excepções, com os seus refluxos de tragédia, ânsia de pandegar, gozos, esbanjamentos; os seus clubes, os seus dancings, os seus cabarets, os seus jazz, mixordando a orgia bárbara dos americanos com os refinamentos neuróticos dos europeus — havia forçosamente de criar em Portugal um ambiente favorável à volta de todos os prazeres [. . .]»<sup>49</sup>.

Mas quem são, afinal, os frequentadores dos clubs, que dançam freneticamente, ou se deleitam a olhar os pares no *ring*, que lá ceiam ou optam por tentar conquistar uma *papillon*, que preferem por vezes a invasão da «co-ca» ao consolo de um absinto, que jogam ou deixam jogar?

## 5.6. A «fauna» dos Clubes Nocturnos

Os clubes nocturnos, como vimos, tinham intuitos lucrativos, e o direito de admissão não era limitado a sócios quotizados. A entrada era restringida àqueles que pagassem determinada quantia<sup>1</sup>, ou então, praticava-se um sistema flexível no direito de admissão: «[. . .] para ali se entrar será necessário ser apresentado, pertencer à casa, não se correndo o risco de nos encontrarmos ombro a ombro com qualquer aventureiro, o que sucede frequentemente, mesmo nos lugares de boa tatuleta»<sup>2</sup>. Estes processos tinham

---

47. «O Abuso de Alcolóides» in *A Batalha*, 7-10-26, p. 1.

48. *Ibidem*.

49. Reinaldo Ferreira, *ob.cit.*, p. 94.

1. «Após vinte mil reis pagos à entrada, dava ingresso numa grande sala [. . .]», in «Crónica Alegre», *Domingo Ilustrado*, 15-2-1925, p. 3.

2. «Os Grandes Clubs em Lisboa e na América», in *ABC*, 23-12-1920, p. 15.

um alcance limitado, uma vez que, aos *habitués*, não se pediria diariamente a dita quantia e, por outro lado, a selecção não obedecia a critérios rígidos: há sempre um conhecido de fulano, um amigo do amigo de beltrano. . .

Uma boa prova da heterogeneidade da clientela dos clubes é a forma como cada cliente procede nestes locais: «se é rapaz pobre, não se senta [ . . . ]. Se conseguiu guardar o suficiente para uma garrafa de 'champagne' ou alguns cálices de licores, busca uma mesa onde esteja uma mulher ou chama uma mulher para a sua mesa»<sup>3</sup>. Se não tem «mais» onde gastar o dinheiro, esbanja em sumptuosas ceias, joga todas as noites ou toma «conta» de uma das *papillons* que por ali habitam.

É evidente que, como assinala constantemente o jornal *A Batalha*, os operários e a pequena burguesia, tão abalados com a inflação, não frequentavam os clubes. As tabernas, os *cabarets* de terceira categoria, as prostitutas de lúgubres lugares e o vinho carrascão substituíam o clube ostensivamente luxuoso, recheado de mulheres perfumadas, e «refrescado» por taças de *champagne*.

É difícil caracterizar os seus frequentadores. Se as novelas e romances, de intuítos moralistas, viciam as informações ao darem especial ênfase a certos grupos sociais — novos ricos, políticos corruptos, aristocratas, intelectuais e prostitutas — a imprensa, pelo contrário, nas referências que faz às variadas festas que se dão nesses locais, salienta o requinte, a solenidade e elegância da clientela dos clubes<sup>4</sup>: «As nossas gravuras mostram a grandeza dessas noites de festa, engalanadas por lindas mulheres e negras casacas. Desde os senhores embaixadores da Inglaterra e da França ao banqueiro Ulrich, ao Conde de Burnay e a tantos, entre escritores, poetas e artistas»<sup>5</sup>.

Se é certo que os clubes, por nós tratados, formavam autênticas ilhas de cosmopolitismo, numa Lisboa ainda marcada pela miséria, o ruralismo e o provincianismo, não é menos verdade que os clubes conseguiam atrair uma clientela mais variada do que à partida poderíamos supôr: «as coccotes, os jogadores, os ricaços, os pelintras, [ . . . ] o luxo, a miséria, a vida e a morte»<sup>6</sup>.

---

3. «Crónicas de Verão. As noites de Lisboa depois da meia noite nos 'clubs' bairristas e nos 'clubs' cosmopolitas», in *Diário de Lisboa*, 13-7-1927, p. 4.

4. Ver Anexo III.

5. «O que foi o Baile das Artes», in *Notícias Ilustrado*, 21-4-1929, p. 5.

6. «Lisboa Tresnoitada», in *Diário de Notícias*, 20-1-1925, p. 1.

E, se atendermos às informações recolhidas nos jornais — de rusgas, assassínatos e outros acontecimentos ocorridos nos clubes — verificamos que, ao lado de «toda a Lisboa *chic* que dança *fox-trot*, que toma chá das seis, que frequenta a *Garrett* e o *Rendez Vous* e que faz a fortuna do *carnet mondain* e dos cronistas mundanos»<sup>7</sup>, encontramos homens de passado duvidoso: é o caso de Alberto Baptista, empresário do *Ritz-Club*, que em tempos fora empregado do Grandela<sup>8</sup>; ou ainda do frequentador José Saraiva, alfaiate<sup>9</sup>. Os exemplos repetem-se, e não nos surpreende encontrar «o ex-agente Cadeias [...] [que] estava na barbearia do 'club'»<sup>10</sup> quando se dá um assassinato, nem mesmo que «um tal Alberto Augusto, antigo guarda cívico e hoje ficheiro» seja aquele que transporta um homem, vítima de agressão no *Clube dos Patos*<sup>11</sup>.

O jogo atraía, é certo, a clientela mais variada, mas era também ele que chamava ao clube uma faixa de gente influente que, como vimos, tão bem protegia estes locais. Se é verdade que «este ou aquele governo fechara os olhos [ao jogo], outros davam ordem para enérgica repressão»<sup>12</sup>, e havia desta forma muitos elementos da elite portuguesa que não faziam parte dos frequentadores dos clubes, aqueles que «guardam como uma névoa de tristeza a sua pureza um pouco demodée; que usa nos fatos e maneiras um ar inconfundível de distinção [...] que marca ainda por esse recato que é um perfume *ancien régime*, não essa não vai»<sup>13</sup>.

Mas mesmo os aristocratas frequentam os clubes. As referências a estes elementos nos romances são numerosas: o Conde Roim do romance *A virgem do «Bristol Club»*, que se bate em duelo pela amante; o Barão de Moncorvo de *Os Noctívagos*, etc. Mas são as mulheres aristocráticas as mais acusadas de se desviarem dos seus nobres antepassados, ao adoptarem «levianamente» as modas parisienses e os hábitos excêntricos, como o de ir ao clube.

---

7. João Ameal, *As Criminosas do Chiado*, Lisboa, ed. João Romano Torres, 1925, p. 134.

8. «Á margem da Batota», in *Diário de Notícias*, 21-5-1927, p. 1.

9. «Um Homem Morto no Ritz-Club», in *Diário de Notícias*, 19-10-1926, p. 2.

10. *Ibidem*.

11. «Um Homem Morto», in *Diário de Notícias*, 20-2-1926, p. 2.

12. Manuel Nunes, *As Memórias do Chefe de Polícia Pereira dos Santos*, Lisboa, ed. Marítimo Colonial, L<sup>da</sup>, 1945, p. 24.

13. «As soirées da moda...», in *ABC*, 28-10-1920, p. 7.

No entanto, são os novos-ricos os mais frequentemente são «culpabilizados» por fazer prosperar a vida nocturna lisboeta. Eram de facto eles quem sustentava, em grande medida, estes modernos locais. Não só se encontravam mais disponíveis — mental e culturalmente — para a aceitação dos novos modelos de conduta social, como tinham aí oportunidade de assinalar ostensivamente o seu novo estatuto na sociedade.

Os clubes procuravam atraí-los com uma publicidade que frisava «o chic», «o luxo» e a modernidade dos seus serviços.

«Vinde ver as tribos dos ricos sem consciência, sem pudor, nem compaixão, [. . .] que [. . .] fazem do dinheiro, que devia ser o instrumento do bem pelo trabalho, a fonte de todas as perversões pela excitação de todos os vícios»<sup>14</sup>.

Contudo, os negociantes «com imponências de milionários»<sup>15</sup>, como o «china empresário de outros chinas que vendem bugigangas»<sup>16</sup>, misturam-se com rouceiros das nossas colónias de então, toureiros tauromáquicos, latifundiários do Sul, lavradores do Norte, engenheiros, marujos, estrangeiros, diplomatas, turistas, etc.

Contudo, é a classe política a mais censurada por frequentar estes locais. O papel «do ridículo» dos deputados de província é explorado e muitas vezes agravado com referências aos amigos provincianos que eles ali levam. Acusam-nos de oportunismo — «é deputado do norte. Já foi deputados três vezes. E cada vez que o elegem deputado . . . compra uma quinta no baixo Minho e faz depósito nos bancos ingleses»<sup>17</sup> — atributo que é alargado a toda a classe política — «é o Teodoro Ribeiro . . . um que já foi ministro da Instrução»<sup>18</sup>.

As acusações aos políticos são por vezes arrasadoras: «Nada de extraordinário — era um banquete político. O Partido da Regeneração Portuguesa festejava um dos seus muitos aniversários [. . .]. Um regenerador sacou do bolso uma caixinha minúscula e misteriosa, abriu-a revelando um pó imaculado, como neve, e disse:

— Sirva-se, ilustre cidadã.

— Coca! — exclamou a distinta rapariga [. . .]. São todos assim os regeneradores?

— Quase todos, minha boa amiga, quase todos. . . »<sup>19</sup>.

---

14. «Histórias e personagens das salas de jogo», in *ABC*, 8-8-1926, pp. 6-7.

15. «O joguismo disfarçado em turismo», in *O Século*, 14-1-1920, p. 1.

16. João Ameal, *ob.cit.*, p. 45.

17. Sousa Costa, *Uma Divorciada*, Lisboa, Ed. Guimarães, 1927, p. 17.

18. *Ibidem*, p. 16.

19. Mário Domingues, *O Preto do Charleston*, Lisboa, Ed. Guimarães, 1929, p. 224.

Os intelectuais, artistas, poetas e sobretudo jornalistas, bem afamados pelos seus gostos boémicos, surgem mais como os excêntricos e *habitués*, e são, normalmente, afastados das condenações mais rudes. «Frente ao *ring* de dança agrupava-se a tertúlia habitual, tertúlia de artistas, escritores, de gazeteiros desterrados das grandes cidades, exilados em Lisboa»<sup>20</sup>. As prostitutas finas, as bailarinas, os actores de teatro, são muitas vezes associados a esta gente estroina e vadia que, inevitavelmente, acabava todas as noites no clube.

É difícil avaliar quais as preferências destes frequentadores quanto aos clubes. Sabemos que o *Bristol* era o mais concorrido por artistas e intelectuais, condizendo aliás com o ambiente proporcionado pela sua decoração. Na Revista *Contemporânea*, é bem clara esta identificação: «[...] não pensem, aqueles que os não conhecem, que os clubes são, apenas, logares dum prazer banal. Nem o prazer dos 'dancings' é uma banalidade, nem a eles falta a beleza puramente artística. Refiro-me, é claro, aos 'dancings', como o 'Bristol Club', a realização estética dum sonho arrojado. Não vai nisto a menor intenção de reclame [...]. Deviamos nós, artistas modernos, deixar de fazer esse louvor por essa casa ser uma casa de prazer, por essa casa ser um club?»

É preciso que se saiba que as casas de prazer como o *Bristol Club* são, por si só, um meio de arte para aqueles que amam a vida moderna, a expressão rítmica, sonora e colorida duma estética nova. [...] Anunciemos (anunciemos sim) que todos os artistas e mesmo todos os escritores modernos encontram naquela casa a sua casa. Casa dos artistas, assim, devemos nós chamar ao *Bristol Club*»<sup>21</sup>.

Já os deputados de província parecem apreciar o *Clube dos Patos*, «anxious de refocilarem nas depravações superiores da civilização [...]»<sup>22</sup>.

O *Maxim's*, o *Monumental*, o *Avenida Parque*, são, por sua vez, os mais chiques, mundanos e cosmopolitas. É, no entanto, o *Maxim's* que sobressai pela sua magnificência: «entre os dancing's de luxo, com que Lisboa corresponde às exigências da vida moderna, tem o 'Maxim's' honrosas tradições [...] ponto de reunião frequentadíssimo por toda a gente», tinha a vantagem, diziam, «de disciplinar e seleccionar a frequência dos chamados lugares de prazer»<sup>23</sup>. Mas nem ele era salvo de um anedotário rico de insinuações menos prestigiantes. . . .

---

20. Repórter X, *A Virgem do 'Bristol Club'*, Porto, Ed. Primeiro de Janeiro, 1927, p. 137.

21. «O Bristol Club, manifestação de Arte Moderna», in *Contemporânea*, Maio, 1926, 3.<sup>a</sup> série, n.º 1, p. 52.

22. «Os Mindonças», in *ABC a Rir*, 10-9-1921, p. 1.

23. «As agradáveis noites do Maxim's», in *Notícias Ilustrado*, 28-12-1930, p. 20.

É difícil identificar a clientela dos outros clubes. Seria talvez menos característica, mais heterogénea e duvidosa. O *Ritz Club* e o *Club dos Patos* gozam da clientela com pior fama.

Alguns tinham ainda diversas figuras características que os singularizavam: «Há uma ruiva que anda de 'club' em 'club' [. . .]. Será uma ex-bailarina? Será sul-americana? É um enigma. [. . .]. No Bristol há um violinista, que ultrapassa os violinistas do romantismo. Seus gestos, seu corpo, seu olhar, destacam-se, tornam-se singulares em toda a sala — embora ele não abandone nunca o estrado [. . .].

Há também o homem do banjo, que parece um plágio dos homens pintados por Picasso [. . .].

No Maxim's há um homem gordo, baixo e de grande abdómen.

Vive do jogo ou é um bom burguês? Gosta muito de dançar [. . .].

No Monumental aparece, de quando em quando, sempre de 'smoking', um homem de meia idade. Tem o tipo inglês [. . .].

No Alhambra, quem se destaca é o cérebro daquela mansão — esse por-teiro enorme, com ares e corpo de alemão [. . .]»<sup>24</sup>.

Frequentadores heterogéneos, figuras peculiares, essas, que dão ao clube a sua originalidade. Fala-se «desde política nacional às revoluções no Oriente, desde as últimas modas parisienses aos mais audaciosos problemas de arte»<sup>25</sup>. E há quem, «apontando para as mesas [. . .]», diga «— Tudo isto é gado meu conhecido. Mas como ela, fica-te com esta, não encontrei segunda. Nem como mulher. . . sobretudo como mulher. Tu me dirás depois»<sup>26</sup>. Não é de estranhar. Estamos, a final de contas, a falar de clubes nocturnos, locais de diversão dos «loucos» anos Vinte lisboetas.

---

24. «Figuras de Clubs e Cabarets», in *ABC*, 20-4-24, p. 5.

25. Mário Domingues, *ob.cit.*, p. 41.

26. Almada Negreiros, *Nome de Guerra*, «Romances Portugueses — Obras Primas do Século XX», Lisboa 1987, Círculo de Leitores, p. 20.

## 6. OS IMPREVISTOS DA «VIDA» DOS CLUBES

O quotidiano dos clubes foi, ao longo da década de Vinte, sobressaltado com alguns imprevistos que atribularam a já controversa existência destes locais de diversão.

Os clubes nocturnos contam-se entre as vítimas da mal afamada Legião Vermelha, constituída por homens «imbuídos [. . .] do mais fanático niilismo e revoltados todos perante as injustiças sociais existentes [que] tomaram a decisão de se lançar na acção directa contra a sociedade “burguesa”<sup>1</sup>. Os clubes cosmopitas eram um alvo óbvio da sua ofensiva e, nos derradeiros meses de acção desta organização, em 1925, sucederam-se os assaltos.

Em Fevereiro, o *Diário de Notícias* noticiava: «a polícia de investigação encetou ontem as suas diligências para a descoberta dos indivíduos que nos, últimos dias, armados de pistola, têm entrado nos “clubs”, a fim de exigirem diversas importâncias, a pretexto de se dizerem operários sem trabalho [. . .] Os assaltantes, apesar disso, voltaram a praticar, novas proezas, entraram nos clubs *Mayer, Ritz e Montanha*, onde extorquiram, pelo mesmo processo violento, diversas quantias. Os directores dos clubs assaltados estiveram, de tarde, a prestar declarações à polícia, dizendo alguns que foram coagidos, por ameaças de morte, a entregar o dinheiro, negando outros que tivesse havido coacção, sem dúvida por receio de represálias»<sup>2</sup>.

---

1. David Ferreira, «Legião Vermelha» in *Dicionário de História de Portugal*, dirig. Joel Serrão, vol. III, Porto, Livraria Figueirinhas, 1984.

2. «A Cidade. Assaltos à mão armada», 24-2-25, p. 3.

Em Abril desse ano, um dos membros da Legião Vermelha, é morto pelo porteiro do *Bristol Club* à porta do estabelecimento. «Segundo se dizia, vários indivíduos pertencentes à “legião” haviam resolvido pôr ontem novamente em prática o plano de extorsão de dinheiro, por meio de ameaças, a diferentes clubs da capital, plano que, no Carnaval, lhes permitiu angariar importantes e ainda hoje ignoradas quantias [. . .]. Fossem qual fossem as razões, o caso é que, cerca das 9 horas de ontem [. . .], aproximaram-se da porta quatro indivíduos [. . .]. Em dado momento, um desses indivíduos o conhecido e temível bombista Bernardo Ramos da Costa, [. . .] sacou de uma pistola e, à queima roupa, sem que o porteiro tivesse tempo para se defender, disparou um tiro, indo a bala alojar-se no peito de Pato Moniz. [. . .]. Vendo-se ferido, e enquanto os companheiros do Bernardo puxavam também das armas de que iam munidos, o porteiro tirou do bolso uma pistola e, [. . .] estabeleceu-se um verdadeiro combate»<sup>3</sup>, que acabou com a morte de Bernardo Ramos da Costa. O certo é que «o caso produziu na Baixa a maior sensação, afluindo grande número de pessoas ao local da tragédia»<sup>4</sup>.

Mas as atenções dos lisboetas tiveram outras oportunidades de se debruçar sobre os clubes nocturnos.

Em Fevereiro de 1926, é notícia o caso de um homem assassinado no *Clube dos Patos*. «Ontem, às 10.30 da noite [. . .], a um canto da sala de baile, assustadas — algumas mesmo chorando — estavam muitas mulheres [. . .]. Sentado numa cadeira, com a cabeça pendida sobre o ombro esquerdo e as mãos apoiadas nas pernas, estava um homem forte [. . .] na camisa havia uma grande mancha de sangue empastado [. . .] e veio a saber-se então quem era o morto: Mazzolini Arcole, arrendatário do “bufette” do “club” e do café Suíço do Largo D. João da Câmara»<sup>5</sup>. A suspeita maior recaía sobre o arrendatário do *Club Palais Royal* e de outras casas de jogo. Não era boa a reputação que daqui advinha para os clubes nocturnos.

Mas, logo em Outubro de 1926, é a vez do *Clube Ritz* ser o placo dum outro assassinato. «Esta madrugada, cerca das 2 horas e meia, apareceram no hospital de S. José [. . .] dois indivíduos que levavam nos braços um homem gravemente ferido [. . .]. Os dois passageiros, um empregado do

---

3. «Assalto Gorado. Foi ontem morto a tiro pelo porteiro do Bristol Club um dos membros mais terríveis da Legião Vermelha» in *Diário de Notícias*, 18-4-25, p. 1.

4. *Ibidem*.

5. «Um Homem morto. A polícia faz 93 prisões num clube» in *Diário de Notícias*, 20-2-26, p. 2.

*Ritz-Club* e um frequentador dessa casa» contaram o sucedido, um «azar» ocorrido com o barbeiro do clube quando mostrava a sua arma ao cliente. «O alvoroço no “club” foi enorme»<sup>6</sup>.

Em Maio de 1927, o empresário do mesmo clube vê-se envolvido num novo escândalo da cidade: «agride outro a tiros, deixando-o em estado gravíssimo»<sup>7</sup>. Desta vez o acidente ocorre pelas 7 h e 30m da manhã, ao lado da leitaria *Chic*.

«Hoje de madrugada, pouco depois das duas horas, a parte baixa da cidade foi iluminada por um formidável clarão [. . .] o fogo teve início no palco do salão Foz [. . .]» e logo «no alto de S. Pedro de Alcântara muitas dezenas de pessoas observaram o maravilhoso e terrível espectáculo [. . .] na praça dos Restauradores também uma imensa multidão [. . .] o *Maxim's* foi evacuado sem que as pessoas que ali se encontravam dessem pelo sinistro. Àquela hora o club «*Maxim's*» regorgitava de gente. Realizava-se ali um baile de Carnaval [. . .]. A formosa escadaria começava a sofrer prejuízos com a água, o mesmo sucedendo à sala de fumo, cujas paredes são forradas com a belíssima talha de Leandro Braga, e ao Salão nobre»<sup>8</sup>. No club dos Restauradores «*Maxim's*, [. . .] os prejuízos são muito importantes [. . .]. Foi completamente destruída grande quantidade de material eléctrico francês [. . .] Roupas de mesa, 50 cadeiras de verga, 24 mesas com tampo de cristal e artigos de Carnaval [. . .] os prejuízos são calculados em 400 contos»<sup>9</sup>.

Acasos do destino, contrariedades, infortúnios que marcavam a vida acidentada dos clubes nocturnos. Os desastres sucediam-se e o Repórter X podia mesmo agoirar, levantando a maliciosa suspeita em 24 de Janeiro de 1931, de que existiam «agentes portugueses de Al Capone e de outros chefes do banditismo de Chicago»<sup>10</sup>.

Os «loucos» anos Vinte lisboetas tinham, decididamente, rompido com a pacatez desta «aldeia» em ponto grande, Lisboa.

---

6. «Um Homem Morto no Ritz-Club. Por imprevidência um barbeiro mata um freguês» in *Diário de Notícias*, 19-10-26, p. 2.

7. «À margem da batota» in *Diário de Notícias*, 21-5-27, p. 1.

8. «Últimas Notícias. Um grande incêndio destruiu esta noite o Teatro Salão Foz» in *Diário de Notícias*, 29-1-29, p. 1.

9. «O Incêndio no Salão Foz» in *Diário de Notícias*, 30-1-29, p.1.

10. «Quem são os agentes portugueses de Al Capone e dos outros chefes do banditismo de Chicago» in *Repórter X*, p.12.

## CONCLUSÃO

Os clubes nocturnos da década de Vinte podem ser considerados como um novo divertimento na cidade de Lisboa. Estes locais tiveram um papel dinamizador da vida nocturna da capital, e influenciaram decididamente o seu quotidiano. Prova da sua importância são as múltiplas referências a estes estabelecimentos por parte de contemporâneos que, ora para os denegrir, ora para os elogiar, lhes conferem um papel distinto, novo e moderno.

Podemos considerar os clubes como um produto da «folle époque». Foram em Portugal o palco privilegiado onde os novos costumes, extravagâncias e atentados à velha sociedade tradicional, desfilavam. Identificados com o frenezim do *jazz*, com pares dançando com desenvoltura o *charleston*, associados a mulheres com «bocas em brasa», *garçonnes* de monóculo e boquilha, acusados de antro de cocaína e prostituição, os clubes tomavam «ares» de próspera modernidade.

Mas há que inseri-los na Lisboa dos anos Vinte, aquela que vira surgir, não sem apreensão, uma mobilidade social durante e após a I Guerra Mundial que originara o «novo rico». Este, ávido de ostentar o seu recente estatuto, pronto a esbanjamentos e ociosos luxos, contribui de forma decisiva para o desenvolvimento destes locais de diversão. O seu papel no aparecimento de uma movimentada vida mundana e cosmopolita, se contribuiu para que a importação dos novos padrões «civilizacionais» se processasse, não permitiu, no entanto, que em Portugal este divertimento surgisse ligado a sectores sociais tão diversificados como em outros países. O nível de vida não melhora para muitos, e consumo de serviços de diversão é ainda reduzido a poucos. Contudo, os clubes nocturnos lisboetas defenderam-se bem desta aparente limitação de clientela. Tinham um sistema de entrada flexível, os *habitués*, jornalistas, artistas, bailarinas, coristas, etc., não pagavam à entrada. Por outro lado, não faltou o jogo nas suas salas, o que chamava uma clientela ainda mais diversificada e duvidosa... Todos compunham o ambiente *survolté* que se desejava.

Apesar disso, os clubes não deixam de ser «ilhas» de cosmopolitismo numa sociedade ainda drasticamente marcada pelo conservantismo, pela pobreza da esmagadora maioria da população e por uma mentalidade pouco propensa a transformações de costumes.

Assim, a versão portuguesa dos «anos loucos» surge limitada pelos próprios condicionantes da sociedade portuguesa da época. Lisboa, atrasada e tradicionalista, não via surgir com bons olhos estes «atentados» à sua velha e comesinha pacatez.

A vida dos *nossos* modernos clubes surge por isso, logo à partida, condenada a inúmeras acusações. As autoridades denotam enorme dificuldade em lidar com este novo espaço. Sucedem-se os encerramentos e as aberturas. O próprio tecido urbano da cidade parece «querer» apertá-los no estrito espaço da Avenida da Liberdade ao Chiado. . . São pesadas permanências de uma capital pouco habituada a grandes rupturas culturais.

Os próprios clubes parecem defender-se das limitações que lhes vão pondo. À excepção do *Bristol Club*, optam por uma decoração luxuosa, requintada, antiquada e oitocentista; na Câmara, licenciam-se como restaurantes; acolhem o *jazz*, é certo, mas disciplinam as suas bandas para que toquem o tango e a valsa. . . A destoar surge o jogo, marginal e ilegal, mas que era prática comum em muitos outros estabelecimentos.

O *jazz* frenético, que fazia o furor desta década, e os ambientes cubistas de muitos *cabarets* estrangeiros, não foram dominantes dos *nossos* clubes nocturnos. Mas, para a Lisboa da época, o simples facto de existirem e se multiplicarem estes locais de diversão modernos era algo de «revolucionário». Afinal, eles e a nova elite económica, social e política que acolhiam foram os viveiros das novidades culturais e sociais «loucas», ostensivamente provocatórias, que monopolizariam as crónicas mundanas da época e anunciariam um futuro diferente.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### FONTES:

#### REVISTAS E JORNAIS

- *ABC*, 1920-30.
- *ABC A RIR*, 1921-22.
- *A BATALHA*, 1924-26.
- *Revista Belém-Club*, 1921-1930.
- *Revista Club Odéon*, 1933.
- *Revista Clube Estefânia*, 1928.
- *Revista Contemporânea*, III série, n.º 1, Maio de 1926.
- *O Dançarino*, 1926.
- *Diário de Lisboa*, 1925-27.
- *Diário de Notícias*, 1924-30.
- *Domingo Ilustrado*, 1925-27.
- *Rev. Europa*, 1925.
- *Revista A Fronteira*, 1918.
- *Ilustração Portuguesa*, 1922-25.
- *Notícias Ilustrado*, 1928-30.
- *Repórter X*, 1930-31.
- *O Século*, 1920-21
- *O Zé*, 1914

#### LITERATURA

- AMEAL, João, *Os Noctívagos, Scenas de Lisboa*, Ed. Lumen, Lisboa, 1924.  
*As Criminosas do Chiado*, Lisboa, Ed. João Romano Torres, 1925.  
BLASCO, Mercedes, *Batalha de Sexos*, Lisboa, Ed. José Rodrigues, 1929.  
BRANDÃO, Raúl, *Memórias-Vale de Josafat*, vol. III, Lisboa, Perspectivas Realidades, s.d.  
COSTA, Sousa, *Uma Divorciada*, Lisboa, Ed. Guimarães, 1927.  
DOMINGUES, Mário, *O Preto do Charleston*, Lisboa, Ed. Guimarães, 1929.

- FERRO, António, *Mundo Novo Mundo Novo*, Lisboa, Ed. Portugal Brasil, 1927.
- FERREIRA, Reinaldo, *Memórias de um ex-morfinómano*, Lisboa, Ed. dos Herdeiros, 1956.
- GAIO, Afonso, *O Mundo Fóra dos Eixos*, Lisboa, Crónicas Modernas, Ed. Livraria Central, 1927.
- MIGUEIS, José Rodrigues, *O Milagre Segundo Salomé*, 2 vols. 2.º ed., Lisboa, Ed. Estampa, 1982.
- NAVARRO, Augusto, *Uma Rapariga Moderna*, Porto, CA. Portuguesa Editora Lda. 1925.
- A Bailarina Loira*, Ed. Livraria Civilização, Porto, 1925.
- NEGREIROS, Almada, *Nome de Guerra*, «Romances Portugueses-Obras Primas do Século XX», Lisboa, Círculo dos Leitores, 1987.
- PITA, Pedro *Gente que Passa*, Lisboa, Ed. Guimarães, s.d..
- REPÓRTER X, *A Virgem do «Bristol Club»* Porto, Ed. «Primeiro de Janeiro», 1927.

## OUTRAS

- Licenças de Comércio e Indústria, Lisboa, Arquivo Geral da Câmara Municipal de Lisboa, 1918-30.
- Arquivo do Governo Civil de Lisboa. Correspondência de 1919.
- Actas das Sessões da Câmara Municipal de Lisboa*, 1919.
- Diário do Governo*, I Série, 1920-30.
- Lista Telefónica de Lisboa*, 1913-30.
- Anuário Comercial*, 1920-30.
- Raúl Proença, *Guia de Portugal*, Generalidades, Lisboa e Arredores, Lisboa, B.N.L., 1924.
- Pacheco, *Roteiro da cidade de Lisboa*. s.e., s.d.

## BIBLIOGRAFIA:

### ESTUDOS

- Album de Portugal*, Lisboa, Sintra, Estoril, Cascais, termo I, Ed. e propriedade da Revista Turismo, Lisboa, 1929.
- ALEIXO, José Mendes, LANGHANS, Franz-Paul de Almeida. *O Turf Club e a sua história 1883-1973, Crónica da vida lisboeta e das origens do desporto hípico em Portugal*, Lisboa, Oficina Gráfica Lda., 1973.
- ARAÚJO, Norberto, BARATA, Martins, *Peregrinações em Lisboa*, vol. III, Lisboa, Parceria A.M. Pereira, 1973.
- CASTRO, Armando, *A Economia Portuguesa 1900-1925*, Lisboa, Ed. 70, 1975.
- CHUJOY, A., MANCHESTER, P.W., *The Dance Encyclopedia*, New York, Simon and Shuster, 1967.
- CARVALHO, J.S., DIAS, F. Silva, FERREIRA, F.C.G., PEREIRA, Nuno Teotónio, PONTE, T, Nunes, *Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa*, Lisboa, A.A.P., 1987.
- COSTA, Mário, *Feiras e outros divertimentos populares de Lisboa*, Lisboa, Oficinas Gráficas, C.M.L., 1950.

- CRUBELLIER, M., *Historie culturelle de la France — XIX e — XXe siècles*, «col U» Paris, Armand Cloin, 1984.
- CASCÃO, Rui, «Família e Divórcio na Primeira República» in *Actas do Colóquio, Coimbra, 20 a 22 de Março 1985, A Mulher na Sociedade Portuguesa, visão histórica e Perspectivas actuais*, 2 vol. s., Instituto de História Económica e Social, Faculdade de Letras, Coimbra, 1986, p.p. 153-169.
- CHARTERS, S.B., KUNSTADT, L., *Jazz, A History of New Scene*, New York, Doubleday & Company, Inc., 1962.
- DINIS, Calderon, *Tipos e factos de Lisboa do meu tempo*, (1900-1974), Lisboa, Publ. Dom Quixote, 1986.
- DUMAZEDIER, J. RIPERT, A., *Le loisir et la ville, loisir et culture*, Paris, Ed. Seuil 1966.
- Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel Serrão, 6 vols., Porto, Livraria Figueirinhas, 1984.
- DIAS, Marina Tavares, *Lisboa Desaparecida*, 2.ª ed., Lisboa, Ed. Quimera, 1987.
- DUFOURCOQ, N., *La Musique, Les Hommes, Les Instruments, Les Oeuvres*, 2 vol. s. Paris, Librairie Larousse, 1965.
- FRANCIS, A., *Jazz Paris*, Ed. Seuil, 1973.
- FRANÇA, José-Augusto, «Sondagem nos Anos 20 — Cultura, Sociedade, Cidade» in *Análise Social*, vol. XIX (77-78-79), 1983 — 3.º, 4.º, 5.º. pp. 823-844.
- Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*, «Biblioteca Breve», Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 2.ª ed. Lisboa, 1989.
- FREIRE, João Paulo, PEREIRA, A.M., *Lisboa do meu tempo e do Passado — Do Rocio à Rotunda*, 2.º vol. Lisboa, Soc. Ind. de Tipografia Lda., 1939.
- Os Grandes Acontecimentos do século XX* Lisboa, Selecções Reader's Digest, 1979.
- GRUNFELD; F.V., *Musica*, «Mundo e Cultura» Lisboa, Ed. Verbo, 1978.
- História da Arte em Portugal*, vol. 12, dir. Rui Mário Gonçalves, Lisboa, Publicações Alfa, 1986.
- HEUVELMANS, B., TARSE, J., RADZITZKY, C., *O Jazz, do New Orleães, ao Jazz Moderno*, «Marabu-Notícias n.º 6», Lisboa, Marabu, 1967.
- LEON, Pierre, *História Económica e Social do Mundo, Guerras e Crises (1914-1947)*, vol. V., Tomo I, Lisboa, Ed. Sá da Costa, 1982.
- MARQUES, A.H. Oliveira, *A 1.ª República Portuguesa*, Lisboa, 1989.
- História da 1.ª República Portuguesa. As estruturas da base*, Lisboa, Iniciativas, s.d.
- História de Portugal*, 3.º vol., Palas Editores, Lisboa, 1981.
- MACCARTHY, A., *The Dance Band Era, the dancing decades from Ragtime to Swing: 1910-1950*, London, Studio Vista, 1971.
- NÉRÉ, J., *História Universal, Mundo Contemporâneo*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1977.
- NUNES, Manuel, *As Memórias do Chefe da Polícia Pereira Santos*, Lisboa, Ed. Marítimo Colonial, 1945.
- PROST, Antoine VINCENT Gérard, *Histoire, de la vie privée, de la Première Guerre Mondiale à nous jours*, vol.5, Obra dir. Philippe Ariès e Georges Duby, «Col. Univers Historique», Paris, Ed. Seuil, 1987.
- PINA, Paulo, *O Turismo no Século XX* Porto, Publicações Lucidos, s.d.
- Cronologia do Turismo Português, 1900-1929*, «Col. de Factos e Opiniões», Impressão fotocopiada da Copiurgência, Centro de Cópias Lda., Porto, 1982.
- TELO, António José, *Decadência e Queda da 1.ª República Portuguesa*, 2 vol. s., «Biblioteca de História, n.º 6 e 12», Lisboa, A Regra do Jogo, 1980.

ANEXO I  
QUADROS E MAPAS

## QUADRO I: Clubes Tipo A

Bristol Club de Lisboa  
Clube Internacional \*  
Clube dos Patos  
Clube da Regaleira  
Clube dos Restauradores (Maxim's)  
Magestic-Club/Club Monumental  
Olimpia Club  
Palace Club  
Petit Foz/Ritz Club  
Rocio Club  
Club Avenida Parque  
Club Montanha  
Club das Avenidas  
Club Moderno  
Palais Royal  
Rato Club  
India Club  
Moulin Rouge  
Club Central \*  
Salão Alhambra (Parque Mayer)  
Recreio Club \*

\* Não foi possível definir com certeza o verdadeiro estatuto destes clubes

## QUADRO II: Clubes Tipo B com Salas de Casino

Clube Recreativo Aliança  
Clube Recreativo Popular  
Clube Recreativo Internacional  
Club Recreativo União Familiar  
Club 31 de Janeiro  
Cine 31 de Janeiro  
Grémio Literário  
Grémio Português  
Clube Tauromachico  
Clube de Recreio Artístico  
Sporting Club de Lisboa  
Turf Club

QUADRO III: Amostra de clubes nocturnos seleccionados

Bristol Club de Lisboa  
Club Internacional  
Club dos Patos  
Club da Regaleira  
Club dos Restauradores (Maxim's)  
Magestic Club / Club Monumental  
Olimpia Club  
Palace Club  
Petit Foz / Ritz Club  
Club Mayer / Club Avenida Parque  
Salão Alhambra (Parque Mayer)  
Club Montanha  
Club das Avenidas  
Club Moderno  
Rato Club  
Palais Royal

## QUADRO IV -- Quantia das Licenças Pagas pelos Clubes

Anos	Semestres	Maximi's	Bristol	Monumental	Club Moderno	Salão Olímpia	Club Montanha	Club Patos	Club Português	Club Portugal
1918	1.º		1080\$00							48\$00
	2.º		100\$00					789\$92	360\$00	
1919	1.º									
	2.º									
1920	1.º			1200\$00						
	2.º									
1921	1.º			2200\$00						
	2.º			3000\$00						48\$00
1922	1.º	1200\$00	900\$00	3000\$00	300\$00	1200\$00				48\$00
	2.º	1500\$00								48\$00
1923	1.º	2000\$00		5000\$00						
	2.º	2000\$00	3000\$00							
1924	1.º									
	2.º	2000\$00	3000\$00	3000\$00						
1925	1.º	5000\$00	3500\$00	9000\$00			4320\$00			
	2.º	5000\$00	3500\$00							
1926	1.º	5000\$00	3500\$00	7000\$00						1200\$00
	2.º									
1927	1.º		4500\$00	9000\$00						
	2.º	5000\$00								
1928	1.º			6000\$00						
	2.º	12000\$00								
1929	1.º	12000\$00								
	2.º	12000\$00								

NOTA: A ausência de informação deve-se ao estado actual em que se encontra o arquivo consultado

FONTE: Arquivo Geral da Câmara Municipal de Lisboa. Licenças Comércio e Indústria (1918-1929).

## QUADRO V

Nome do Club	Início Club	Mudança nome	Morada	Mudança morada	Outros acessos	Fim do Club	Class. dos estabel. segundo matriz contrib. indust.
Bristol Club	1918 <sup>1</sup>		R. Jardim do Regedor n.º 7		R. Eugénio dos Santos n.º 59	1927	Restaurante
Club Internacional	1917		R. 1.º de Dezembro n.º 59		Calçada do Carmo n.º 17-1.º	1922 <sup>2</sup>	3
Club dos Patos	Anterior 1913 <sup>1</sup>		Largo do Picadeiro n.º 10			1927-28 <sup>2</sup>	Restaurante
Regaleira	1921		Largo de São Domingos 14-15			1922	3
Club Maxim's	Anterior 1913		Praça Restauradores n.º 30	1916-Pr. Restauradores n.º 43	Calçada da Glória n.º 3	Dep. 1930	Restaurante
Club Magestic	1917	Monumental em 1920	R. Eugénio dos Santos n.º 58		Escadinhas S. Luiz n.º 4	1928	Restaurante
Olimpia Club	1920		R. Condes n.º 9	1926-R. Condes n.º 27 1.º		Dep. 1930	Restaurante
Palace Club	1917 <sup>4</sup>		R. Eugénio dos Santos 89-91			1920	3
Petite Foz	1920	Ritz-Club em 1921	Praça Restauradores n.º 27			1929	3
Club Mayer	1918	Club Av. Parque 1923-24	R. Salitre n.º 1			1926-27	3
Salão Alhandra	Fim 1920 1925-25		Parque Mayer			3	3
Club Montanha	1923		R. Glória n.º 57			1928	Restaurante
Club das Avenidas	1926-27 <sup>4</sup>		Av. República n.º 46-1.º			Dep. 1920	Restaurante
Club Rato	1920 <sup>4</sup>		Praça Brasil			3 <sup>2</sup>	3
Club Moderno	1920		Av. Almirante Reis n.º 103-1.º			1927	3
Palais Royal	1920		R. do Mundo	1921-Av. Liberdade n.º 3		1923	3

NOTAS: 1 — Segundo Listas Telefónicas  
2 — Segundo Anuário Comercial

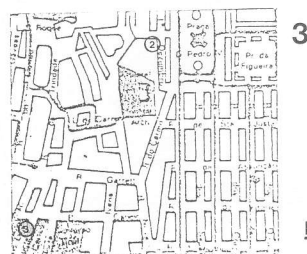
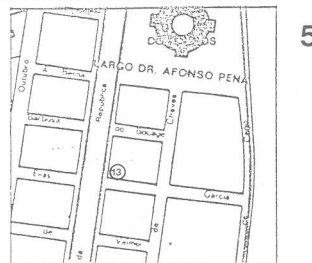
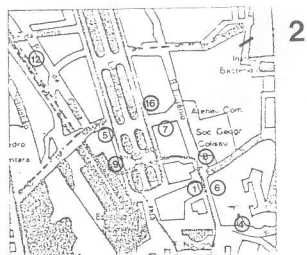
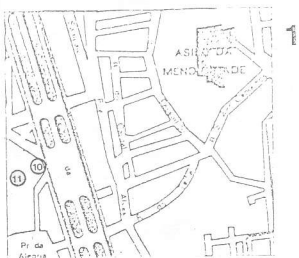
3 — Informação Desconhecida  
4 — Já em Funcionamento nesta Data



## Legenda do Mapa 1

- 1 — Bristol Club de Lisboa
- 2 — Club Internacional
- 3 — Club dos Patos
- 4 — Club da Regaleira
- 5 — Club dos Restauradores (Maxim's)
- 6 — Magestic-Club, Club Monumental
- 7 — Olimpia Club
- 8 — Palace Club
- 9 — Petite Foz/Ritz Club
- 10 — Club Mayer/Club Avenida Parque
- 11 — Salão Alhambra (Parque Mayer)
- 12 — Club Montanha
- 13 — Club das Avenidas
- 14 — Club Moderno
- 15 — Rato Club
- 16 — Palais Royal

NOTA: Não foi possível localizar com exactidão os clubes assim indicados, devido quer à demolição de alguns edifícios quer à alteração da numeração destes.



MAPA 1a

MAPA 1b

ANEXO II  
ILUSTRAÇÕES

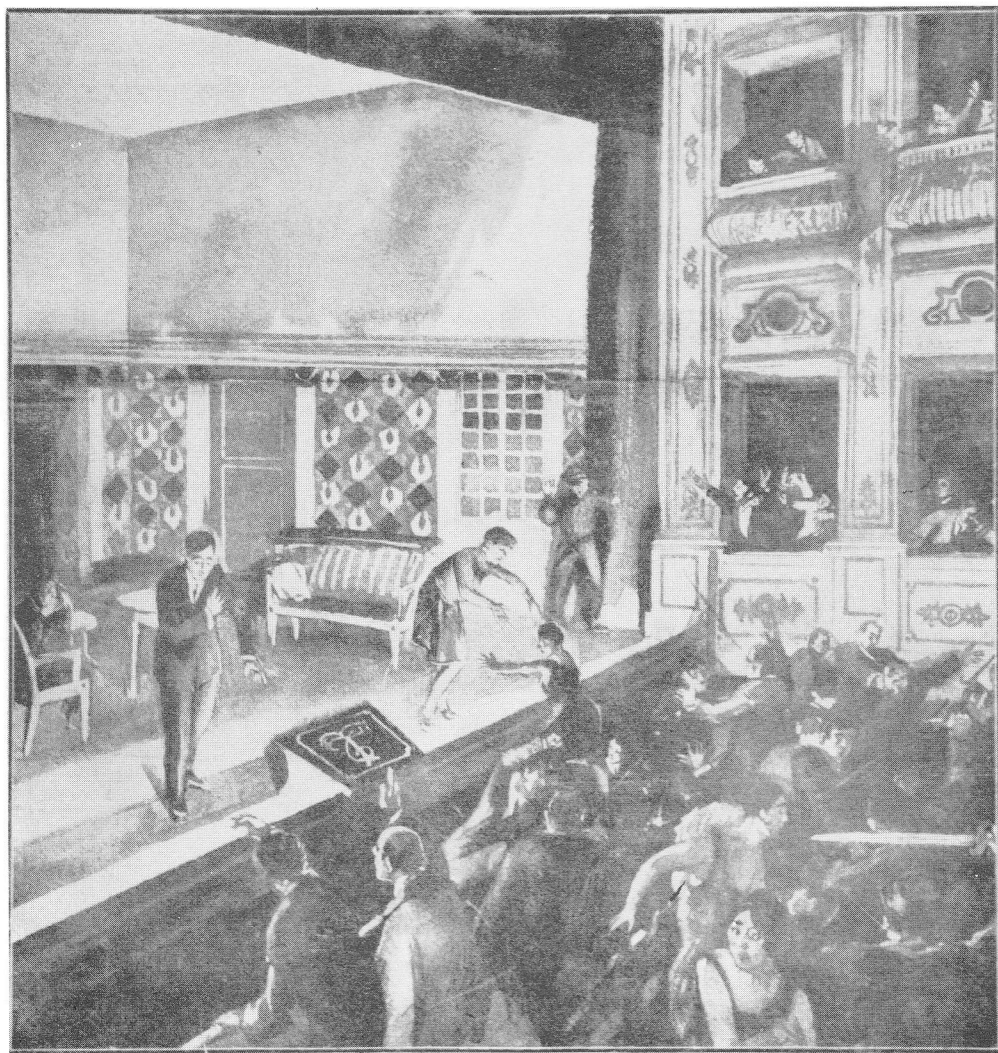


Fig. 1

**«Fin de fiesta» na Trindade**

Pedro Braga, o audacioso empresário, pôz em scena o drama «A Garçonne». Uma pequena parte do publico, tomando-o por escandaloso, provocou graves disturbios, tendo a peça sido proibida durante uma noite. Resultado: enchentes consecutivas.



Fig. 2

**A grande-hora elegante, na «Garrett»**

A famosa casa de Lisboa, grande centro de mundanismo e de elegancias, regorgita, á hora do chá, no meio da loucura dos «jazz-bands». E' um dos grandes aspectos de civilização de Lisbôa que fixamos nesta pagina.

## GRANDE JOGO



Fig. 3

Diga à polícia que isto aqui é um *restaurant*. Estamos á meza, a comer os «patos».  
(Composição de Stuart Carvalhais)

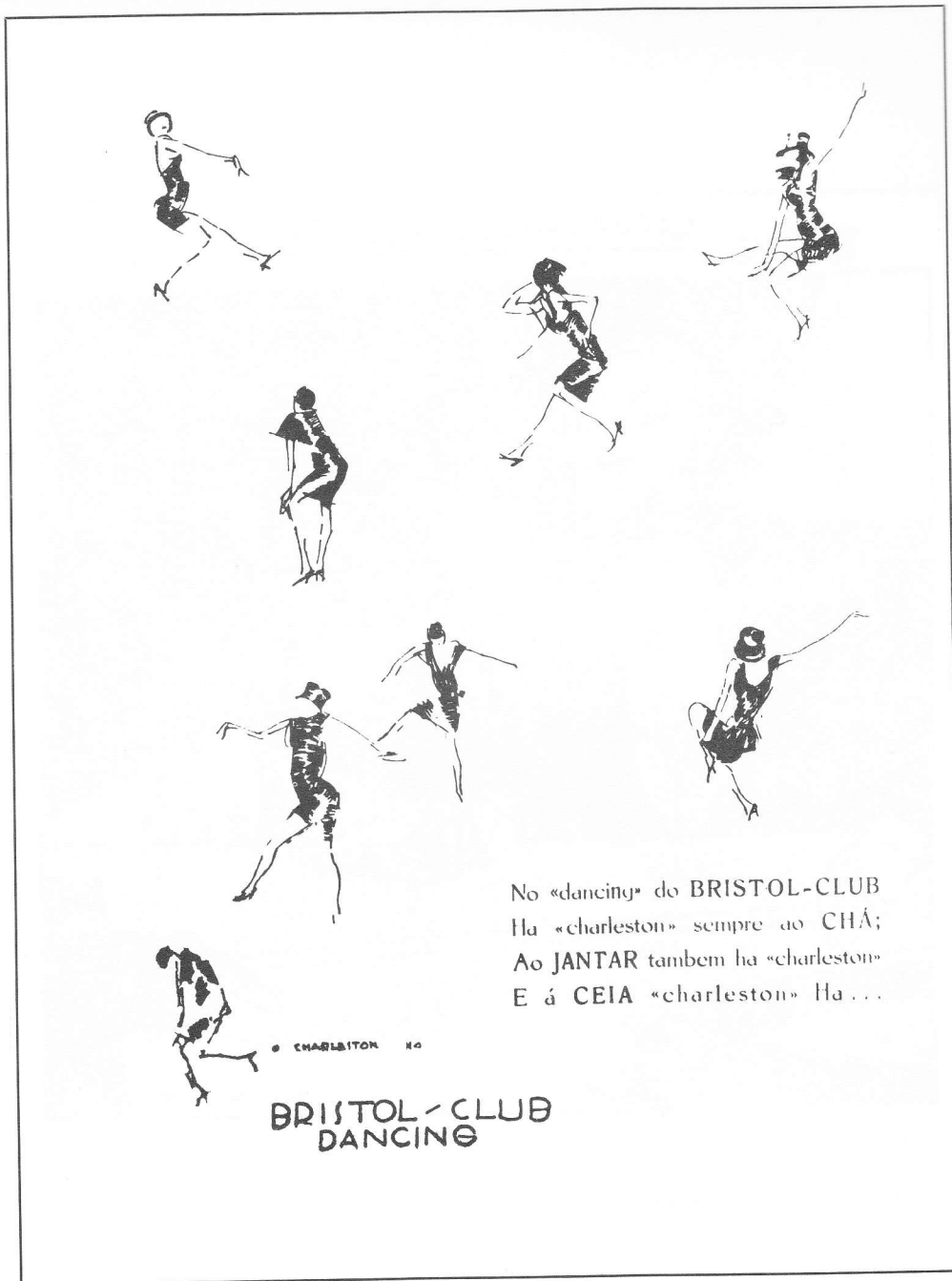
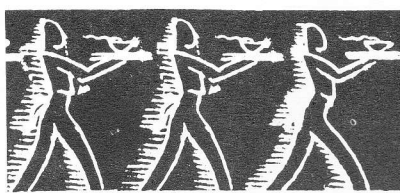



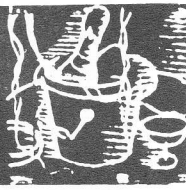
Fig. 4



**MAXIM'S**  
DANCING DE LUXO  
RESTAURANT DE LUXO - AOS  
DOMINGOS CHÁ DANÇANTE



RESERVAI NO  
**MAXIM'S**  
AS VOSSAS MESAS PARA O  
«REVEILLON» DO FIM DO ANO



O RESTAURANT DO  
**MAXIM'S**  
É O PREFERIDO PARA TODOS  
OS GRANDES BANQUETES



**MAXIM'S**  
ORQUESTRA JAZZ E TANGO  
VARIÉDADES



Fig. 5



Fig. 6

**As noites alegres e estonteantes do Alhambra!**

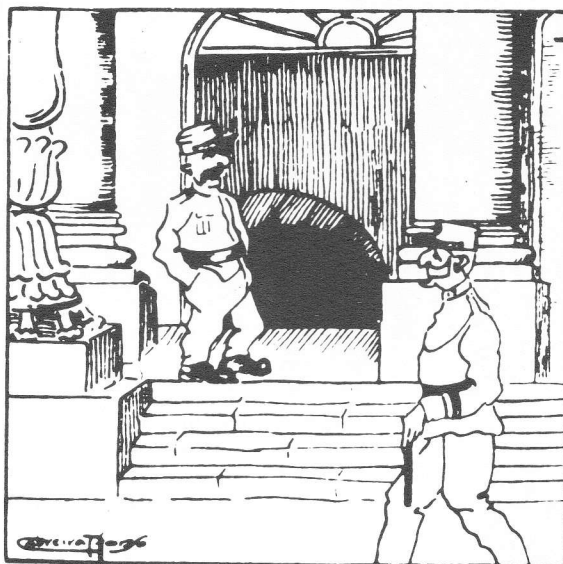
O Alhambra é o centro da alegria lisboeta, o grande «dancing» feérico do Avenida Parque e onde todas as noites se reúne a mocidade estuante de vida e de prazer. Eis um momento em que repousam da loucura dos «jazz-bands» alguns frequentadores do elegante centro.



Fig. 7

Agatão lança o decreto  
De acabar co'a pontuação  
E suas impertinências...

E agora é seu objecto  
Acabar com a questão  
Sem «pontos»... nem reticências.  
(Desenho de Stuart Carvalhais)



Rugas às Tavalagens

— Oh! 17! Estás de guarda!  
— Não, ando «aos pontos».  
(Composição de Cabreira Afonso)

Fig. 8

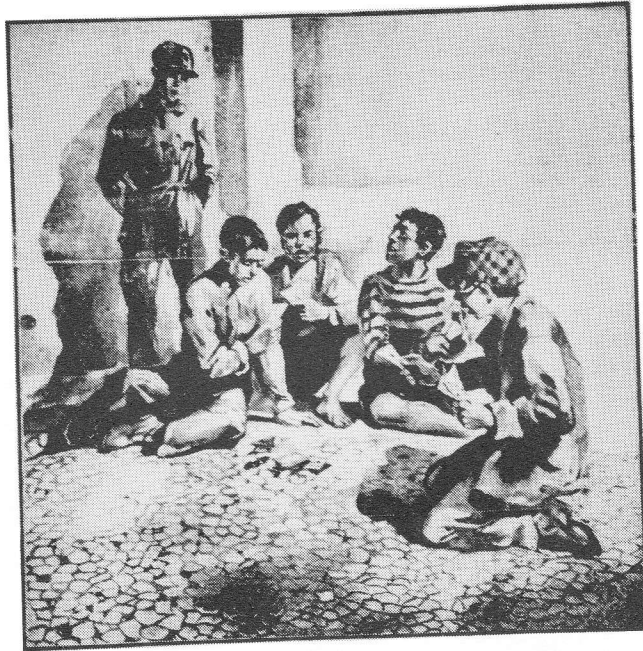


Fig. 9

**Toda a gente tem jogado e jogará eternamente!**  
E afinal só nos grandes sumptuosos clubs de Lisboa se  
pretende proibir o jogo!



Fig. 10

#### **Um jogo em volta do jogo**

O saloio, enquanto o coelho vai roendo... — Não jogo, nem nunca jogarei! Quero o monopólio cá para os arredores, para vender a concessão e os terrenos valorizados, e ir viver para Lisboa, num palácio da família...



Fig. 11



Fig. 12



Fig. 13



Fig. 14



Fig.15



Fig. 16



Fig. 17

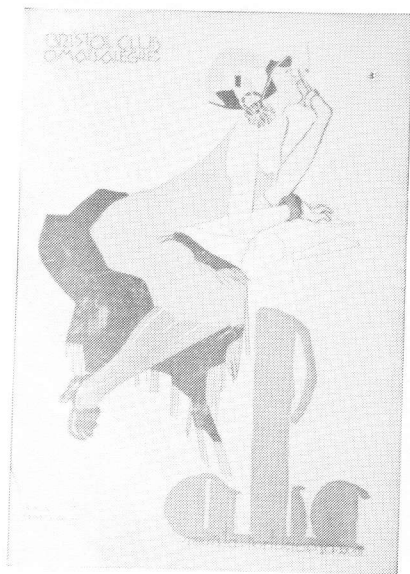


Fig. 18

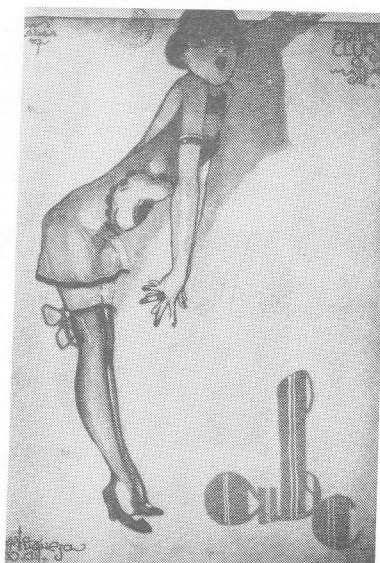


Fig. 19

Jorge Barradas nas capas da revista *ABC* retratou os múltiplas facetas de mulher moderna, um dos temas mais tratados nas revistas da década de Vinte. Ela era enigmática, fatal, mundana e provocadora.



Fig. 20

**O sufragio feminino**

— Não sei porque não havemos de votar desde  
que ha homens que também se metem nas nossas...  
atribuições...

(Desenho de STUART CARVALHAIS)



Fig. 21

Uma graciosa actriz que iluminou a scena portugueza  
com a sua beleza com a sua beleza ficou  
transformada num tragico farrapo humano, depois  
que adquiriu o vicio do terrivel alcaloide.

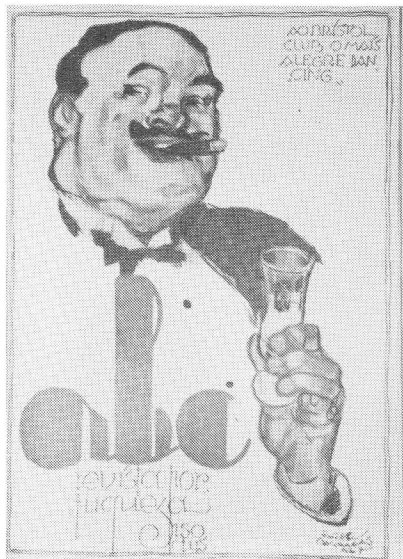


Fig. 22



Fig. 23

## O grande Club e os literatos

# no bristol

A MARIO RIBEIRO

Oh meu «papillon» dos longos olhos pretos,  
que pinta os olhos com tinta da China.  
Sabes que os teus olhos são como amuletos  
feitos de ametista laminada e fina.

Quando ontem á noite no Bristol dançaste  
oh louco papillon», black-botton em flor  
tu deste ao teu corpo movimentos de haste  
e deixaste a gente a palpitar d'amor!

Não dances mais! Não! Oh «papillon», assim!  
Que fazes mal, sim! Oh muito mal talvez!  
E na tua bôca leuca de carmim  
Ah! Deixa-me ao menos pousar uma vez!

VOZ DO MONDEGO

Fig. 24

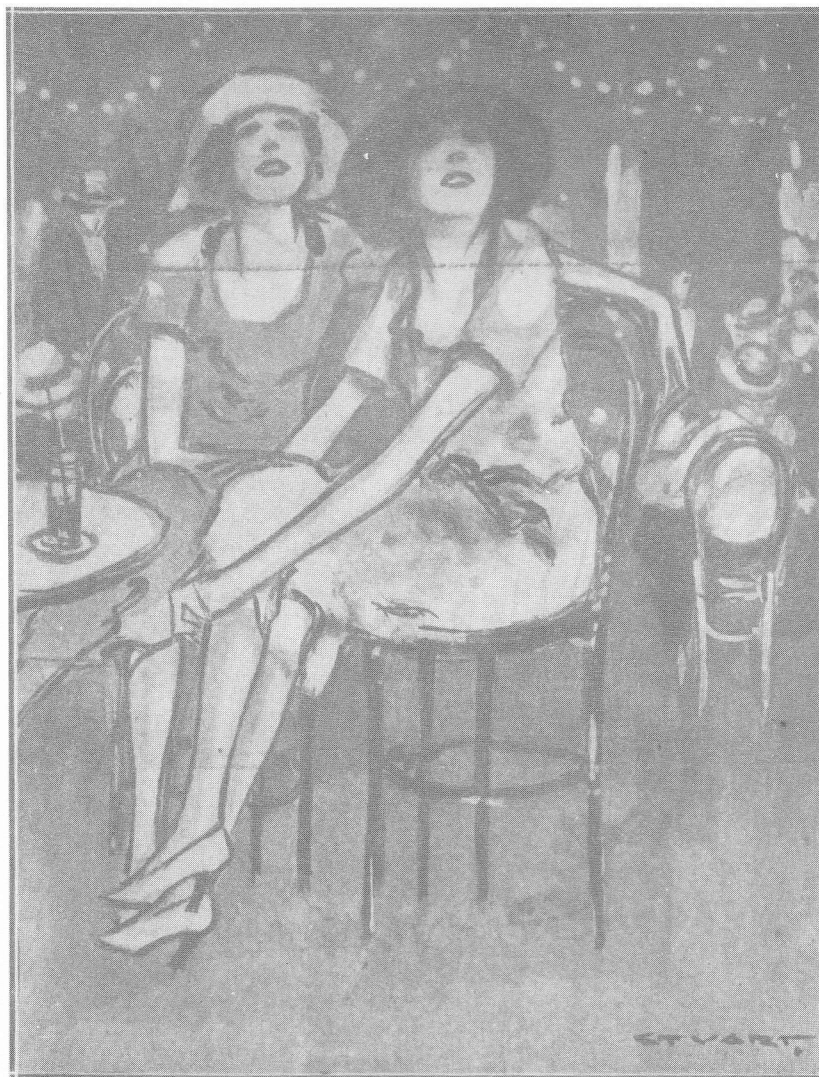


Fig. 25

**Progresso**

— Aquela que vai ali a entrar para o «Maxim's» não é a tua mulher a dias?!  
— Foi! Foi! Agora esfrega casas na Rua dos Capelistas e é aquilo que tu vês!  
(Desenho de STUART CARVALHAIS).

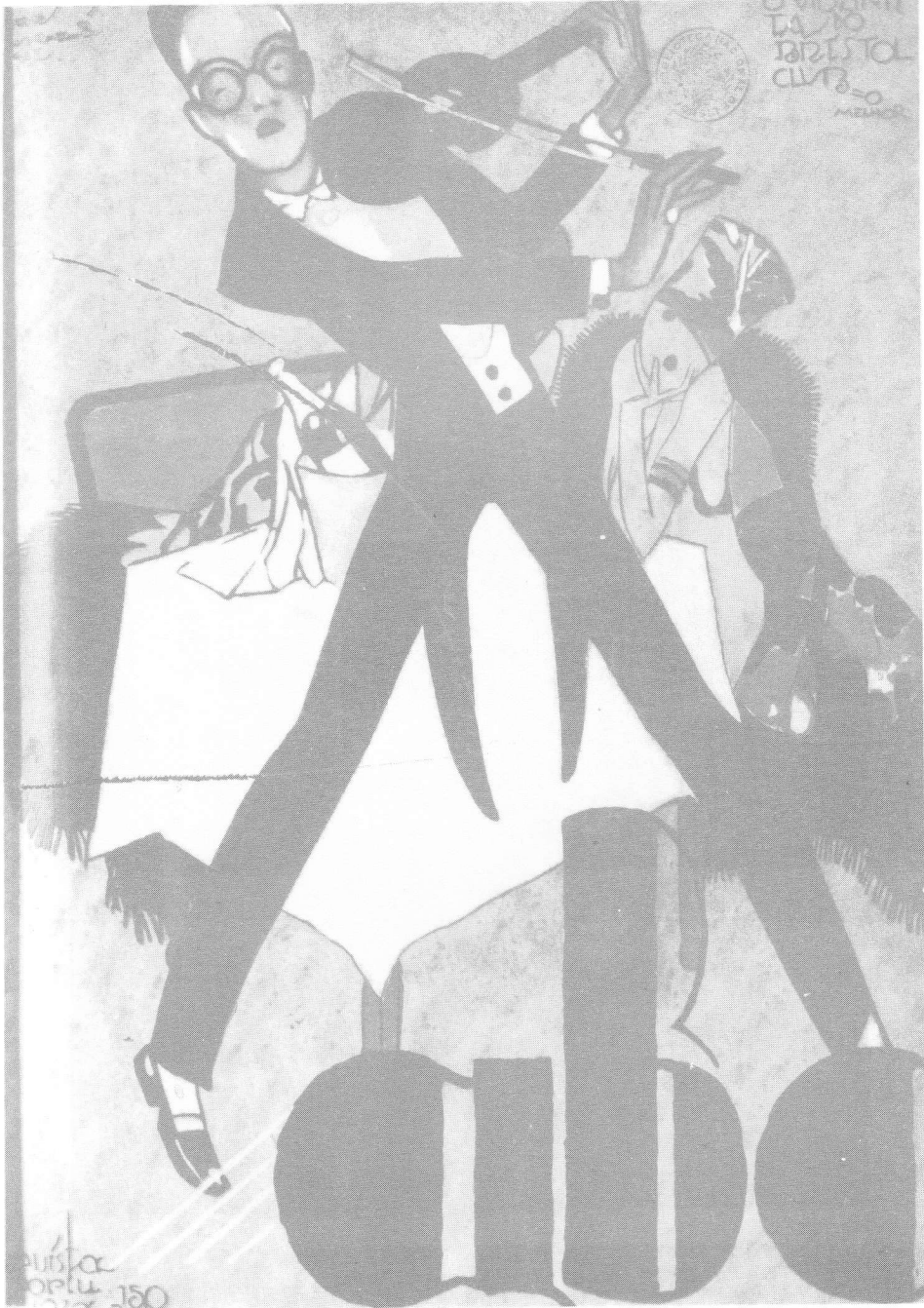


Fig. 26

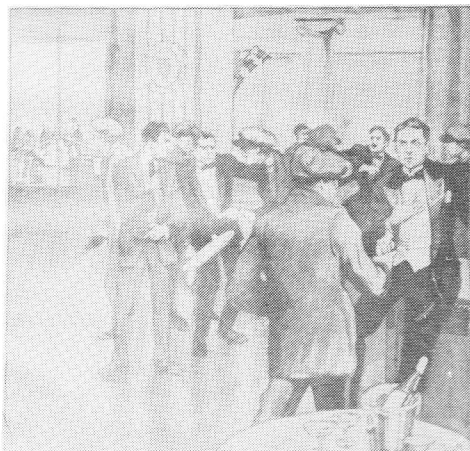


Fig. 27

#### O assalto aos clubes elegantes

Bandos de individuos, ao que parece filiados em associações secretas, apresentaram-se de revolver em punho nos «halls» dos grandes clubes de Lisboa, exigindo contos de reis.

A nossa pagina fixa esse momento de indiscreto pânico, que tem o quer que seja de aventura de cinema.

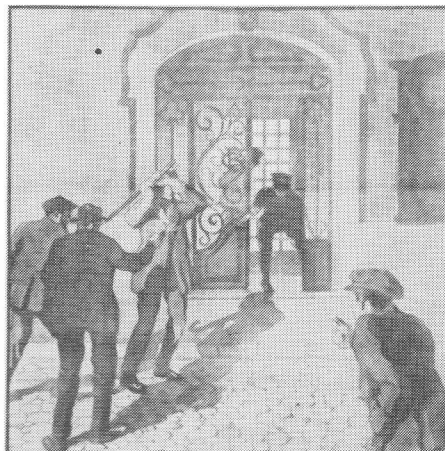


Fig. 28

#### A ultima aventura da legião vermelha O assalto ao Bristol Club

O Bristol Club, que é o maior e o mais bem frequentado club lisboeta e cujas instalações admiráveis são na Rua Eugenio Santos foi vitima dum assalto. A' sua porta morreu o bombista Ramos e ficou gravemente ferido o porteiro da casa. Os assaltantes que intimaram este a ir buscar dinheiro ao primeiro andar, responderam á negativa, a tiros de pistola.



Fig. 29

#### O morto misterioso do Club dos Patos

No meio da alegria buliçosa do club aparece morto numa cadeira o gerente Mazzolini. Quem matou o italiano? Eis o misterio que se discute na Lisboa mundana dos clubs.



Fig. 30

#### A tragedia do Ritz

Emquanto nas salas o champagne jorrava das taças, e tudo em volta era um turbilhão de volúpia e alegria, o Destino espreitava dois homens. E um tiro partiu, ecoando tragicamente pelos salões do Club. Rolou um cadaver... Para o outro, assassino involuntario, abriam-se as portas da prisão!

ANEXO III  
GRAVURAS DOS INTERIORES E EXTERIORES  
DOS CLUBES NOCTURNOS

## MAXIM'S CLUB DANCING



Fig. 31  
Entrada no Maxim's



Fig. 32  
Aspecto actual da entrada principal do *Clube Maxim's*

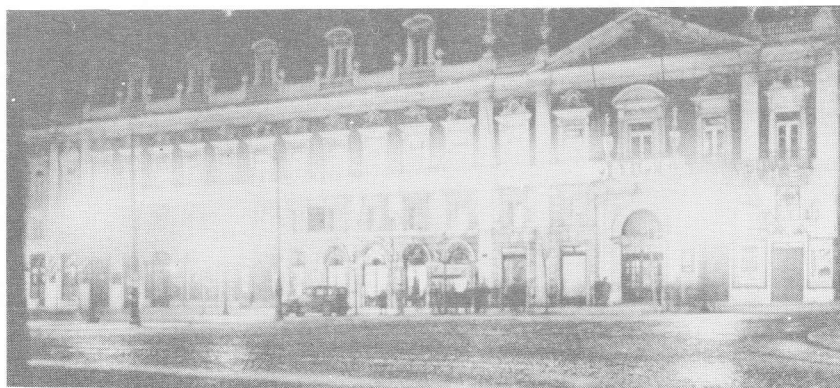


Fig. 33  
Edifício do Maxim's iluminado à noite.

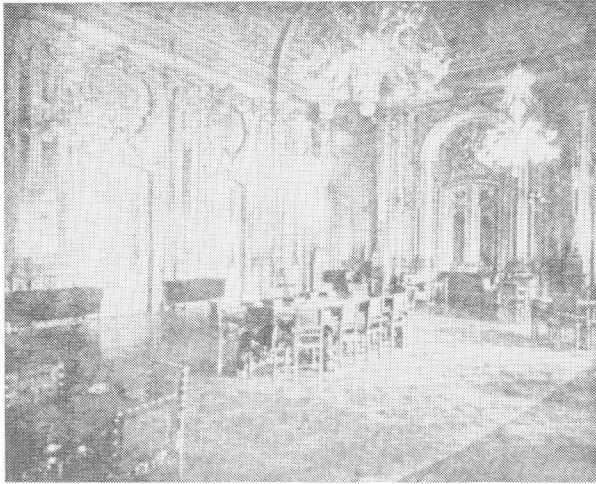


Fig. 34  
Interior do *Maxim's*.

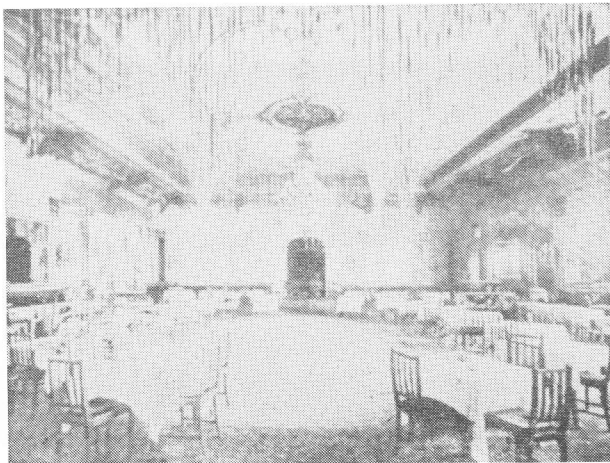


Fig. 35  
Interior do *Maxim's*.



Fig. 36  
Aspecto da escadaria do *Maxim's*.

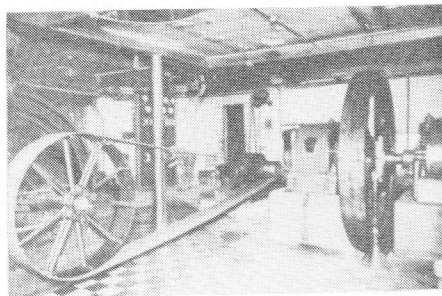


Fig. 37  
Central eléctrica do *Club Maxim's*.

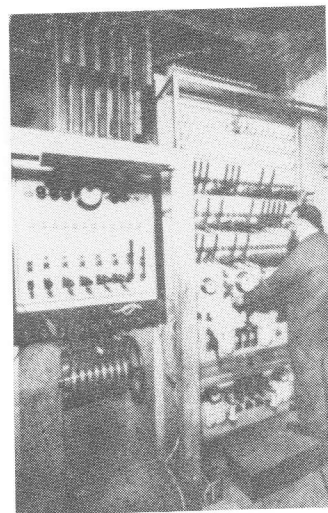


Fig. 38  
Cabine de distribuição, eléctrica  
do *Maxim's*.



Fig. 39

Aspecto da entrada actual do antigo *Bristol Club* (R. Jardim do Regedor, 7).



Fig. 40  
Aspecto de decoração  
interior do *Bristol Club*:  
«O Homem das Louças»,  
de Eduardo Viana.

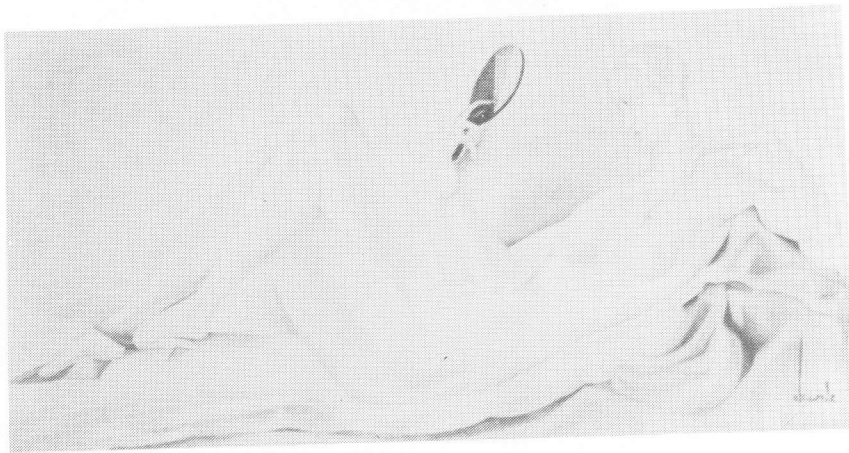


Fig. 41  
Pintura decorativa de Nú, de Almada Negreiros, que existia no *Bristol Club*.

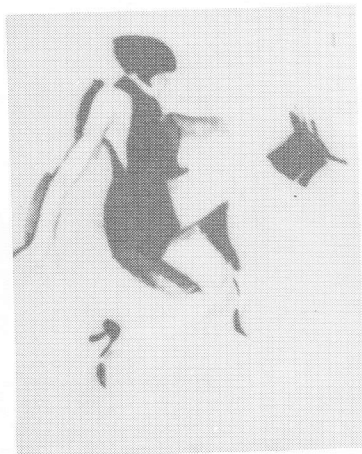


Fig. 42



Fig. 43

Aspectos da decoração modernista do *Bristol Club*.



Aspecto da entrada actual do antigo *Club Monumental* (Casa do Alentejo, R. da Portas de Santo Antão).

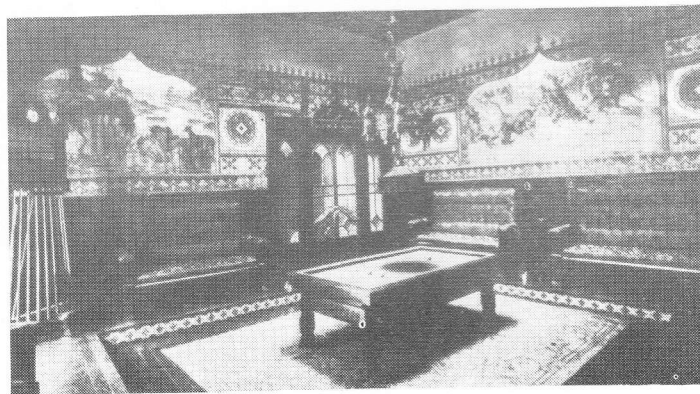


Fig. 45

A Sala de Bilhar do *Club Monumental*, decorada com «panneaux» de Jorge Colaço.



Fig. 46

A sala de pequenos jogos de divertimento do *Club Monumental*.

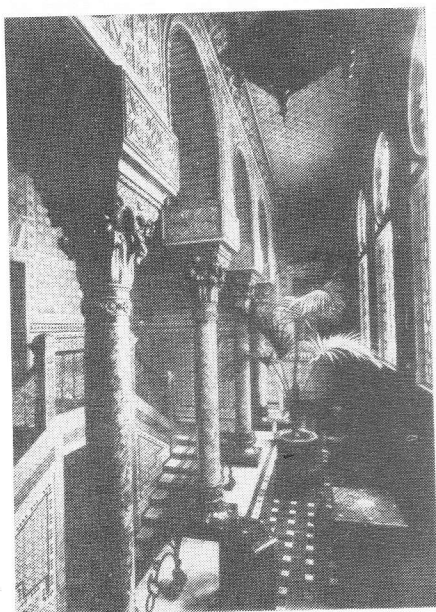


Fig. 47

A escadaria principal, em estilo árabe, do *Club Monumental*.

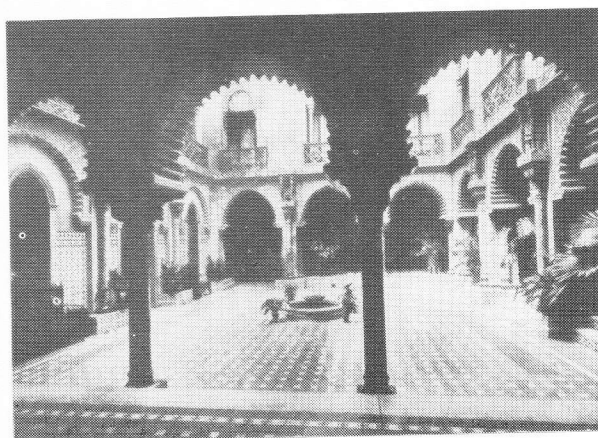


Fig. 48

Átrio do *Club Monumental*



Fig. 49

Sala de restaurante do *Club Monumental*

## OUTROS CLUBES NOCTURNOS



Fig. 50

Aspecto actual do edifício do *Club Internacional*  
(R. 1.º Dezembro, 59).

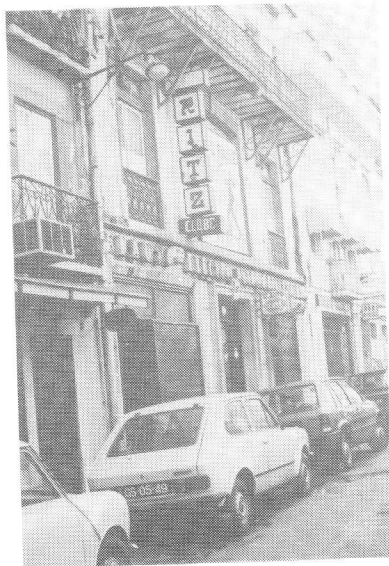


Fig. 51

52. Aspecto actual do *Club das Avenidas*  
(Av. da República, 96).



Fig. 52

Aspecto actual do *Club Montanha*,  
actualmente *Ritz Club*  
(R. da Glória, 28).

ANEXO IV  
COMEMORAÇÕES, FESTAS, ETC.

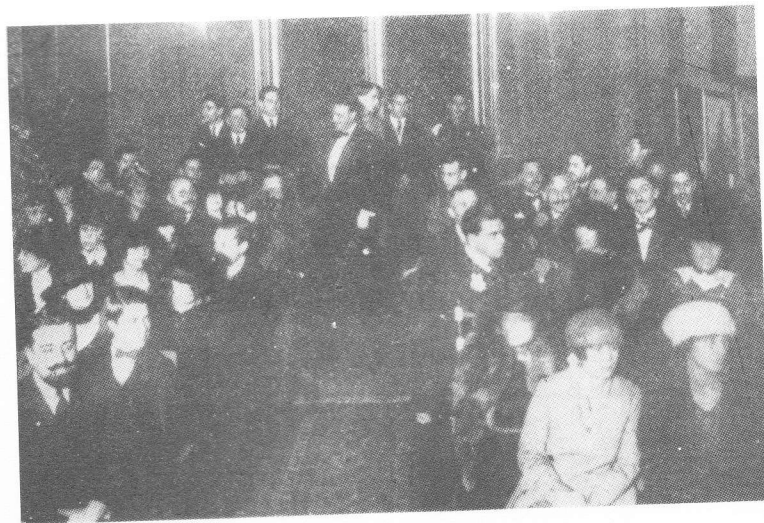


Fig. 53

Aspecto de uma *matinée* infantil no *Monumental Club*..

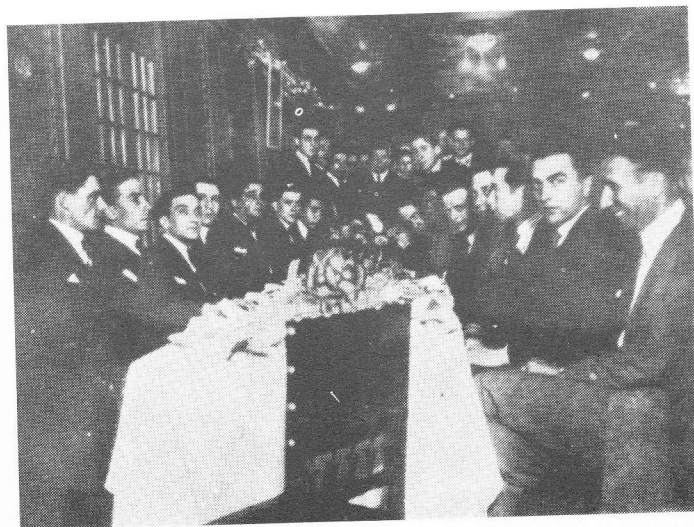


Fig. 54

Aspecto do banquete oferecido pelos admiradores do ilustre reporter e que se realizou no Bristol Club presidido por Mimon Anahory director gerente do *ABC*. Efusivamente foram saudados pelos artistas da geração moderna Reynaldo Ferreira e a nossa revista.



Fig. 55

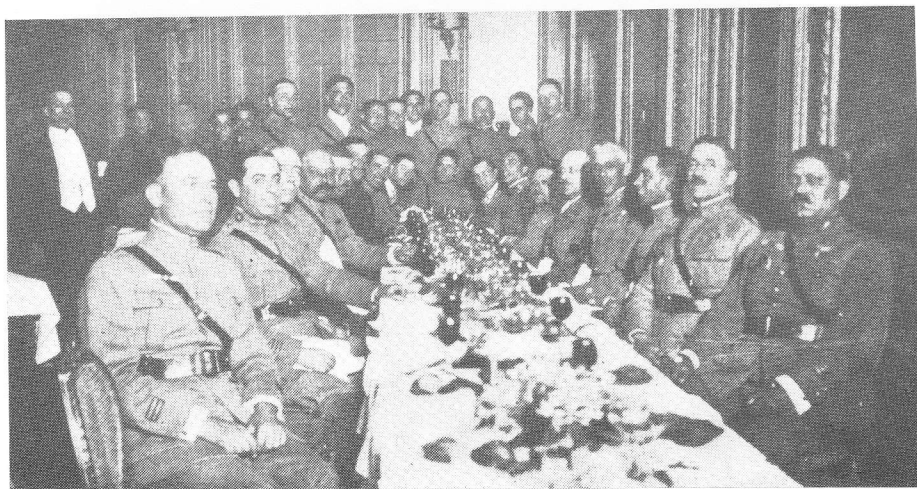


Fig. 56

**Uma festa de confraternização militar**

No austuoso Monumental Club, reuniram-se ha dias os oficiais de cavalaria 2 num banquete de confraternização que decorreu mais uma franca e real comaradagem. Um aspecto de assistência do banquete.



Fig. 57

**Congresso de hidrologia — dois banquetes internacionais**

Em cima, um aspecto do banquete de confraternização realizado no *Maxim's* e em baixo um aspecto do banquete oferecido pelo Sr. Ministro da Marinha aos congressistas e membros do corpo diplomático no salão nobre do Monumental.



Fig. 58

O «Baile das Artes», no *Maxim's*.



Fig. 59

○ Carnaval no *Maxim's*.

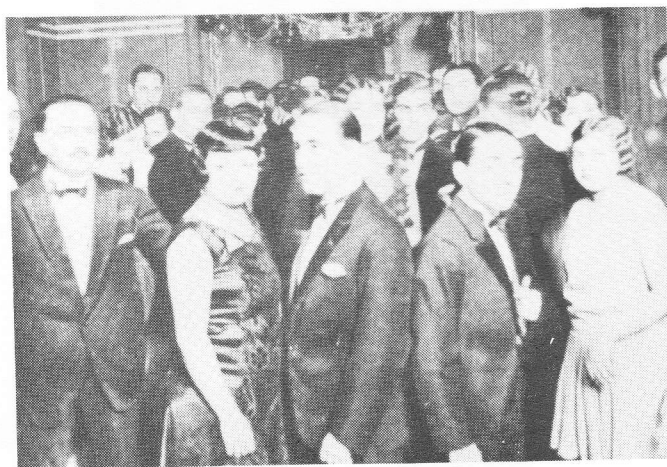


Fig. 60

«As agradáveis noites do *Maxim's*»



Fig. 61



... a hora do «champagne»,  
na folia dourada do Maxim's  
ao som do jazz-band, entre  
serpentina e focos electricos...

Fig. 62

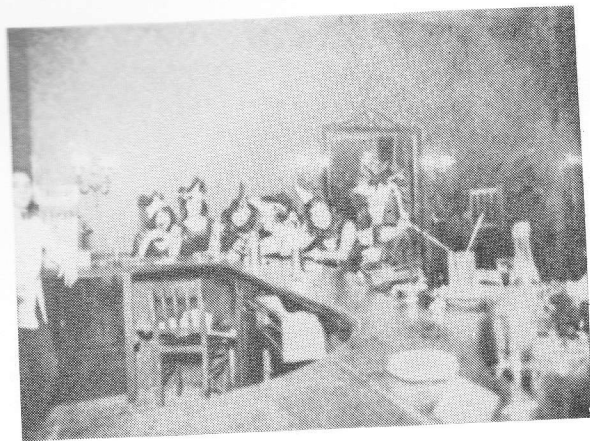


Fig. 63  
O bar do *Maxim's*



Fig. 64  
Um número de variedades no salão do *Maxim's*.



Fig. 65



Fig. 66



Fig. 67

## ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

1. *Domingo Ilustrado*, 16-1-27, capa.
2. *Domingo Ilustrado*, 19-4-25, contra-capa.
3. *ABC a Rir*, 24-9-21, p. 13.
4. *ABC*, 27-1-27, p. 2.
5. *Domingo Ilustrado*, 28-12-30, pp. 22, 31, 32, 45.
6. *Domingo Ilustrado*, 20-9-25, contra-capa.
7. *ABC a Rir*, 21-1-22, capa.
8. *ABC a Rir*, 10-9-21, p. 3.
9. *Domingo Ilustrado*, 1-5-27, capa.
10. *Domingo Ilustrado*, 1-5-27, p. 4.
11. *ABC*, 9-6-27, capa.
12. *ABC*, 3-2-27, capa.
13. *Domingo Ilustrado*, 13-9-25, contra capa.
14. *ABC*, 3-3-27, capa.
15. *ABC*, 21-7-27, capa.
16. *ABC*, 21-4-27, capa.
17. *ABC*, 10-3-27, capa.
18. *ABC*, 31-3-27, capa.
19. *ABC*, 7-7-27, capa.
20. *ABC a Rir*, 18-7-21, p. 8.
21. *Domingo Ilustrado*, 14-11-26, capa.
22. *ABC*, 22-9-27, capa.
23. *ABC*, 2-6-27, capa.
24. *Domingo Ilustrado*, 8-5-27, p. 10.
25. *ABC a Rir*, 9-7-21, p. 8.
26. *ABC*, 14-7-27, capa.
27. *Domingo Ilustrado*, 1-3-25, capa.
28. *Domingo Ilustrado*, 26-4-25, contra capa.
29. *Domingo Ilustrado*, 28-2-26, contra capa.
30. *Domingo Ilustrado*, 24-10-26, capa.
31. Foto actual.
32. *Notícias Ilustrado*, 29-12-29, p. 12.
33. *Notícias Ilustrado*, 29-12-29, p. 13.
34. *Album de Portugal*, I, p. 69.
35. *Album de Portugal*, I, p. 70.
36. *Notícias Ilustrado*, 28-12-30, p. 28.
37. *Notícias Ilustrado*, 29-12-29, p. 13.
38. *Notícias Ilustrado*, 29-12-29, p. 13.
39. Foto actual.
40. «O Homem das Louças», de Eduardo Viana *História de Arte em Portugal*, Publ. Alfa, vol. 12, fase, 127, p. 96).
41. «Pinture decorativa de Nú», de Almada Negreiros (*História da Arte em Portugal*, Publ. Alfa, vol. 12, fase, 127, p. 97).
42. *Notícias Ilustrado*, 24-2-29, p. 9.
43. *Notícias Ilustrado*, 24-2-29, p. 9.
44. Foto actual.
45. *ABC*, 2-12-29, p. 21.
46. *ABC*, 2-12-29, p. 22.
47. *ABC*, 2-12-29, p. 29.
48. *ABC*, 23-12-20, p. 15.
49. *Contemporânea*, n.º 1, III série, Maio 1926.
50. Foto actual.
51. Foto actual.
52. Foto actual.
53. *ABC*, 20-8-25, p. 5.
54. *ABC*, 10-2-21, p. 20.
55. *Notícias Ilustrado*, 14-12-30, p. 11.
56. *ABC*, 24-3-27, p. 18.
57. *ABC*, 23-10-30, p. 1.
58. *ABC*, 21-4-29, p. 4.
59. *Notícias Ilustrado*, 28-12-30, p. 20.
60. *Notícias Ilustrado*, 2-3-30, p. 21.
61. *Notícias Ilustrado*, 17-2-29, p. 20.
62. *Notícias Ilustrado*, 10-2-26, p. 16.
63. *Notícias Ilustrado*, 28-12-30, p. 20.
64. *Notícias Ilustrado*, 28-12-30, p. 21.
65. *Notícias Ilustrado*, 21-4-29, p. 5.
66. *Notícias Ilustrado*, 21-4-29, p. 5.
67. *Notícias Ilustrado*, 21-4-29, p. 5.

LUCIFER EDIÇÕES

